

SANDRA BROWN

Como água de chuva



ROCCO EDITORE



Sandra Brown

COMO ÁGUA DE CHUVA

Tradução
Maria Clara de Biase

*Para meu pai, que inspirou a história,
e meu marido, que me inspirou.*

SUMÁRIO

Agradecimentos

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Epílogo

Créditos

A autora

AGRADECIMENTOS

Escrevi *Como água de chuva* entre dois livros sob contrato. Trabalhei nele quando tinha tempo, e ansiava por trabalhar quando não tinha. Nenhum de meus parceiros comerciais soube que eu o estava escrevendo até que ficou pronto. Como é muito diferente do que tenho escrito nos últimos vinte anos, eu o apresentei, receosa, sem saber ao certo como seria recebido.

Pela reação extremamente positiva à história e às possibilidades que representava, tenho de agradecer a estas pessoas: o primeiro leitor de *Como água de chuva*, meu marido, Michael Brown; minha agente, Maria Carvainis; minha editora, Marysue Rucci; os editores Carolyn Reidy, David Rosenthal e Louise Burke; a editora associada, Aileen Boyle; a diretora de publicidade, Tracey Guest, e todo o pessoal da Simon & Schuster e Pocket Books que se empenhou, com energia e entusiasmo, em ver este livro publicado.

PRÓLOGO

— Por acaso seu relógio de bolso está à venda?

O velho homem ergueu a cabeça. A mulher que perguntava sobre seu relógio estava inclinada sobre o balcão de vidro que os separava. Dentro do balcão havia caixas de rapé, alfinetes de chapéu, navalhas com cabos de osso, saleiros com delicadas colheres de prata esterlina e várias joias recém-adquiridas em uma venda em garagem.

Mas a mulher estava interessada no relógio.

Ele calculou que marido e mulher estivessem por volta da casa dos quarenta. Para eles, o relógio de ouro devia parecer elegante e raro, rockwelliano. O casal vestia-se com a elegância dos membros dos clubes de campo. Ambos estavam bronzeados e formavam um belo par, o homem tão atraente quanto a esposa.

Eles chegaram em um automóvel esportivo reluzente que parecia deslocado no cinzento estacionamento de cascalho na frente do antiquário. Na meia hora em que estavam ali, vários objetos no estoque atraíram seu interesse. As coisas que decidiram comprar eram de boa qualidade. Como indicava a aparência, seu gosto era seletivo.

O velho estava anotando os objetos em um recibo de vendas quando a cliente fez a pergunta sobre o relógio de bolso. Ele pôs a mão protetoramente sobre onde o relógio repousava em seu colete e sorriu.

— Não, senhora. Eu não poderia me separar do meu relógio.

Ela demonstrava a confiança de uma mulher bonita acostumada a seduzir as pessoas com seu sorriso.

— Por preço nenhum? Não se veem relógios de bolso como esse hoje em dia. Os novos parecem... bem, novos. O brilho os faz parecer falsificados e baratos, não é? Uma pátina, como no seu, lhes dá personalidade.

O marido, que estivera olhando as estantes, se juntou a eles no balcão de vidro. Como a esposa, inclinou-se sobre o balcão para examinar melhor o relógio.

— Ouro 24 quilates?

— Imagino que sim, mas nunca mandei avaliar.

— Eu o compraria mesmo sem ter sido avaliado — comentou o homem.

— Eu não cogitaria vendê-lo. Sinto muito. — O dono da loja se inclinou

sobre o balcão e continuou a anotar cuidadosamente as compras. Às vezes, a artrite nos nós de seus dedos tornava a escrita difícil, mas que lugar um computador tinha em um antiquário? Além disso, ele não confiava nos computadores.

Ele fez as contas à moda antiga, somando e chegando ao total.

— Com os impostos, são 367,41.

— Parece justo. — O homem tirou um cartão de crédito de uma pequena carteira de crocodilo e o deslizou por cima do balcão. — Acrescente duas garrafas de Evian, por favor. — Ele foi até a geladeira expositora com porta de vidro. Ela também ficava deslocada em um antiquário, mas os clientes sedentos ficariam mais tempo na loja se houvesse bebidas, por isso a geladeira era a única pequena concessão do proprietário à modernidade.

— É por conta da casa — disse ele a seu cliente. — Sirva-se.

— É muita gentileza sua.

— Posso me dar a esse luxo — disse ele com um sorriso. — Essa é minha maior venda única da semana.

O homem pegou duas garrafas de água na geladeira, entregou uma à esposa e assinou o recibo do cartão de crédito.

— A interestadual traz muito movimento para o senhor?

O dono da loja fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Pessoas que não estão com pressa de chegar ao seu destino.

— Nós vimos seu outdoor — disse a mulher. — Ele chamou nossa atenção e nos fez pegar a saída.

— O aluguel daquele outdoor é muito caro. Fico feliz em saber que está funcionando. — Ele começou a embrulhar cuidadosamente as compras em folhas de papel de seda.

O homem olhou através da loja para o estacionamento vazio, exceto pelo seu beerrão de gasolina, e perguntou um pouco hesitantemente:

— Os negócios vão bem?

— Razoavelmente. A loja é mais um hobby do que qualquer outra coisa. Ela me mantém ativo, mantém minha mente aguçada. É algo para fazer em minha aposentadoria.

— Em que ramo o senhor estava?

— Têxtil.

— O senhor sempre se interessou por antiguidades? — perguntou a mulher.

— Não — admitiu ele timidamente. — Como a maioria das coisas na vida, isto — ele ergueu as mãos para indicar a loja — aconteceu inesperadamente.

A mulher puxou para frente um banco alto e se sentou.

— Parece que o senhor tem uma história para contar.

O homem sorriu, satisfeito com o interesse dela e a oportunidade de conversar.

— Os móveis eram da casa da minha mãe e estavam no depósito havia anos. Quando eu me aposentei e tive tempo de organizar tudo, percebi que não tinha nenhuma utilidade para a maioria dos objetos, mas que outras pessoas poderiam ter. Então comecei a vender porcelanas e enfeites. Aos poucos, em mercados das pulgas nos fins de semana e coisas desse tipo. Eu não era muito ambicioso, mas descobri que era um bom comerciante.

“Logo os amigos e conhecidos começaram a me trazer objetos para vender em consignação. Antes que eu o percebesse, estava sem espaço na garagem e tive de alugar este prédio.”

Ele balançou a cabeça, rindo.

— Eu me tornei um antiquário por acaso. Mas gosto disso. — Sorriu para o casal. — Isso me mantém ocupado, me impede de gastar dinheiro e me faz conhecer pessoas gentis como vocês. Onde vocês moram?

Eles lhe disseram que eram de Tulsa e tinham ido a San Antonio passar um fim de semana prolongado jogando golfe com amigos.

— Não temos pressa de chegar em casa; por isso, quando vimos seu outdoor, decidimos parar e dar uma olhada. Estamos mobiliando nossa casa no lago com antiguidades e objetos rústicos.

— Estou feliz por terem parado. — Ele entregou um cartão de visita com o logotipo da loja para a mulher. — Se vocês mudarem de ideia sobre aquela terrina Spode que passaram tanto tempo considerando, me telefonem. Eu a enviarei.

— Pode ser. — Ela passou o dedo sobre o nome em relevo no cartão e o leu em voz alta: — Solly's. Esse é um nome incomum. Primeiro ou último?

— Primeiro. A forma curta de Salomão, o rei sábio do Antigo Testamento. — Ele sorriu tristemente. — Já me perguntei muitas vezes se minha mãe se arrependeu dessa escolha.

— É a segunda vez que o senhor menciona sua mãe. — O sorriso da mulher era ainda mais amigável, até mesmo mais bonito, quando ela não o estava usando para seduzir. — O senhor deve ter sido muito ligado a ela. Quero dizer, presumo que sua mãe não esteja mais viva.

— Ela morreu no final da década de 1960. — Ele refletiu sobre o quanto isso devia parecer distante para aquele casal. Nessa época provavelmente eles eram bebês. — Minha mãe e eu éramos muito ligados. Sinto falta dela até hoje. Era

uma mulher adorável.

— O senhor é de Gilead?

— Nasci aqui, em uma grande casa amarela que pertenceu a meus avós maternos.

— O senhor tem uma família?

— Minha esposa morreu há oito anos. Tenho dois filhos, um homem e uma mulher. Ambos moram em Austin. Entre eles, deram-me seis netos, o mais velho dos quais está para se casar.

— Nós temos dois filhos — disse a mulher. — Ambos estudam em Oklahoma.

— Os filhos são uma alegria.

A mulher riu.

— E também um desafio.

O marido estivera acompanhando a conversa enquanto examinava os livros na estante.

— Essas são primeiras edições.

— Todas autografadas e em ótimas condições — disse o dono da loja. — Eu as comprei em uma venda em garagem, pouco tempo atrás.

— Uma coleção impressionante. — O homem passou o dedo pelas lombadas dos livros enfileirados. — *A sangue-frio*, de Truman Capote. Um Steinbeck. Norman Mailer. Thomas Wolfe. — Ele se virou para o comerciante e sorriu. — Eu devia ter deixado meu cartão de crédito lá fora.

— Também aceito dinheiro.

O cliente riu.

— Aposto que sim.

Sua mulher acrescentou:

— Por tudo, exceto seu relógio de bolso.

O velho deslizou a corrente pela casa do botão em seu colete e segurou o relógio na palma da mão em concha. Não havia se atrasado nem um segundo desde que lhe dera corda pela última vez. O tempo havia amarelado o mostrador branco, mas a leve descoloração o fazia parecer mais valioso. Os ponteiros pretos eram finos como os filamentos de uma teia de aranha. O ponteiro longo tinha uma ponta em flecha.

— Eu não o venderia por preço nenhum, senhora.

Ela disse, com suavidade:

— É inestimável para o senhor.

— No sentido mais estrito.

— Qual é a idade dele? — perguntou o homem.

— Não sei ao certo — respondeu o dono da loja —, mas a idade não é o que o torna importante para mim. — Ele virou o relógio e estendeu a mão para que pudessem ver a inscrição na parte de trás da caixa de ouro.

— Onze de agosto de 1934 — leu a mulher em voz alta. Então, olhando de novo para ele, perguntou: — O que isso comemora? Um aniversário? Um aniversário de casamento? Algo excepcional?

— Excepcional? — O velho sorriu. — Não particularmente. Apenas muito especial.

Quando Ella Barron acordou, naquela manhã, não esperava que o dia fosse muito importante.

Seu sono fora interrompido por uma premonição subconsciente. Não houvera nenhuma mudança no tempo, nenhuma alteração súbita na atmosfera e nenhum som incomum para sobressaltá-la.

Como na maioria das manhãs, o sono a deixou gradualmente meia hora antes de o dia nascer. Ella bocejou e se espreguiçou, seus pés procurando pontos frescos entre os lençóis. Mas cochilar de novo estava fora de questão. Dar-se a esse luxo nunca teria passado por sua mente. Tinha responsabilidades, tarefas que não podiam ser evitadas ou mesmo adiadas. Ficou na cama apenas o suficiente para se lembrar de que dia da semana era. Dia de lavar roupa.

Ella arrumou rapidamente a cama e depois foi olhar Solly, que ainda dormia profundamente.

Vestiu-se com a costumeira eficiência. Sem tempo para vaidade, torceu apressadamente os longos cabelos em um coque atrás da cabeça e os prendeu com grampos. Depois saiu do quarto e foi para a cozinha, andando sem fazer barulho para não acordar os outros na casa.

Esse era o único momento do dia em que a cozinha estava silenciosa e fresca. Com o passar do dia, calor era produzido pelo fogão. O calor lá fora entrava pela porta de tela e pela janela acima da pia. A própria energia de Ella agia como um gerador.

Proporcionalmente ao termômetro, o nível de ruído aumentava, de modo que, quando chegava a hora da ceia, a cozinha — o coração da casa — tinha assumido uma vida pulsante própria e só repousava e refrescava depois que Ella apagava a luz no teto pela ultima vez, frequentemente horas após seus hóspedes terem ido dormir.

Nessa manhã, ela não parou para aproveitar o relativo frescor ou silêncio. Colocou seu avental, acendeu o fogão, pôs a água do café para ferver e depois preparou a massa dos biscoitos. Margaret chegou na hora certa e, depois de tirar e pendurar seu chapéu no gancho do lado de dentro da porta e aceitar agradecidamente uma xícara de estanho de Ella, foi novamente lá fora para encher a máquina de lavar para o primeiro fardo de roupas.

A perspectiva de comprar uma máquina de lavar elétrica era tão remota que Ella nem sonhava com isso. Em seu futuro próximo, deveria continuar a usar a máquina a manivela que fora de sua mãe. A espuma de sabão e água do enxágue na tina escoavam para uma vala ao lado do balcão que abrigava a máquina.

Em um dia de verão como o de hoje, o galpão se tornava sufocante no meio da manhã. Mas a roupa molhada parecia ainda mais pesada quando as mãos estavam esfoladas e dormentes devido ao frio, durante os meses de inverno. Em qualquer estação, os dias de lavar roupa eram temidos. Ao cair da noite, as costas dela estariam doendo.

Solly, ainda de pijama, entrou na cozinha enquanto ela fritava bacon.

O café da manhã era servido às oito horas.

Às nove, todos já tinham sido alimentados e os pratos estavam limpos, secos e guardados. Ella pôs uma panela com folhas de mostarda no fogão para ferver em fogo brando durante todo o dia, cozinhou uma panela de amido Faultless e depois saiu, levando Solly com ela, para pendurar o primeiro cesto de roupas que Margaret havia lavado, enxaguado e torcido.

Eram quase 11 horas quando Ella entrou para ver as coisas na cozinha. Quando estava acrescentando um pouco mais de sal às verduras, alguém puxou o sino na porta da frente. Enquanto andava pelo vestíbulo central obscurecido, ela enxugou as mãos no avental e olhou de relance para o espelho na parede. Seu rosto estava corado e úmido do calor, e seu coque pesado desafiara os grampos, deixando os cabelos escorregarem para a nuca, mas ela seguiu na direção da porta sem parar para arrumá-los.

Do outro lado da soleira, olhando-a com os olhos semicerrados através da porta de tela, estava o dr. Kincaid.

— Bom-dia, sra. Barron.

O chapéu de palha branco do dr. Kincaid tinha uma fina faixa de tecido vermelho, riscada por gerações de manchas de suor. Ele o tirou e segurou contra o peito de um modo um tanto fidalgo.

Ella ficou surpresa em ver o médico em sua varanda, mas nada sinalizava que esse seria um dia extraordinário.

O consultório do dr. Kincaid ficava no centro da cidade, na rua Hill, mas ele também atendia em casa, geralmente fazendo partos e às vezes para impedir que um paciente com uma doença contagiosa a espalhasse por Gilead, sua cidade de dois mil habitantes.

A própria Ella chamara o médico em sua casa há alguns anos, quando um de seus hóspedes caiu da cama no meio da noite. O sr. Blackwell, um idoso que felizmente ficara mais constrangido do que machucado, protestou mesmo

quando o dr. Kincaid concordou com Ella que ele devia ser cuidadosamente examinado, apenas por precaução. O sr. Blackwell não morava mais com ela. Logo após aquele incidente, sua família o levava para um lar de idosos em Waco. O sr. Blackwell também havia protestado inutilmente contra sua mudança involuntária.

Algum dos hóspedes teria chamado o médico hoje? Pouco na casa passava despercebido de Ella, mas ela havia ficado do lado de fora durante a maior parte da manhã, por isso era possível que uma das irmãs tivesse usado o telefone sem seu conhecimento.

— Bom-dia, dr. Kincaid. Alguma das Dunne mandou chamá-lo?

— Não. Não estou aqui para atender a um chamado.

— Então o que posso fazer pelo senhor?

— Cheguei em uma má hora?

Ela pensou nas roupas empilhadas nos cestos, prontas para ser engomadas, mas o amido precisava de mais algum tempo para esfriar.

— De modo algum. Entre. — Ela ergueu a mão para abrir o trinco e a porta de tela.

O dr. Kincaid virou para sua direita e fez um sinal para aproximação com seu chapéu. Ella só percebeu a presença do outro homem quando ele deu um passo ao redor da grande samambaia ao lado da porta da frente e entrou em seu campo de visão.

Sua primeira impressão dele foi de que era muito alto e magro. Quase se poderia dizer que parecia subnutrido. Usava um terno preto com uma camisa branca e gravata preta, e segurava um chapéu Fedora de feltro preto. Ella achou que as roupas dele pareciam severas e impróprias para uma manhã tão quente, especialmente comparadas com o terno de anarruga e o chapéu do dr. Kincaid.

O médico fez a apresentação:

— Sra. Barron, este é o sr. Rainwater.

O sr. Rainwater inclinou a cabeça.

— Senhora.

Ella se moveu para o lado e lhes fez um sinal para que entrassem. O dr. Kincaid deixou o outro homem ir na frente. Depois de dar alguns passos pelo vestíbulo, ele parou para deixar seus olhos se ajustarem à relativa escuridão. Então olhou ao redor, enquanto passava vagarosamente a aba de seu chapéu por entre seus dedos longos e finos.

— Aqui, por favor. — Ella deu um passo ao redor de seus dois convidados e lhes fez um gesto para que entrassem na sala de estar formal. — Sentem-se.

— Pensamos ter ouvido a campainha da porta.

A voz gorjeante fez Ella se virar. As senhoritas Dunne — Violet e Pearl — estavam em pé na parte inferior da escada. Com seus vestidos estampados em tons pastel e sapatos antiquados, eram praticamente iguais. Ambas tinham uma nuvem de cabelos brancos. Suas mãos venosas e manchadas seguravam lenços combinando com suas roupas, delicadamente embainhados e bordados pela mãe delas, segundo haviam dito a Ella.

Com indisfarçada curiosidade, as duas olhavam para além de Ella, tentando ver os visitantes. Ter visitas era um acontecimento.

— Aquele é o dr. Kincaid? — perguntou Pearl, a mais curiosa das duas. — Olá, dr. Kincaid — disse ela.

— Bom-dia, srta. Pearl.

— Quem está com o senhor? — A srta. Violet franziu as sobrancelhas reprovadoramente para sua irmã. — Estávamos descendo para jogar *gin rummy* até a hora do almoço — sussurrou para Ella. — Vamos incomodar?

— De modo algum.

Ella lhes pediu que usassem a sala de estar informal e as conduziu até lá. Quando estavam sentadas à mesa de jogos, disse:

— Por favor, nos deem licença. — Ela fechou as pesadas portas de correr que dividiam o salão ao meio e foi novamente se juntar aos homens no lado formal, que dava para a varanda da frente. Apesar de seu convite para se sentarem, eles haviam permanecido em pé.

O dr. Kincaid estava se abanando com o chapéu. Ella ligou o ventilador sobre a mesa no canto, dirigiu a corrente de ar para ele e depois indicou aos homens um par de bergères.

— Por favor.

Eles se sentaram quando ela se sentou.

Por ser verão, e dia de lavar roupa, Ella não usava meias naquela manhã. Constrangida com as pernas nuas, cruzou os tornozelos e puxou os pés para baixo da poltrona.

— Gostariam de um pouco de limonada? Ou chá?

— Isso parece ótimo, sra. Barron, mas infelizmente não posso aceitar — disse o médico. — Tenho pacientes para atender na clínica.

Ela olhou para o sr. Rainwater.

— Não, obrigado — disse ele.

Voltar para a cozinha lhe teria dado uma oportunidade de tirar o avental, com uma mancha de água onde havia enxugado as mãos, e de prender melhor seu

coque. Mas como seus convidados não tinham aceitado uma bebida, estava condenada a parecer desmazelada pelo resto da visita, cujo objetivo ainda não fora declarado. Ella se perguntou o que Solly estava fazendo e quanto tempo essa reunião iria durar. Esperava que o sr. Rainwater não fosse um vendedor. Não tinha tempo de ficar sentada ouvindo seu discurso, somente para dizer não ao que quer que ele estivesse vendendo.

O cheiro de folhas de mostarda cozinhando em fogo brando era forte, mesmo na sala de estar da frente. O médico tirou um grande lenço branco do bolso do paletó e o usou para enxugar o suor na cabeça que estava se tornando calva. Uma vespa voou para a tela da janela e continuou tentando furiosamente passar por ela. O zumbido do ventilador parecia tão alto quanto o de uma serra circular.

Ella ficou aliviada quando o dr. Kincaid pigarreou e disse:

— Ouvi dizer que a senhora perdeu uma hóspede.

— Sim. A sra. Morton foi morar com uma irmã doente. Acho que em algum lugar no leste da Louisiana.

— Um bocado longe daqui — observou ele.

— Seu sobrinho veio acompanhá-la até o trem.

— Estou certo de que será bom para ela. Alguém já se interessou pelo seu quarto?

— Ela só foi embora antes de ontem. Não tive tempo para anunciá-lo.

— Bem, isso é bom, isso é bom — disse o médico, começando a se abanar entusiasmadamente, como se estivesse comemorando algo.

Agora entendendo o motivo da visita, Ella olhou para o sr. Rainwater. Ele estava ligeiramente inclinado para frente, com os pés no chão. Ela notou que seus sapatos pretos haviam sido engraxados. Os cabelos fartos e pretos estavam afastados do rosto, mas uma mecha, lisa e brilhante como uma fita de cetim, caía desafiadoramente sobre sua ampla testa. As maçãs do rosto eram pronunciadas e as sobrancelhas, lustrosas e negras como as asas de um corvo. Ele tinha olhos azuis surpreendentes, e estavam fixos nela.

— Está interessado em alojamento, sr. Rainwater?

— Sim, preciso de um lugar para ficar.

— Ainda não tive uma chance de fazer uma boa limpeza no quarto vago, mas assim que estiver pronto ficarei feliz em mostrá-lo ao senhor.

— Não sou detalhista. — Ele sorriu, mostrando dentes muito brancos, embora ligeiramente tortos em cima. — Ficarei com o quarto como está.

— Ah, infelizmente não posso deixar que o ocupe agora — disse ela rapidamente. — Não antes de ter arejado o colchão e as roupas de cama,

esfregado tudo, encerado o chão. Tenho padrões muito altos.

— Em relação aos hóspedes ou à limpeza?

— A ambos.

— Esse foi o motivo de eu tê-lo trazido aqui — apressou-se a dizer o médico.

— Eu disse ao sr. Rainwater que a senhora mantém sua casa imaculada e administra tudo impecavelmente. Sem falar nas ótimas refeições que serve a seus hóspedes. Ele deseja um lugar bem cuidado. Uma casa onde haja paz e silêncio.

Naquele exato momento, da direção da cozinha, veio um barulho terrível, seguido de um grito de gelar o sangue.

Ella se levantou de um pulo.

— Com licença.

Correu para fora da sala de estar e pelo corredor, irrompendo na cozinha, onde Solly estava em pé no meio do chão, gritando o mais alto que podia e segurando seu braço esquerdo longe do corpo, duro como um pedaço de pau.

O amido quente havia se espalhado pelo seu braço, do ombro até o punho. Um pouco respingara em seu peito, colando a camisa de algodão à sua pele. A panela, antes no fogão, agora estava virada no chão. A substância azul pegajosa escorria dela, formando uma grande poça.

Sem se importar com a bagunça, Ella ergueu e abraçou o filho.

— Ah, não, ah, meu Deus! Solly, Solly, ah, querido. Ah, meu Deus!

— Água fria. — O dr. Kincaid tinha corrido para a cozinha logo atrás dela e avaliado imediatamente a situação. Ele a empurrou na direção da pia e abriu a torneira, segurando o braço de Solly sob a água.

— A senhora tem gelo?

O sr. Rainwater fez a pergunta para Margaret, que viera correndo do quintal dos fundos, pedindo a Jesus para acudi-la antes mesmo de saber a natureza da catástrofe.

Como Margaret parecia incapaz de lhe responder, Ella gritou mais alto do que Solly:

— Há gelo na geladeira. Um bloco inteiro que entregaram hoje de manhã.

Ela e o dr. Kincaid continuaram a tentar manter o braço queimado de Solly sob a água fria. Ella jogou água na camisa dele, tentando neutralizar o amido que o queimava através do tecido fino.

Nada disso estava sendo fácil. Eles tinham de lutar com Solly, que agitava o braço direito solto, com frequência batendo dolorosamente em Ella ou no médico. O garoto chutava os pés e também tentava lutar com eles. Várias peças de cerâmica no escorredor na pia foram derrubadas no chão, quebrando no meio da poça cada vez maior de amido.

— Isto vai ajudar. — O sr. Rainwater foi para o lado de Ella com um punhado de gelo recém-quebrado. Enquanto ela e o dr. Kincaid seguravam o

braço de Solly o mais imóvel possível, o sr. Rainwater esfregou o gelo para cima e para baixo do braço da criança, que agora estava com feias manchas vermelhas.

O gelo esfriou as queimaduras, e finalmente Solly parou de gritar, mas continuou a balançar a cabeça ritmicamente. O médico fechou a torneira. Ella notou que as mangas do paletó dele estavam molhadas até os cotovelos, e percebeu que seu avental e vestido também estavam ensopados.

— Obrigada. — Ela pegou o resto de gelo do sr. Rainwater e continuou a esfregá-lo para cima e para baixo do braço de Solly, enquanto o carregava para uma cadeira e se sentava com ele em seu colo. Ela o abraçou e beijou no alto da cabeça, embalando-o bem junto ao peito. Mesmo assim, ele demorou vários minutos para parar com o balanço rítmico da cabeça.

Da porta aberta, as duas solteironas Dunne murmuravam palavras de comiseração e encorajamento.

Margaret segurava a bainha de seu avental junto aos lábios com uma das mãos, a palma rosada da outra erguida suplicantemente na direção do teto. Chorava alto e rezava lastimosamente:

— Jesus, ajude este pobre bebê. Senhor Jesus, ajude esta criança.

Ella ficou grata pelas orações de Margaret e esperou que o Senhor estivesse ouvindo, mas a prece em voz alta estava aumentando a confusão.

— Margaret, por favor, me traga uma daquelas balas em bastão — disse ela.

Seu tom calmo interrompeu a fervorosa ladainha de Margaret. Ela parou de orar, alisou seu avental de volta ao seu lugar e foi para a despensa, onde Ella guardava um pote de balas em bastão escondido atrás de latas de farinha e açúcar. Se Solly visse as balas, as exigiria se deitando no chão e esperneando até ficar exausto ou exaurir Ella a ponto de ela ceder apenas para restabelecer a paz.

As balas em bastão eram reservadas para momentos de crise. Como este.

Margaret estava contendo soluços.

— A culpa é minha. Ele estava brincando na terra. Sabe como ele gosta de cavar com aquela grande colher de pau? Eu lhe dei as costas pelo que não pode ter sido mais de um minuto, para pendurar aquele lençol no varal. A próxima coisa que sei foi que ele estava gritando dentro da casa. Sinto muito, srta. Ella. Eu...

— Não foi culpa sua, Margaret. Sei como ele pode desaparecer rápido.

Margaret murmurou algo sobre como a culpa era dela enquanto trazia o pote de balas da despensa, levantava a tampa de metal e o estendia para Solly.

— Margaret nunca vai se perdoar por isso. Não, não vai. De que sabor você

quer, querido?

Solly ignorou Margaret, por isso Ella escolheu para ele um bastão branco com listras cor de laranja. Não o entregou diretamente para o filho, mas o pôs sobre a mesa. Solly o pegou e começou a chupá-lo. Todos na cozinha suspiraram aliviados.

— Deixe-me dar uma olhada nas queimaduras.

— Não. — Ella ergueu sua mão para evitar que o médico se aproximasse e agitasse Solly de novo. — As manchas não estão empolando e o amido estava esfriando há mais de duas horas. Não estava tão quente. Quando Solly puxou a panela do fogão e o amido derramou nele, acho que ficou mais assustado do que qualquer outra coisa.

— Ainda bem que não...

O comentário da srta. Pearl foi bruscamente interrompido, provavelmente quando ela ganhou uma cotovelada nas costelas de sua irmã mais discreta. Mas Ella sabia o que a srta. Pearl estava pensando, o que todos, inclusive ela, estavam pensando: ainda bem que Solly não puxara a panela de verduras ferventes.

Ella passou a mão sobre a cabeça do filho, mas ele esquivou-se ao carinho. A rejeição dilacerou seu coração, mas ela olhou para os outros e sorriu bravamente.

— Acho que a crise passou.

— Tenho um pouco de bálsamo na clínica — disse o médico. — Embora a pele não tenha empolado, seria bom mantê-la lubrificada por um ou dois dias.

Ella assentiu com a cabeça e olhou para o sr. Rainwater, que andava de um lado para o outro perto do fogão, como se estivesse se precavendo contra outro acidente.

— O gelo ajudou. Obrigada.

Ele fez um sinal afirmativo com a cabeça.

Ela disse:

— Sobre o quarto...

— Olhe, eu lhe disse que ele era um novo hóspede — disse a srta. Pearl para sua irmã em um sussurro que todos ouviram.

— Com licença, vamos nos ausentar até a hora do almoço. — A srta. Violet agarrou o braço da irmã com força suficiente para fazê-la estremecer e praticamente a arrastou escada acima. A srta. Pearl ainda estava sussurrando excitadamente enquanto elas subiam. — Ele é muito bonito, não acha, minha irmã? Tem as unhas dos dedos muito limpas. Gostaria de saber a qual família pertence.

Ella tirou Solly de seu colo e o colocou na cadeira em que estava sentada.

Fez uma tentativa inútil de afastar os fios de cabelo que haviam se soltado de seu coque. Reagindo à umidade criada pela panela de verduras, seus cabelos tinham formado cachos indisciplinados nos dois lados do seu rosto.

— Como eu estava dizendo, sr. Rainwater, não tive tempo de fazer uma boa limpeza no quarto. Se está querendo se mudar imediatamente...

— Estou.

— Não pode.

— Então, quando posso me mudar?

— Quando o quarto estiver de acordo com meus padrões.

A afirmação pareceu diverti-lo, e ela se perguntou se seu rápido sorriso zombava de seus padrões ou do seu orgulho deles.

De qualquer modo, ficou ressentida:

— Levando-se em conta como foi o último quarto de hora, fico surpresa por ainda estar interessado em um quarto na minha casa, principalmente se está atrás de paz e silêncio. Ainda nem viu o quarto.

— Então vamos dar uma olhada — disse o dr. Kincaid. — Mas realmente tenho de voltar logo para a clínica.

O sr. Rainwater disse:

— Você não tem de ficar, Murdy.

O primeiro nome do dr. Kincaid era Murdock, mas Ella nunca o ouvira ser chamado de Murdy, nem mesmo por amigos íntimos.

— Não, não, quero ajudar como puder. — O médico se virou para Ella. — Sra. Barron?

Ela baixou os olhos para Solly, que comera metade da sua bala em bastão. Margaret, percebendo sua hesitação, disse:

— Vá com os cavalheiros. Ficarei de olho neste garoto. Juro que não tirarei os olhos dele.

Relutantemente, Ella conduziu os homens para fora da cozinha, escada acima, e depois para o quarto no final do corredor. Abrindo a porta, disse:

— Tem uma boa exposição para o sul. Dá para sentir a brisa.

As cortinas finas agora ondulavam à brisa. O papel de parede tinha uma estampa de rosas amarelas, e a cama de ferro parecia pequena demais para o sr.-Rainwater. Na verdade, embora ele fosse magro, o quarto parecia pequeno com ele em seu centro, muito menor do que quando a sra. Morton o ocupara.

Mas ele pareceu não notar ou se importar com a decoração feminina e o tamanho limitado da cama, do quarto ou do estreito armário. Olhou para fora das janelas, fez um sinal afirmativo com a cabeça e depois se virou para Ella e o

médico.

— Isto serve.

— O senhor dividiria um banheiro com o sr. Hastings.

— Chester Hasting — completou o dr. Kincaid. — Um homem extremamente simpático. Ele quase não fica na cidade. É vendedor de artigos de armarinho. Viaja muito.

— Não tenho nada contra dividir um banheiro — disse o sr. Rainwater.

Ao descerem as escadas, Ella lhe disse o preço da pensão completa, e quando chegaram ao térreo ele já havia concordado.

— Esplêndido — disse o dr. Kincaid. — Vou deixar vocês dois tratarem dos detalhes da mudança e tudo o mais.

Ella hesitou e olhou de relance para a cozinha. Margaret estava cantarolando um hino religioso, o que geralmente acalmava Solly. Confortá-lo também a ajudaria a aliviar sua culpa, por isso Ella decidiu que podia dispor de mais alguns minutos.

— Vou levá-los até a porta. — Ela os conduziu até a porta da frente, mas, quando chegou lá, descobriu que apenas o dr. Kincaid a seguira. O corredor atrás deles estava vazio. Presumivelmente o sr. Rainwater fora para a sala de espera e lá estava aguardando para discutir os detalhes de sua nova moradia.

— Podemos conversar por um instante, sra. Barron? — perguntou o dr. Kincaid. Apenas momentos atrás, o médico demonstrara tanta pressa de ir embora que ela o olhou curiosamente enquanto ele abria a porta de tela e a conduzia para a varanda.

O teto formado pelo segundo andar da casa havia armazenado o calor e perfume inebriante das gardênias. O arbusto, carregado de flores de um branco leitoso, crescia em um vaso que Ella mantinha no final da varanda.

Há dois anos ela teve um hóspede que se queixara de que o perfume lhe dava enjoos e dores de cabeça. Ella atribuíra suas dores de cabeça mais ao uísque de milho que ele tomava de um cantil de prata quando pensava que ninguém estava olhando do que ao perfume das flores. Quando o lembrou de que não permitia bebidas alcoólicas em casa, ele se ofendeu:

— Está se referindo ao meu remédio para tosse, sra. Barron?

Fora chamá-lo de mentiroso, ela não poderia tê-lo desafiado mais, porém ele nunca voltou a se queixar das gardênias. Ella ficou aliviada quando ele foi embora e o mais afável sr. Hastings se mudou para a casa.

Novamente o médico enxugou a cabeça calva com o lenço.

— Queria falar com a senhora em particular.

— Sobre Solly?

— Bem, sim.

Eles já haviam falado sobre aquele assunto muitas vezes antes. Preparando-se para uma discussão, ela pôs as mãos na cintura.

— Eu me recuso a interná-lo em um hospício, dr. Kincaid.

— Eu não sugeri...

— Também me recuso a medicá-lo.

— Já me disse isso. Muitas vezes.

— Então pare de tentar me convencer do contrário.

— O que acabou de acontecer...

— Poderia ter acontecido com qualquer criança — disse ela. — Lembre-se de quando o filho de Hinnegar derrubou aquele lampião de querosene sobre si mesmo no inverno passado.

— Aquele garoto tem dois anos, sra. Barron. Solly tem dez.

— O aniversário dele será daqui a meses.

— Está perto o suficiente. — Suavizando seu tom, o médico continuou: — Estou bastante consciente dos riscos inerentes à infância. Baseado no que vi em meus anos de clínica geral, acho surpreendente que qualquer um de nós chegue à idade adulta.

Ele parou, respirou fundo e olhou para ela bondosamente.

— Mas seu filho é particularmente suscetível a contratempos. Mesmo com a idade que tem, Solly não consegue entender os perigos associados a algo como puxar uma panela de amido quente para fora do fogão. E então, quando há um acidente, sua reação é um violento ataque de raiva. Como hoje.

— Ele estava queimado, gritando de dor. Qualquer um teria gritado.

— Estou falando francamente, e por favor não pense que estou sendo insensível ou desnecessariamente cruel. É sua situação que é cruel. De fato, sem medicação para suprimir os... impulsos de seu filho, ele pode se machucar e machucar os outros, principalmente quando estiver no meio de um dos seus ataques.

— Ficarei atenta para que isso não aconteça.

— Não estou questionando o quanto é zelosa...

— Isso não é minha obrigação, é meu privilégio. A administração desta casa é a única coisa que me impede de dedicar todos os meus momentos desperta a Solly. Esta manhã foi uma exceção, não a regra. Fui inesperadamente distraída.

Aquilo foi um lembrete sutil de que ele era responsável por sua distração, mas o médico o ignorou.

— O que me leva ao próximo ponto, sra. Barron. Essa vigilância constante também é prejudicial para *sua* saúde. Por quanto tempo poderá mantê-la?

— Pelo tempo que Solly precisar de supervisão.

— O que provavelmente será pelo resto da vida dele. O que acontecerá quando Solly crescer e não puder mais contê-lo fisicamente?

Ela se forçou a descerrar as mãos. Com uma voz lenta e deliberada, disse:

— As medicações que está sugerindo para suprimir seus impulsos também inibiriam sua capacidade de aprender.

Isso fez os olhos do médico se tornarem ainda mais bondosos, tristes e piedosos.

Ela se sentiu ofendida.

— Sei que duvida da capacidade de aprender de Solly, dr. Kincaid. Eu não duvido. Não lhe roubarei essa oportunidade apenas porque isso tornaria minha vida mais fácil. Não vou drogá-lo para que fique em um estado de estupor, no qual faria pouco mais do que respirar. Que tipo de vida ele teria?

— Que tipo de vida *a senhora* terá? — perguntou ele gentilmente.

Ela se esticou até atingir toda a sua altura. Seu rosto ardia de indignação.

— Fico grata por sua opinião, dr. Kincaid. Mas é apenas isso, uma *opinião*. Ninguém realmente sabe o que Solly é capaz de entender ou reter. Mas, como mãe dele, tenho uma percepção melhor do que ninguém de suas habilidades. Por isso, devo fazer o que acho que é melhor para ele.

Perdendo a batalha, se não a guerra, o médico olhou na direção da moita de esporas que crescia na beira do quintal. Os cachos de flores azuis estavam murchando no calor do meio-dia.

— Mande Margaret buscar aquele bálsamo — disse ele finalmente.

— Obrigada.

— É grátis.

— Obrigada.

A rua estava deserta, exceto por um cão sarapintado de marrom e branco que trotava ao lado de uma carroça dirigida por um homem negro idoso e puxada por um par de mulas que andavam penosamente. O homem tirou o chapéu para eles enquanto a carroça passava. Eles lhe acenaram de volta. Ella não o conhecia, mas o médico o chamou pelo nome e lhe gritou um cumprimento.

— Se isso é tudo, dr. Kincaid, preciso preparar o almoço.

O dr. Kincaid se virou de novo para ela.

— Na verdade, há mais uma coisa, sra. Barron. Sobre o sr. Rainwater.

Além de seu nome e sua disposição de pagar o preço da pensão completa, ela

não sabia nada sobre aquele homem. Estava admitindo-o como hóspede baseada unicamente na recomendação implícita do dr. Kincaid.

— Ele é um homem de bom caráter?

— É um homem de caráter impecável.

— O senhor o conhece há muito tempo?

— Ele é filho do primo falecido da minha esposa. Acho que isso o torna um primo de segundo ou terceiro grau por casamento.

— Achei que pudesse ser um velho amigo ou membro da família. Ele o chamou de Murdy.

O dr. Kincaid assentiu com a cabeça, distraidamente.

— Apelido de família.

— Ele também é médico?

— Não. Era corretor de algodão.

— *Era?* — O sr. Rainwater seria uma vítima da Depressão, um dos milhares de homens desempregados no país? — Se ele está desempregado, como planeja pagar seu aluguel? Não posso me dar ao luxo...

— Ele não está sem dinheiro. Ele... — O médico olhou na direção da carroça que se afastava e continuou a observá-la dobrando a esquina. Voltando-se para Ella, disse: — A verdade é que ele não precisará do quarto em sua casa por muito tempo.

Ella o olhou fixamente, esperando.

Suavemente, o dr. Kincaid disse:

— Ele está morrendo.

— Por favor, sr. Rainwater. Deixe isso.

Ele estava agachado, recolhendo cacos de louça do linóleo da cozinha. Ergueu os olhos para Ella, mas continuou o que estava fazendo.

— Tenho medo de que o garoto se machuque de novo.

— Margaret e eu cuidaremos da bagunça, e de Solly.

Margaret estava no fogão, borrifando a gordura do bacon do café da manhã nas verduras. Solly, sentado em sua costureira cadeira à mesa da cozinha, balançava-se para frente e para trás e manuseava o ioiô que Margaret lhe dera de sua caixa de brinquedos. Enrolava o barbante no dedo indicador, depois o desenrolava. Concentrava-se em enrolar e desenrolar.

A crise havia passado, e ele não parecia estar sofrendo nenhum efeito duradouro, mas como ela saberia se estava? Tinha de interpretar aquela passividade como um bom sinal. Olhando para a cabeça loura abaixada sobre o ioiô, sentiu aquele familiar aperto no peito, uma mistura de amor incondicional e medo de que nem mesmo isso fosse suficiente para protegê-lo.

O sr. Rainwater se levantou e estendeu as mãos. Ella tirou a pá de lixo do prego onde ficava pendurada na parede e a entregou para ele, que, com cuidado, nela depositou os cacos de louça.

— Estes são os cacos maiores. Algumas lascas não consegui tirar do amido.

— Vamos prestar atenção a elas quando fizermos a limpeza.

O sr. Rainwater se virou para a pia, lavou o amido das mãos e as enxugou em um pano de prato. Ella se sentiria constrangida ficando tão à vontade na cozinha de outra pessoa, especialmente uma estranha. Ele não parecia sentir tal constrangimento.

Ella pôs a pá em um canto do chão.

— Margaret, poderia pegar as coisas do almoço enquanto eu converso com o sr. Rainwater?

— Sim, senhora. Quer que eu pegue as do almoço deste bebê também?

— Por favor. Uma laranja descascada e cortada. Um sanduíche de manteiga e geleia de uvas, cortado no meio. Coloque no prato azul que ele gosta.

— Sim, senhora. A senhora atende o cavalheiro aqui. — Ela sorriu para o sr.-

Rainwater, obviamente feliz por ele estar prestes a ser um dos moradores da casa. Sua disposição de ajudar em uma situação de emergência conquistara sua aprovação, que era difícil de obter. — Os lençóis precisam ser pendurados, mas podem esperar até depois do almoço.

— Obrigada, Margaret. — Ela se virou e fez um sinal para o homem ir na direção do corredor. — sr. Rainwater?

— Podemos conversar aqui.

Ella preferia não discutir negócios na cozinha, onde, conforme o esperado, a temperatura subira. Também estava preocupada com os lençóis na tina que precisavam ser passados pelo torcedor, provavelmente duas vezes, antes de ser pendurados no varal para secar. Temia que Margaret tivesse exagerado na gordura do bacon, o que tendia a fazer. Além disso, Margaret era fofqueira. Em várias ocasiões, fora forçada a repreendê-la por partilhar informações pessoais sobre os hóspedes e ela mesma.

Contudo, sua maior preocupação era Solly, embora as marcas vermelhas em sua pele tivessem desaparecido e estivessem quase invisíveis agora e as queimaduras não parecessem estar doendo. Por enquanto, ele estava calmo.

Ela não. O acidente com o amido a deixara esgotada e confusa. Ficara ainda mais abalada com o que o dr. Kincaid lhe dissera sobre o sr. Rainwater. Embora seu sustento dependesse da ocupação total de sua casa, admitir um homem prestes a morrer era uma perspectiva desagradável sob muitos aspectos, um dos mais importantes sendo o de que ela já tinha muito trabalho em manter os outros hóspedes felizes e lidar com Solly.

Contudo, a situação infeliz do sr. Rainwater era o único obstáculo a ele ser um hóspede adequado. Com base apenas nisso, como poderia viver com sua consciência tranquila caso se recusasse a alugar o quarto para ele?

O dr. Kincaid deveria tê-la informado da situação do sr. Rainwater primeiro, antes de ela ter concordado em lhe alugar o quarto. Essa omissão a deixara em uma clara desvantagem, e ele agora a estava pondo em outra ao discutir negócios na presença de sua empregada tagarela.

Tentando não deixar transparecer seu ressentimento, ela disse:

— O senhor encontrará envelopes na gaveta de sua mesa de cabeceira. Há uma caixa de coleta do aluguel em uma mesa debaixo da escada. Eu recolho o aluguel todas as segundas-feiras, mas o senhor me pagará a primeira semana adiantado antes de se mudar. Isso está bom para o senhor?

— Sim. Ótimo.

— Para evitar confusão, não se esqueça de escrever seu nome no envelope antes de deixá-lo na caixa.

— Não me esquecerei.

Sabendo o que acabara de fazer, Ella achou o olhar fixo do sr. Rainwater ainda mais perturbador. Ficou aliviada quando Margaret atraiu a atenção dele.

— Aqui, meu querido. Aqui está seu almoço, exatamente como você gosta. — Ela colocou o prato azul sobre a mesa, na frente de Solly.

Solly não reagiu a Margaret nem à comida. Continuou a se balançar e enrolar o barbante do ioiô no dedo.

— Sobre as refeições — disse Ella, atraindo a atenção do sr. Rainwater de volta para ela. — Um café da manhã completo é servido todos os dias às oito horas, mas o senhor pode tomar café aqui na cozinha antes disso. O jantar é às seis e meia. Para não desperdiçar comida, gostaria de ser avisada se planejar fazer alguma refeição fora.

— Duvido que eu faça alguma refeição fora.

Se ele não estivesse lá, Ella teria tirado os grampos do coque e soltado os cabelos. O coque havia escorregado mais para baixo do seu pescoço, onde pesava e a esquentava.

— No almoço, sirvo apenas frios, queijo e frutas. Às vezes, sobras. — Ela apontou na direção de Margaret, que desembrulhava fatias de presunto de papel parafinado. — O almoço é posto na mesa de jantar entre meio-dia e uma hora, e quem chegar primeiro come primeiro. — Ela olhou de relance para o relógio de parede. — Estou um pouco atrasada hoje, mas, de qualquer maneira, as Dunne raramente comem mais do que um pedaço de fruta, e o sr. Hastings está fora da cidade.

— São os únicos hóspedes, além de mim?

Ela fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— As irmãs dividem o quarto maior, no corredor, do lado oposto ao seu. O Hastings fica no quarto no alto da escada.

— E a senhora e Solly?

— Aqui, no térreo. No domingo — disse ela rapidamente —, sirvo a refeição principal às duas horas. Isso me dá tempo para voltar da igreja. A ceia de domingo fica por conta de cada um, mas a cozinha permanece aberta para uso. Só peço que a limpe depois de usá-la.

— É claro.

— Há alguma coisa que não possa comer? — Ella perguntava isso a todos os seus novos hóspedes, embora ele pudesse achar que lhe perguntara devido à sua doença.

Como se adivinhasse seus pensamentos, ele deu um tímido sorriso.

— Posso comer de tudo, e não tenho um gosto exigente.

— Tem alguma pergunta a fazer?

— Quando posso me mudar?

Evitando por enquanto responder, ela continuou:

— A roupa de cama é trocada uma vez por semana. Peço-lhe que use apenas três toalhas entre os dias de lavar roupa. Mantenha o banheiro arrumado como uma cortesia para o sr. Hastings. Ele deve fazer o mesmo pelo senhor. Se tiver alguma reclamação, traga-a para mim.

“Não permito bebidas alcoólicas em casa. Espero a cortesia e sensibilidade básicas para a privacidade e o conforto dos outros hóspedes. Se tiver visitas, pode recebê-las na sala de estar formal, mas, por favor, me avise. Podem ser providenciados refrescos para os convidados. Mediante o pagamento de uma taxa, pode ter um convidado para jantar, mas apenas se eu for informada com antecedência.”

— Não terei nenhuma visita e nenhum convidado para jantar.

Os olhos dele brilhavam com muita intensidade e eram tão azuis quanto a luz do piloto do fogão. Detiveram-se nela por um momento, e depois ela desviou os olhos.

— Eu lhe darei o número da caixa postal para que possa dá-lo a seus parentes e amigos.

— Ficarei muito surpreso se receber qualquer correspondência.

— Bem, caso receba, só eu tenho a chave da caixa. Deixarei a correspondência em seu quarto. Pode confiar na minha descrição.

— Sei que sim.

— Tudo isso lhe parece aceitável, sr. Rainwater?

Após ter esperado pacientemente que ela apresentasse as regras da casa, ele repetiu:

— Quando posso me mudar?

Era a terceira vez que perguntava. Isso era compreensível. O tempo seria um problema para um homem para quem, segundo o dr. Kincaid, o tempo era curto.

— Terça-feira.

— Hoje é quinta.

— Como expliquei, o quarto precisa ser limpo. O senhor pode continuar com o doutor e a sra. Kincaid até o quarto ficar pronto?

— Já estou com eles há duas noites. Foram muito hospitaleiros e me deixaram usar o quarto dos seus filhos. Mas os garotos estão tendo de dormir em catres na sala de estar, o que é inconveniente para todos. Eu gostaria de me

mudar no máximo amanhã.

— O quarto ainda não estará pronto amanhã. Hoje é dia de lavar roupa. Margaret e eu não podemos adiar a lavagem para preparar o quarto para o senhor. A mobília tem de ser retirada para o chão ser esfregado. O colchão e os travesseiros têm de ser levados para fora e arejados. — Com irritação, ela afastou uma mecha de cabelos que estava grudando em seu rosto. — É impossível estar com tudo pronto amanhã.

— Meu novo pregador está procurando trabalho.

Ella olhou para Margaret.

— O quê?

— O irmão Calvin — disse Margaret. — Ele acabou de chegar na cidade para assumir o púlpito. Mas nossa congregação não pode lhe pagar nada. O irmão Calvin está dormindo na varanda de um membro da igreja, e o estão alimentando, mas ele está querendo ganhar algum dinheiro para poder ter um lugar seu e mandar buscar sua esposa. Ela está no sul do Texas com os pais, e ele sente uma falta terrível da esposa. Por quase nada, fará tarefas domésticas para a senhora. De qualquer maneira, a senhora não deveria fazer todo esse serviço pesado e minhas costas doem só de pensar em carregar aquele colchão escada abaixo e depois de novo para cima. Por que não me deixa chamar o irmão Calvin?

Ella olhou de relance para o sr. Rainwater, que acompanhava a conversa com interesse.

— Estou disposto a pagar pelos serviços do irmão Calvin — disse ele.

Margaret sorriu como se a questão tivesse sido resolvida. Foi para o corredor, onde ficava o telefone.

— Vou telefonar agora mesmo para a mercearia. — Para o sr. Rainwater, disse: — O Randall's Dry Goods and Grocery, onde meu filho Jimmy trabalha. Quando ele fizer uma entrega, poderá ir até onde o pregador está e lhe dizer que venha para cá.

Quando Margaret não podia mais ouvi-los, o sr. Rainwater disse para Ella:

— Espero que esteja tudo bem para a senhora.

Não estava. Essa era sua casa. Cabia a ela tomar todas as decisões relativas a casa. Mas parecia que nada estava normal nessa manhã. Tudo estava fora dos eixos. Ela estava sendo levada de roldão por uma série de acontecimentos incomuns. Na verdade, sentia-se arrastada por eles, e essa sensação de andar aos tropeços a alarmava. A rotina não era apenas uma preferência, era uma necessidade.

Mas, no fim das contas, contratar o irmão Calvin era o de menos, e ela

pareceria rabugenta se opondo a um plano tão viável, especialmente porque o sr.-Rainwater se oferecera para pagar pelos serviços do homem.

Contudo, ela não estava totalmente pronta para ceder:

— Eu preferiria fazer eu mesma o trabalho, sr. Rainwater.

— Porque seus padrões são muito altos.

— Não tenho medo de trabalho duro.

— Ninguém duvidaria disso.

— Mas como o tempo é um fator...

Ella não havia pretendido mencionar o tempo limitado do sr. Rainwater. Deixou a frase se dissipar sem terminá-la. O constrangimento tornou seu rosto ainda mais quente do que já estava.

Ele disse:

— Esse é um bom plano. E lhe poupará muito trabalho. Poupará as costas de Margaret. E apressará a reunião do irmão Calvin com a esposa.

Novamente, ela notou o brilho de divertimento em seus olhos, e pensou que, se sorrisse, ele também sorriria. Mas ela não sorriu, nem ele.

— E é conveniente para o senhor — salientou.

— Sim, é.

Ela suspirou, vencida:

— Está certo. Mas eu ficaria agradecida se o senhor me concedesse um prazo até o final da manhã.

— Que tal amanhã às quatro da tarde?

— Quatro? Sim, está bom. Até lá terei o quarto pronto.

— Trarei dinheiro em espécie. Para pagar os serviços do irmão Calvin e o aluguel da primeira semana.

O sr. Rainwater sorriu, mas Ella não lhe retribuiu o sorriso. Em vez disso, fez um gesto na direção do corredor, indicando que o negócio deles estava concluído.

— Posso sair pelos fundos.

Ela assentiu com a cabeça e o acompanhou até a porta de tela. Enquanto descia a escada, ele pôs o chapéu. Ao chegar embaixo, se virou e tocou na aba.

— Sra. Barron.

— sr. Rainwater. Espero que fique confortável aqui.

Ela tinha outros deveres a cumprir, e o primeiro era ver se Solly havia almoçado. Mas, por algum motivo, não se virou. Manteve contato visual com o homem que compartilharia seu endereço nas últimas semanas da vida dele. Perguntou-se: deixara transparecer sua pena? Provavelmente sim.

O sr. Rainwater disse:

— Ele lhe contou, não é? — perguntou o sr. Rainwater. — Murdy lhe contou sobre mim.

Ser dissimulada não era da natureza de Ella. Além disso, não o insultaria mentindo.

— Ele achou que eu deveria saber.

Ele balançou a cabeça, não só confirmando sua suspeita, mas também parecendo aprovar a franqueza dela.

— Agradeceria se não contasse aos outros. Saber deixa as pessoas desconfortáveis, e elas começam a tomar cuidado com o que dizem. Seja como for, não quero fazer um estardalhaço disso. Não quero ser tratado diferentemente de ninguém.

— Não direi nada a ninguém.

— Obrigado.

— Não precisa me agradecer, sr. Rainwater.

— Está vendo o que eu quero dizer? — disse ele rindo. Já está me fazendo concessões.

Ela teve a delicadeza de parecer embaraçada.

Ele manteve o sorriso por alguns instantes e depois ficou sério de novo.

— Ele fala?

— O quê?

— Seu filho.

Ele fez um sinal com a cabeça. Ella se virou. Atrás dela, Solly ainda estava à mesa. Seu almoço permanecia intocado. Ele estava enrolando o barbante do ioiô no dedo, desenrolando e enrolando de novo, enquanto balançava para frente e para trás seguindo um ritmo que só ele podia ouvir.

Ella se virou novamente para o sr. Rainwater e balançou a cabeça.

— Não. Ele não fala.

— Bem — disse ele agradavelmente. — Acho que a maioria das pessoas que fala frequentemente não tem nada que valha a pena dizer.

Sua fácil negação das limitações de Solly foi quase mais difícil de suportar do que os olhares rudes e curiosos de estranhos, e ela reagiu com lágrimas totalmente inesperadas. Talvez ele as tivesse visto e quisesse lhe poupar o constrangimento, porque não disse mais nada, só tocou novamente na aba do seu chapéu, se virou e foi embora.

O irmão Calvin Taylor se revelou um enviado de Deus, e não só para a Igreja Episcopal Metodista Africana.

O pregador era um homem alto e robusto no final da casa dos vinte, com modos cativantes e um amplo sorriso tornado ainda mais brilhante por um dente de ouro na frente. Ella se perguntou se os membros de sua congregação se distraíam com seu dente enquanto ele pregava, se o dente seria como um relógio de bolso balançando com um efeito hipnótico.

Mas quando Ella ouviu a voz do irmão Calvin, concluiu que pouco poderia distrair a atenção de seu rebanho de suas palavras divinamente inspiradas. Aquela era a voz de um profeta, os tons baixos retumbando como um trovão colina abaixo. Ela a imaginou reverberando dentro da igreja, acordando os sonolentos, despertando o arrependimento dos pecadores e enchendo os fiéis de renovada devoção.

O irmão Calvin de fato tivera um impacto favorável na congregação. Quando Margaret o apresentou formalmente a Ella, disse orgulhosamente que a frequência da igreja havia triplicado desde que ele assumira o púlpito.

— Nos domingos, não fica nenhum lugar vazio.

O jovem pregador reagiu ao elogio com a humildade apropriada, creditando a Deus seu sucesso:

— O Senhor está nos abençoando de modos fantásticos.

Ella gostou dele imediatamente, e o pôs direto para trabalhar, embora as irmãs Dunne pudessem desmaiar ao verem um homem negro dentro da casa. Ella não partilhava os preconceitos delas. Lembrou-se da ocasião em que percebeu pela primeira vez que os privilégios concedidos às raças eram terrivelmente injustos.

Seu pai a levava ao cinema em Waco, e ela quisera se sentar no balcão. Ele tinha explicado que o balcão era restrito aos negros. Ela protestara, dizendo que aquilo não era justo. Estava se opondo à injustiça com ela mesma de não poder se sentar onde quisesse. Mas seu pai, interpretando mal, pôs o braço ao redor dos seus ombros e lhe sorriu.

— Não, não é justo, Ella. Não é nada justo. Estou orgulhoso por você se

sentir assim.

Ella não fora ensinada a ter preconceitos, por isso não os tinha. Mas, quando ficou mais velha, percebeu que seu ponto de vista sobre questões raciais não era partilhado pela maioria das pessoas.

O pregador logo provou que não sabia apenas falar. No final do dia, já havia esfregado e encerado o chão do quarto vago.

— Também posso aproveitar e cuidar do corredor — dissera. O corredor também foi encerado à mão.

Na hora da ceia, Ella lhe deu um prato para comer na cozinha, enquanto servia as irmãs Dunne na sala de jantar. Notou quando o pastor agradeceu a Deus o alimento antes de comer. Quando terminou sua refeição, trouxe o colchão e as roupas de cama do quintal dos fundos, onde tinham arejado a tarde inteira, e os colocou de volta no quarto que se tornaria o do sr. Rainwater.

Antes de o irmão Calvin ir embora, ele lhe disse que voltaria cedo na manhã seguinte para ajudar Margaret em outras tarefas domésticas que precisavam ser realizadas antes de o novo hóspede chegar.

— Às quatro horas, aquele quarto estará brilhando. Eu lhe prometo.

Ele manteve sua promessa. Fez todo o trabalho, para a satisfação de Ella. Mas ela mesma fez a cama. Não só era exigente sobre como uma cama devia ser feita, como gostava do cheiro de ar fresco e sol dos lençóis.

O sr. Rainwater chegou na hora marcada. As Dunne tinham ido para a biblioteca itinerante, um furgão adaptado que vinha a Gilead apenas uma tarde a cada duas semanas. Margaret estava passando roupa na cozinha enquanto ficava de olho em Solly. O sr. Hastings ainda estava fora da cidade.

Exceto pelo relógio de pêndulo na sala de estar formal soando suavemente quatro horas, a casa estava silenciosa quando Ella abriu o trinco da porta da frente para o sr. Rainwater. Eles trocaram gentilezas e depois ela o conduziu para cima. Os passos deles produziram um som oco no chão recém-encerado do corredor.

O sr. Rainwater parou na porta aberta do quarto e olhou para dentro. Observou todos os detalhes, inclusive o ramo de madressilvas que Margaret deixara em um vaso com água na cômoda. Então se virou para Ella.

— Estava certa em manter seus padrões, sra. Barron. O quarto está muito mais bonito agora. Obrigado.

— De nada.

— Percebo que lhe dei muito trabalho para deixá-lo pronto, mas queria me mudar o mais cedo possível.

Ella apenas assentiu com a cabeça, temendo que qualquer referência a tempo pudesse soar mal.

O sr. Rainwater lhe passou um envelope branco com seu nome impresso em tinta preta.

— O aluguel da primeira semana. Informe-me sobre quanto devo ao irmão Calvin.

Então ele carregou duas malas de lona para o quarto e fechou gentilmente a porta.

— Nordeste do Texas. Mais ou menos na metade do caminho entre Dallas e Texarkana.

Durante toda a refeição da noite, as Dunne haviam bombardeado o sr.-Rainwater com perguntas. Ella estava empilhando os pratos de jantar vazios em uma bandeja quando a srta. Violet perguntou de onde ele era.

A srta. Pearl, que estivera olhando sonhadoramente para ele através da mesa, disse:

— Lá é um bom lugar para se plantar algodão.

— Ele sabe disso, minha irmã — disse Violet. — Afinal de contas, é um corretor de algodão.

— Eu sei — replicou Pearl com aspereza. — Só estava comentando.

Para evitar uma briga de irmãs, Ella interferiu educadamente:

— Devo trazer creme com o bolo de frutas, srta. Pearl?

— Ah, creme, sim, por favor. Não acha que bolo de amoras fica melhor com creme, sr. Rainwater?

— Certamente que sim. — Ele olhou de relance para Ella, com os cantos dos lábios se contraindo para conter um sorriso. — Creme para mim também, por favor.

— Café?

— Por favor.

Ela ergueu a bandeja.

O sr. Rainwater se levantou.

— Posso ajudá-la com isso?

— Não.

A palavra saiu mais enfaticamente do que Ella pretendia, e todos na sala, até mesmo ela própria, se espantaram com seu tom. As irmãs olharam boquiabertas não só para ela como também para o novo hóspede. Aparentemente, tinham ficado tão surpresas quanto Ella com seu inédito oferecimento de ajuda.

Para esconder seu constrangimento, Ella abaixou a cabeça e murmurou:

— Não, obrigada, sr. Rainwater. — Depois foi apressadamente para a cozinha.

Quando ela saiu da sala, ouviu a srta. Violet pigarrear levemente antes de perguntar:

— E quanto à sua família, sr. Rainwater?

— Meus pais morreram, e sou filho único.

— Ah, isso é uma pena — disse Pearl. — Violet e eu só temos uma à outra. O resto da nossa família morreu.

A porta da cozinha se fechou, impedindo Ella de ouvir o comentário do sr.-Rainwater sobre isso.

— As velhas senhoras vão deixar aquele homem louco com tantas perguntas — disse Margaret, balançando a cabeça.

— Eu a ouvi fazendo as mesmas perguntas para ele mais cedo.

— Eu só estava sendo gentil — resmungou Margaret. Quando olhou de relance para Ella, seus olhos se fixaram nela. — A senhora está bem?

— Bem? É claro que sim. Por quê?

— Suas bochechas estão vermelhas. Espero que não esteja com aquela febre ruim de verão. Ela está deixando algumas pessoas prostradas durante semanas.

— Não estou com febre. Já separou as porções de torta de amoras?

— Não deixa sempre a sobremesa pronta antes de começar a lavar a louça? — A empregada usou seu ombro para apontar para os pratos de torta no balcão, esperando para ser postos em uma bandeja. — E quanto às venezianas das janelas da frente?

— As venezianas?

— Eu lhe disse. O irmão Calvin se ofereceu para pintá-las.

Ella acrescentou o serviço de café à bandeja.

— Neste momento não posso pagar pela pintura.

— Estão parecendo sujas.

— Sei que *precisam* ser pintadas, Margaret, mas...

— O irmão Calvin disse que cobrará barato para pintá-las. Foi gentil em nos trazer aquelas amoras. Ele mesmo as colheu.

Ella suspirou.

— Fale para ele vir conversar comigo sobre as venezianas. Veremos. — Ela examinou o prato de jantar de Solly. Ele havia comido o suficiente para se sustentar. — Solly pode comer uma porção de torta de amoras agora — disse para Margaret.

A empregada sorriu para o garoto enquanto tirava as mãos da pia e as sacudia para tirar a água.

— Eu mesma vou dar a esse bebê.

Ella carregou a bandeja para a porta, encostou as costas nela e a empurrou.

— David.

— O quê?

— É o primeiro nome do sr. Rainwater — disse Margaret. — Achei que gostaria de saber.

Ella a olhou irritadamente enquanto saía de costas pela porta. Quando se virou para a sala de jantar, seu olhar foi diretamente para o sr. Rainwater, que ergueu os olhos para ela. Eles se olharam por um segundo, antes de ele voltar sua atenção para a srta. Violet, que estava lhe falando sobre seus dias emocionantes com Pearl quando elas eram professoras de escola pública.

— É tão bom ter uma conversa agradável com um novo conhecido, não é, minha irmã? — perguntou Violet.

— É mesmo — respondeu Pearl com um sorriso afetado, batendo de leve em sua gola de renda.

— Espero que fique conosco por muito tempo, sr. Rainwater.

Ella evitou olhar para ele e manteve sua expressão impassível enquanto servia a torta de amoras e o creme.

Ella estava sentada à mesa da cozinha fazendo sua própria refeição quando ele enfiou a cabeça pela abertura da porta. Ela se levantou imediatamente, limpando a boca.

— sr. Rainwater. Deseja alguma coisa?

Ele entrou na cozinha.

Margaret parou o que estava fazendo e lhe deu um amplo sorriso.

— Ainda temos café.

— Não, obrigado.

Solly, sentado do lado oposto a Ella e batendo com sua colher na borda da mesa, não reagiu.

O novo hóspede inclinou a cabeça na direção do prato de Ella.

— Eu me perguntei quando a senhora comia.

— Precisa de alguma coisa?

— Perdoe-me por interromper seu jantar. Só queria saber se eu podia acender a luz da varanda para ler lá fora.

— É claro que sim. O interruptor está...

— Sei onde está. Mas quis perguntar antes de ligá-lo.

— Só não deixe de desligá-lo quando voltar para dentro.

Ele olhou para Solly, que ainda batia ritmicamente com a colher. Depois fez um sinal afirmativo com a cabeça para Margaret e Ella e saiu pela porta.

— Foi gentileza da parte dele perguntar — disse Margaret. Aquele senhor, como era mesmo que se chamava, o que tinha um hálito de bebida? Ele não teria perguntado. Espero que o sr. Rainwater planeje ficar conosco por um longo tempo.

Ella se sentou e voltou a comer.

Depois que Margaret foi embora para casa, Ella pôs Solly na cama e ele adormeceu rapidamente. Ficou ajoelhada ao lado da cama, olhando para o rosto doce e ouvindo sua respiração suave. Quando os joelhos começaram a doer, beijou o ar logo acima do rosto de Solly e saiu em silêncio do quarto, deixando-o dormindo tranquilamente. Contudo, prestou atenção a quaisquer sinais de movimento do menino enquanto se sentava à mesa da cozinha, descascando feijão-fradinho para o almoço do dia seguinte. Já passava das dez horas quando fez a última inspeção da cozinha e apagou a luz.

Seu pescoço e seus ombros ardiam de cansaço enquanto ela caminhava pelo corredor escurecido. A luz da varanda da frente estava desligada. O sr. Rainwater não havia se esquecido. Mas ela foi ver se ele também tinha trancado a porta de tela. Não tinha. Estendeu a mão para alcançar o trinco.

— Se fechar isso, não vou conseguir entrar.

Ella deu um pulo ao ouvir a voz dele.

— Desculpe-me — disse ele. — Não quis assustá-la.

Ela abriu a porta e saiu para a varanda. O sr. Rainwater estava sentado na escuridão em uma das cadeiras de vime.

— Sou eu que peço desculpas — disse Ella. — A luz estava apagada, por isso pensei que o senhor tivesse entrado. Lamento ter perturbado seu sossego.

— Não perturbou. Desliguei a luz porque os insetos atraídos por ela estavam me incomodando. — Ele se levantou e apontou para uma das cadeiras. — Junte-se a mim.

Ela hesitou por alguns instantes e depois caminhou pela varanda e se sentou em uma das outras cadeiras.

— O clima está tão bom que não tive vontade de ir para meu quarto. — Ele sorriu-lhe. — Embora seja muito confortável.

— Estou feliz por ter gostado.

— Com papel de parede de rosas e tudo.

Eles mergulharam em um silêncio, quebrado pelo canto noturno das cigarras, um cão latindo a distância e o leve rangido quando ele mudou de posição na cadeira. Ele esticou suas longas pernas, cruzou as mãos frouxamente sobre o livro em seu colo e inclinou a cabeça para trás, parecendo totalmente relaxado.

Ella não estava certa de que aquela posição relaxada fosse apropriada quando um homem e uma mulher, estranhos, estavam sozinhos na escuridão. Na verdade, estava bastante certa de que não era. Aquilo sugeria uma familiaridade que parecia vagamente imprópria, embora as cadeiras em que se sentavam estivessem bem distantes uma da outra.

— Para onde estava indo a comida?

Ella olhou na direção dele.

— A comida que Margaret estava embrulhando quando entrei na cozinha — disse ele. — Para onde a enviou?

— Para a favela. Fica no extremo leste da cidade, do outro lado da via férrea.

Ele continuou a olhar para Ella, sua sobancelha arqueada indicando interesse.

— Ela começou com apenas alguns trabalhadores desempregados que saltaram dos trens de carga para acampar perto do riacho. As autoridades os expulsaram de lá, mas vieram mais, e continuaram vindo, até que finalmente o xerife desistiu de tentar mantê-los longe. Agora geralmente eles são deixados em paz. O número varia, mas, pelo que sei, há algumas centenas de pessoas por lá. Famílias inteiras. Por isso, a cada dois ou três dias, envio sobras, pão velho, frutas maduras demais, coisas assim.

— É muita bondade sua.

Ela abaixou a cabeça e alisou a saia com as mãos.

— É comida que eu teria mesmo de jogar fora.

— Duvido que as pessoas na favela se importem se uma maçã estiver amassada.

— Em troca dessas sobras, eu lhes peço para não virem esmolar aqui em casa. A notícia se espalha para os recém-chegados e andarilhos. Não vão à pensão de Barron pedir esmola. Não receberão nenhuma.

— Ainda assim, a senhora é caridosa.

Ella não queria que ele lhe desse mais crédito do que merecia.

— Não levo pessoalmente essas coisas para aquelas pessoas pobres, sr.-Rainwater. Isso seria caridoso. Eu as envio pela Margaret.

— Algumas pessoas, muitas pessoas, não enviariam nada — observou ele,

com uma voz serena.

Ella estava prestes a discordar de novo, mas mudou de ideia, achando que seria melhor deixar o assunto morrer. Outro silêncio caiu entre eles. Ella percebeu que ele estava mais confortável com o silêncio do que ela. Para ela, o silêncio pareceu se estender interminavelmente, ao ponto de estar prestes a pedir licença e voltar para dentro quando ele disse:

— A senhora viveu aqui durante toda a sua vida?

— Nesta casa. Meu pai a construiu logo após se casar com minha mãe. Vários anos depois, acrescentaram os quartos que Solly e eu agora ocupamos. Exceto por isso, a cozinha e os banheiros modernizados, a casa está justamente como era quando nasci.

— Seus pais morreram?

— Sim.

— Tem irmãos e irmãs?

— Tive irmãos gêmeos que nasceram três anos depois de mim. Os dois morreram na primeira infância.

— Sinto muito.

— Não consigo realmente me lembrar deles. — Ella olhou na direção do cão latindo, o que manteve seu rosto desviado dele. — Meus pais nunca falavam sobre eles.

Obviamente a perda dos filhos havia sido uma dor insuportável para seus pais. Nenhum deles se recuperara disso. De um dia para o outro, sua mãe pareceu se transformar em uma mulher amarga e fria. Não sorria mais, não encontrava mais alegria em sua filha saudável, da qual dali para frente manteve distância. O pai de Ella, perdendo o afeto e a atenção da esposa assim como seus filhos gêmeos, encontrou seu único consolo no uísque. Ele morreu de cirrose aos 45 anos.

Depois da morte de seu pai, sua mãe foi forçada a admitir hóspedes. Quando finalmente sucumbiu à tristeza — segundo pareceu a Ella, com grande alívio —, Ella assumiu a administração da casa. Estava com 18 anos. Apesar de sua juventude, e arrogante como isso pudesse soar, era muito melhor em administrar a casa do que sua mãe fora.

— Murdy me disse que a senhora é viúva.

Ela se virou e olhou intensamente para ele, e depois quase imediatamente baixou os olhos.

— Sim.

— Lamento pela senhora.

Ela assentiu com a cabeça.

— Teve de assumir toda a responsabilidade por Solly.

Ella ergueu a cabeça.

— Ele não é uma responsabilidade, sr. Rainwater. É uma criança. Meu filho. Uma dádiva.

O sr. Rainwater recolheu suas longas pernas esticadas e se inclinou na direção dela.

— É claro que é. Não quis dizer...

— É melhor eu entrar. — Ela se levantou rapidamente.

Ele fez o mesmo.

— Por favor, pare de fazer isso.

— Sinto muito.

— Pare de se levantar sempre que eu me levanto ou entro em um aposento.

— Eu...

— Não espero isso. Esse tipo de consideração não é necessário. Sou sua senhoria, não sua... não uma... — Ela não conseguiu pensar no que *não era* dele, somente no que *era*. E o que era não justificava sua vigilante cortesia. — Não tem de se levantar para mim.

— Fui ensinado a me levantar para as mulheres.

— Estou certa de que foi, mas...

— É difícil quebrar hábitos. Mas eu não teria feito isso se soubesse que a deixaria zangada.

— Não estou zangada.

Mas seu tom agudo indicava o contrário. Os olhos do sr. Rainwater penetraram na escuridão e encontraram os dela. De fato, pareceram ver através deles, fazendo-a se sentir descortês e, de algum modo, vulnerável.

— Boa-noite, sr. Rainwater. — Ela lhe deu as costas e caminhou para a porta, mas, quando tentou alcançar o trinco, a mão dele tinha chegado lá primeiro, passando ao redor dela para abri-la. Em vez de criar outra polêmica sobre seus modos, Ella entrou. Ele a seguiu e observou ficando nas pontas dos pés para passar o trinco na porta.

— Esse trinco está inconvenientemente alto para a senhora?

— Sim, é muito inconveniente. — Ela passou o trinco e se virou para olhar para ele. — Mas tinha de ficar onde Solly não pudesse alcançá-lo. Uma vez ele saiu e ficou desaparecido durante horas, até que o encontramos caminhando na via férrea.

Ele respirou profundamente, parecendo pesaroso.

— Esta é minha primeira noite em sua casa. Não consegui lhe causar uma boa impressão.

— O senhor não deveria se preocupar em me impressionar, sr. Rainwater.

— Quero que tenha uma boa impressão de mim.

— Tive uma impressão suficientemente boa do senhor para lhe alugar o quarto. Além disso...

— A senhora não tem nenhuma opinião sobre mim — disse ele, terminando a frase por ela e aumentando ainda mais sua irritação com ele e toda a conversa.

— Exatamente, sr. Rainwater. Não penso muito no senhor ou em nenhum dos meus hóspedes, porque, em troca, não quero que o senhor pense muito em mim, em Solly ou em nossas circunstâncias.

Ele a estudou por um instante, e então disse:

— Deveria se permitir ficar zangada com mais frequência. Acho que isso lhe faria bem.

Sua franqueza a deixou sem palavras. Sentindo-se ofendida, apenas ficou em pé ali olhando para ele.

— Boa-noite, sra. Barron. — Ele deu um passo ao redor dela e subiu as escadas.

Uma semana se passou. Ella viu pouco David Rainwater, a não ser no café da manhã e no jantar. Durante as refeições, ele demonstrou notável tolerância com a tagarelice e mal disfarçada curiosidade das irmãs Dunne.

As solteironas começaram a “se vestir” para o jantar, descendo todas as noites usando seus melhores trajes de domingo e suas joias e explicando essa súbita vaidade perguntando, retoricamente, de que adiantava terem coisas bonitas se nunca as usavam. Uma noite Ella chegou até a sentir um cheiro de colônia e suspeitou que viesse da srta. Pearl, toda faceira na companhia do novo hóspede.

O sr. Hastings voltou em uma tarde, mal tendo tempo para lavar as mãos e o rosto antes do jantar. Quando Ella estava servindo a salada, as irmãs fizeram as apresentações.

— Prazer em conhecê-lo, sr. Rainwater — disse o vendedor. — Será bom ter outro homem na casa. O senhor joga xadrez?

— Infelizmente, não muito bem.

— Ótimo! Talvez eu possa ganhar uma partida para variar. Ah, sra. Barron, senti falta da sua comida. Não havia nada como ela onde estive.

— Obrigada, sr. Hastings. O senhor teve uma viagem produtiva?

— Lamento dizer que não tenho nada do que me gabar. Meus clientes não compraram o que costumavam comprar. Na verdade, nada nem mesmo perto do que compravam, porque não conseguem vender os estoques que já têm. Hoje em dia ninguém pode se dar ao luxo de comprar artigos de armarinho. As pessoas têm sorte se conseguem comer regularmente. Apesar dos discursos otimistas do sr. Roosevelt, os tempos parecem estar ficando piores, não melhores.

— O que deveria tornar todos nós mais gratos por nossas bênçãos — entoou a srta. Violet.

Naquela noite, depois do jantar, os dois homens jogaram xadrez na sala de estar formal enquanto as irmãs ouviam rádio na sala de estar informal. Ella conseguia ouvir a música enquanto trabalhava na cozinha. De vez em quando, detectava uma voz masculina vindo da sala da frente.

O sr. Hastings ficou na casa por dois dias, e depois carregou obstinadamente

suas malas com amostras escada abaixo até seu carro.

— Devo voltar na próxima terça-feira — informou a Ella. — Eu lhe telefonarei se por algum motivo me atrasar.

— Tenha uma boa viagem, sr. Hastings.

Ele a cumprimentou com um toque na aba de seu chapéu e foi embora. Naquela noite, logo após o jantar, o sr. Rainwater pediu licença e subiu para seu quarto. Não havia passado mais nenhuma noite sentado na varanda, pelo menos não que Ella soubesse.

Os encontros deles eram cordiais, mas breves e formais, como se ambos tomassem cuidado para não ofender um ao outro. Como Ella havia pedido, o sr. Rainwater nunca mais se levantou quando ela entrou em um aposento ou lhe fez outra clara cortesia. Para Ella, parecia que eles tinham brigado. Não tinham. Não exatamente. Mas ela evitava ficar a sós com ele, e ele não fazia nenhuma tentativa de procurá-la.

O que era como deveria ser.

O sr. Rainwater morava na casa havia duas semanas quando eles tiveram outra conversa particular. Ella estivera limpando o andar superior enquanto Margaret estava na sala da frente remendando uma cortina e atenta a Solly, que brincava com carretéis de linha, um de seus passatempos favoritos.

Ella estava descendo com seu cesto de material de limpeza quando ouviu um som de raspagem que não conseguiu identificar. Seguiu-o através da cozinha, pela porta dos fundos e ao redor da casa.

O sr. Rainwater estava usando uma enxada para cortar o solo seco entre filas de tomateiros. Com seu paletó e colete pendurados em um pau de cerca, estava só de camisa e com os punhos enrolados até os cotovelos. Seus suspensórios formavam um X nas costas sobre o ponto em que o suor colara a camisa à sua pele.

— sr. Rainwater!

A exclamação dela o fez se virar.

— Sra. Barron. — Apoiando um dos braços no cabo da enxada, ele empurrou o chapéu para trás e limpou o suor da testa com a manga da camisa.

— O que está fazendo? — perguntou ela.

O sr. Rainwater olhou do cabo da enxada para o solo recém-trabalhado e as ervas daninhas arrancadas pela raiz que murchavam ao sol. Quando ergueu a cabeça, olhou para Ella com o mal contido divertimento que agora era familiar, mas não menos perturbador.

— Estou capinando a horta.

Sua calma afirmação do óbvio a deixou ainda mais zangada. As ervas daninhas retiradas eram prova de que a horta precisava de atenção, mas a presunção dele era indefensável.

— Eu mesma ia fazer isso amanhã. — Ela olhou de relance para o sol escaldante da tarde. — Cedo. Antes de ficar quente demais.

Ele deu uma risada.

— *Está* quente. Quase quente demais para respirar.

— É aí que eu quero chegar, sr. Rainwater. Além de fazer meu trabalho para mim, o que não deveria, especialmente antes de me perguntar primeiro, um trabalho árduo como capinar uma horta não pode ser bom para um homem na sua condição.

O divertimento desapareceu e o rosto dele se tornou sarcástico, a pele firmemente esticada sobre os ossos proeminentes.

— Prometo não cair morto sobre seus tomateiros.

O tom dele a atingiu como um tapa no rosto. Talvez ela tivesse até mesmo recuado, porque ele imediatamente deixou a enxada cair de debaixo do braço e deu um passo em sua direção.

— Sinto muito. — Ele tirou o chapéu e passou os dedos pelos cabelos, empurrando-os para trás antes de pôr novamente o chapéu. — Por favor, desculpe-me. Isso foi intempestivo.

Ela ainda estava surpresa demais para falar.

— Acha que porque peguei a enxada para capinar a horta estou sugerindo que não tem competência para fazer isso? — perguntou ele. — Não é nada disso, sra. Barron. Não parei para pensar que interpretaria mal minhas intenções. Na verdade, não parei para pensar em nada. Isso foi uma decisão impulsiva, e o fato é que não o fiz pela senhora. Fiz por mim.

Ela ergueu a cabeça e olhou para o rosto dele.

— Eu quero e preciso de algo para fazer. Não tenho feito nada de produtivo desde que cheguei, e detesto inatividade. Faz os dias e as noites passarem muito devagar. — Ele deu um sorriso triste. — Talvez a senhora pense que eu gostaria que o tempo passasse devagar, mas deploro ficar ocioso. Quero me manter ocupado e ativo pelo máximo de tempo que puder.

Ele a olhou fixamente por vários instantes, o rosto com uma expressão intensa, como se desejasse que ela entendesse. Então suspirou, seus ombros caindo levemente. Abaixou-se e pegou a enxada.

— Vou colocá-la de volta no galpão.

Ele pegou seu paletó e o colete no pau de cerca e passou pela frágil porteira

de rede do galinheiro, que às vezes, mas raramente, desencorajava os coelhos a saquearem a horta.

Quando passou por ela, Ella disse:

— Não tive a intenção de parecer tão zangada.

Ele parou e a encarou. Os olhos de Ella estavam na altura de seu pescoço, onde ele havia afrouxado a gravata e desabotoado o colarinho. Sua pele estava brilhante de suor. Ele cheirava a sal de suor, sol, calor de verão e solo argiloso recém-revolvido.

Estava quase quente demais para respirar, pensou Ella. De qualquer forma, o ar que inalava parecia insuficiente.

— Meus hóspedes não deveriam realizar minhas tarefas.

— Mesmo se realizar uma tarefa fizer um deles feliz?

Ella ergueu os olhos na direção dos dele.

Com uma voz suave, ele perguntou:

— Que mal há nisso, sra. Barron?

— O mal que há nisso é que não quero quebrar minha rotina. — Parecendo desesperada, quase com medo, respirou profundamente antes de continuar: — Se eu deixasse todos os hóspedes fazerem o que quisessem, quando quisessem, a casa logo estaria um caos. Não posso deixar...

Ella ficou chocada e se calou quando ele pôs a mão em seu ombro. Mas, antes de poder realmente registrar que a estava tocando, percebeu que não lhe prestava mais atenção. Olhava para além dela. Ele deixou suas coisas caírem no chão e, de um modo gentil e ao mesmo tempo firme, a afastou para o lado e passou correndo por ela.

— Irmão Calvin?

Ela se virou e viu o pregador montado em uma mula. Com as pernas penduradas dos lados do animal, o irmão Calvin estava caído para frente, a testa quase tocando a crina dura. Enquanto ela observava, atônita, o pregador soltou a corda que servia de rédea, tombou para um lado e deslizou da mula para o chão.

Quando o sr. Rainwater o alcançou, ajoelhou-se e o virou cuidadosamente de barriga para cima. Ella sufocou um grito ao ver o rosto do pregador. Estava ensanguentado e inchado. O sr. Rainwater sibilou por entre os dentes. Ella, reagindo à emergência, virou-se e correu para a porta da cozinha. Gritou pela porta de tela para Margaret e depois voltou correndo e se ajoelhou ao lado dos dois homens.

— O que aconteceu com ele?

— Acho que levou uma surra — respondeu o sr. Rainwater.

O irmão Calvin sangrava por vários cortes no rosto e couro cabeludo. Suas roupas estavam rasgadas. Só calçava um pé de sapato. Estava consciente, mas gemendo, e sua cabeça pendeu para trás quando o sr. Rainwater deslizou o braço por baixo do seu ombro e o sentou.

— Ajude-me a levá-lo para dentro — disse a Ella.

O tamanho do homem tornava aquilo um esforço. O sr. Rainwater pôs um dos braços do pregador ao redor dos seus ombros e Ella fez o mesmo. Cada qual colocou um ombro sob uma axila do pregador, depois eles tentaram levantar o homem, ao mesmo tempo que lutavam para se manter em pé. Movendo-se devagar, eles o carregaram e o arrastaram com dificuldade para a escada dos fundos.

Margaret abriu a porta de tela e, ao ver seu querido pastor naquela condição, começou a gritar.

— Pare com isso! — ordenou Ella. — Precisamos da sua ajuda. Pegue os pés dele.

A empregada se calou, perplexa. Desceu a escada, colocou um dos pés do pregador sob cada braço e depois subiu a escada. Todos os três cambalearam e tropeçaram sob o peso dele, mas conseguiram passá-lo pela porta.

O sr. Rainwater disse:

— Abaixem-no até o chão.

Fizeram isso o mais gentilmente possível, mas o irmão Calvin continuou a gemer e Ella temeu que suas piores lesões fossem internas.

— Pegue algumas toalhas e uma bacia de água — disse ela a Margaret. — E vá buscar mercurocromo no meu banheiro. Onde está Solly?

— Bem atrás da senhora. Trouxe-o comigo quando me gritou.

Solly estava sentado no chão com as costas apoiadas na porta da despensa e as pernas em ângulo reto com o corpo. Olhava para seus sapatos e os batia um no outro, aparentemente inconsciente do que estava ocorrendo.

Ella se virou para o irmão Calvin, que gemeu quando o dedo do sr. Rainwater examinou um grande galo em sua têmpora.

— Devo chamar o dr. Kincaid? — perguntou ela.

— E o xerife.

— Não! — O irmão Calvin abriu rapidamente os olhos. No olho direito, a íris negra flutuava em uma densa poça vermelha. — Não. Por favor, não. Nada de médico. Nada de xerife.

Ao falar, balançou a cabeça enfaticamente, o que devia ter lhe causado grande dor, porque fechou os olhos de novo e gemeu. Margaret trouxe a bacia de

água. O mais gentilmente que pôde, Ella lavou suas feridas e depois lhes aplicou antisséptico.

Finalmente os gemidos diminuíram, mas ele não parava de agradecer a bondade de Ella. Apesar de sua condição, estava preocupado com a mula.

— E quanto a ela? — perguntou Ella.

— Não é minha. — Entre gemidos de dor, ele lhes disse que temia que o animal se perdesse, por isso o sr. Rainwater saiu para amarrá-lo em um pau de cerca. Depois voltou e assegurou ao pregador que a mula emprestada não iria a parte alguma.

O irmão Calvin os convenceu de que era capaz de se levantar, por isso eles o ajudaram a se sentar em uma cadeira à mesa.

— Está sentindo dor em algum lugar por dentro? — perguntou-lhe Ella.

— Nas costelas. Algumas podem estar quebradas.

— Poderia estar sangrando internamente?

Ele balançou a cabeça.

— Não, senhora. Não é assim tão ruim.

Mas era ruim o suficiente para assustar a srta. Violet. Ela entrou na cozinha para fazer alguma coisa, mas ver um negro sangrando sentado à mesa a fez parar. Ela apontou a mão manchada pela idade para seu peito ossudo e gritou:

— Ah, meu Deus! — Depois foi embora rapidamente.

Fosse o que fosse que estivesse acontecendo, aparentemente a mulher idosa não queria participar disso. O que era melhor para Ella.

Margaret pôs uma xícara de chá ao alcance do pregador. O irmão Calvin a pegou com as duas mãos e bebeu. Ella notou que os nós dos dedos dele estavam arranhados e sangrando. Ele também devia ter dado alguns socos dolorosos.

— O que aconteceu? Quem fez isso? — perguntou o sr. Rainwater. Sua camisa branca estava manchada com o sangue do outro homem, mas ele não pareceu ter notado.

— Eles estavam atirando em vacas.

— Deus tenha misericórdia — gemeu Margaret.

— Homens do governo? Do Serviço de Alívio da Seca?

O pregador fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— De quem era o rebanho? — perguntou Ella.

— Pritchett, esse é o nome dele.

Ella olhou para o sr. Rainwater.

— George Pritchett. A família dele trabalha naquela fazenda de gado leiteiro há pelo menos três gerações.

O programa do governo federal fora criado mais cedo naquele ano para proteger fazendeiros e criadores de gado leiteiro e de corte da ruína total. A pior seca em cem anos tinha conferido aos estados das planícies o apelido de Tigela de Pó. A terra antes cultivada ou usada como pasto era agora um grande deserto, fustigado pelo vento e por hordas de insetos.

Em uma reação à crescente emergência, o Congresso destinara milhões de dólares à compra de animais de criadores de gado leiteiro e de corte cujos rebanhos estavam literalmente morrendo de fome. Os agentes tinham autorização para pagar até 20 dólares por cabeça, o que era muito abaixo do valor de mercado em tempos normais, mas melhor do que nada na situação de crise.

Aquele programa parecia viável. Os animais considerados suficientemente saudáveis para consumo eram enviados para a Federal Surplus Relief Corporation (FSRC) para abate e processamento. A carne enlatada era então distribuída para comunidades temporárias, cozinhas públicas e para ser servida aos pobres. Fazendeiros e rancheiros ganhavam alguma coisa e as pessoas famintas eram alimentadas.

Mas também havia um aspecto inquietante no programa. O gado não escolhido para consumo era morto e enterrado no ponto de compra. Podia ser todo o rebanho de um rancheiro ou a única vaca leiteira de um fazendeiro. Embora o programa se destinasse a evitar que famílias sofressem os duplos efeitos da seca e depressão econômica, ver o trabalho de uma vida inteira ser destruído de um modo tão brutal era de partir o coração.

O irmão Calvin continuou:

— Eles escolheram as mais gordas do rebanho, que não eram muitas, e as puseram em um caminhão. As que sobraram foram agrupadas no fundo de um buraco que haviam cavado, grande como esta casa. Seis dos atiradores ficaram na borda.

“O sr. Pritchett entrou na casa com a esposa e os filhos e fechou a porta. Simplesmente não pôde suportar ver aquelas vacas serem mortas onde estavam. Não pareceu se importar com o quanto recebera por elas. Seu coração e espírito estavam dilacerados.”

Ao dizer isso, a voz do pregador ganhou força. Ecoou nas paredes da cozinha como se ele estivesse no púlpito, advertindo sobre o inferno e o enxofre.

— Então eles abriram fogo. Os primeiros tiros assustaram as vacas. Elas mugiram enquanto caíam. Vacas, bezerros, até o último deles.

Ella ficou enjoada ao pensar em tamanha carnificina. Margaret apertou os lábios trêmulos com uma das mãos. O maxilar magro do sr. Rainwater se moveu

como se ele estivesse rangendo os dentes.

Ella disse:

— Sei que isso é necessário. Visa ajudar. Mas parece muito cruel.

— Especialmente para um homem que trabalhou dia e noite para formar um rebanho — disse o sr. Rainwater. — Quem bateu no senhor, irmão Calvin? Por quê?

O homem limpou os olhos com o punho arranhado.

— Aquela gente da favela ouviu falar no que ia acontecer na casa do sr.-Pritchett. Eles vieram. Negros e brancos juntos. Unidos pela fome. Vieram com as facas e machadinhas que tinham. Trouxeram tinas e panelas, achando que podiam retalhar aquelas vacas, pegar a carne que sobrara naquelas carcaças magras antes que se estragasse ao sol ou fosse coberta de poeira. Gente que tem vivido de farinha, água e salada de erva-da-américa não é exigente em relação aos seus cortes de carne.

Os olhos dele começaram a lacrimejar de novo.

— Mas assim que aqueles homens do governo foram embora, alguns nativos vieram se certificar de que as vacas mortas não seriam retalhadas. Eram liderados por um homem branco com uma marca de nascença púrpura no rosto e que carregava um rifle.

— Conrad.

O sr. Rainwater olhou intensamente para Ella, que dissera o nome.

— Conrad Ellis — disse ela. — Ele tem uma marca de nascença que cobre a maior parte do seu rosto. Acho que chamam isso de mancha de vinho do Porto.

— Eu digo que é a marca de Caim — murmurou Margaret.

— Ele é intimidador. Sempre foi — disse Ella.

— É pior que o diabo.

Ignorando o desprezo de sua empregada, Ella continuou:

— O sr. Ellis, o pai de Conrad, tem uma fábrica de empacotamento de carne. Ele compra da maioria dos rancheiros locais.

— Pessoas obterem carne de graça não seria bom para seu negócio — observou o sr. Rainwater. — Então ele mandou o filho para lá para se certificar de que não obteriam nenhuma.

Ella franziu as sobrancelhas.

— Conrad não precisaria de uma desculpa. Ele gosta de bater nos outros. Está sempre procurando briga.

— Especialmente desde que...

— Margaret.

A reprimenda implícita impediu a empregada de prosseguir, mas ela pareceu mais irritada que uma vespa ao se levantar, murmurando:

— Vou fazer um pouco de café.

O sr. Rainwater dividiu um olhar curioso entre Ella e Margaret, e o pousou em Ella, que ignorou as perguntas não feitas e voltou sua atenção para o irmão Calvin, que dizia:

— Sem dúvida aquele rapaz branco estava procurando briga hoje.

Ele terminou sua xícara de chá e a pôs cuidadosamente sobre a mesa.

— Assim que os atiradores do governo foram embora, as pessoas da favela, e eu com elas, corremos para aquele buraco e começamos a retalhar as vacas. Como já estavam mesmo mortas, poderiam alimentar suas famílias. Esta noite. Não esperar o governo distribuir a carne enlatada. Esse foi o meu raciocínio. Acho que o do sr. Pritchett também, porque ele e a esposa voltaram lá para fora e entregaram facas de cozinha para quem não tinha.

“Então aqueles rapazes chegaram em uma picape fazendo algazarra, tocando a buzina e disparando armas de fogo. Saltaram da carroceria brandindo bastões de beisebol e rifles e gritando para as pessoas se dispersarem. Como ninguém lhes deu atenção e elas continuaram a retalhar as vacas, eles começaram a bater em cabeças com os bastões e cabos de rifles. Não importava se eram homens, crianças ou mulheres.”

— Onde estavam as autoridades?

— O xerife estava lá com um monte de assistentes. Vendo, mas sem fazer nada, até o sr. Pritchett pegar sua espingarda de caça. Ele gritou para os rapazes saírem da sua fazenda e deixarem aquelas pessoas pobres em paz, que tudo que elas queriam era carne que iria para o lixo. O xerife lhe disse para abaixar aquela espingarda idiota antes de matar alguém.

Nesse ponto o pregador começou a balançar a cabeça e chorar mais copiosamente.

— Eu vi com meus próprios olhos. Aquele malvado com a marca de nascença foi até a varanda e arrancou um garotinho dos braços da sra. Pritchett. A criança não devia ter mais de dois ou três anos. Ele ameaçou esmagar a cabeça dela se o sr. Pritchett não abaixasse sua espingarda e deixasse que eles e seus colegas garantissem que o programa do governo seria cumprido como deveria ser.

— Cristo.

O pastor olhou tristemente para o sr. Rainwater.

— Que Deus lhe perdoe a blasfêmia, sr. Rainwater. Aquilo foi uma visão horrível. Apavorante aos olhos Dele também. — Ele enxugou novamente suas

lágrimas. — Não acho que o sr. Roosevelt tivesse isso em mente, não é? Seja como for, vendo sua esposa histérica e a vida de seu garotinho ameaçada, o bem-intencionado sr. Pritchett simplesmente desistiu.

“Ele se sentou nos degraus de sua varanda e observou aqueles rapazes malvados expulsando os famintos de volta para a favela. Tudo que pôde fazer foi ficar sentado lá e chorar sobre o sangue deixado em seu pasto. Ele tinha visto a maioria daquelas vacas nascer, provavelmente ajudado a tirar algumas de dentro de suas mães. Vê-las sendo mortas daquela maneira, e depois desperdiçadas...” O pregador perdeu a vontade de continuar.

Quando ele parou de falar, os únicos ruídos na cozinha foram os do bule de café borbulhando no fogão e Solly batendo seus sapatos um no outro. Finalmente, Ella perguntou:

— O que vai acontecer agora?

— As vacas serão enterradas.

O irmão Calvin fez um sinal afirmativo com a cabeça, concordando com a explicação do sr. Rainwater.

— Havia tratores com carregadeiras frontais estacionados na estrada da fazenda, prontas para encher o buraco que haviam cavado. — Ele balançou a cabeça pesarosamente. — Sei que os homens precisam aceitar o trabalho que conseguem. Mas sei que eu nunca conseguiria atirar em vacas lerdas e seus bezerros. Não conseguiria enterrar suas carcaças em um buraco enquanto crianças famintas choravam por perto e precisavam jantar.

O sr. Rainwater se inclinou sobre a mesa na direção dele.

— O senhor estava tentando ajudar as pessoas da favela e se envolveu na confusão?

— Sim. Às vezes eu vou lá e realizo serviços religiosos para aquelas pessoas — explicou ele. — Eu as incentivei a estarem preparadas quando aqueles atiradores fossem à fazenda dos Pritchett e lhes prometi carne. Pelo menos um osso para uma panela de sopa. Não esperava que homens ameaçassem esmagar a cabeça de garotinhos com bastões de beisebol. — Seus ombros largos tremeram quando ele começou a chorar sentidamente. — Eu me sinto responsável por cada golpe desferido.

Ella pôs a mão confortadoramente no antebraço dele.

— A culpa não foi sua, irmão Calvin. Estava tentando ajudar. — Ela olhou para o sr. Rainwater. — O senhor conhece o dr. Kincaid melhor do que eu. Acha que ele iria à favela tratar das pessoas mais feridas? Posso lhe pedir para fazer isso, mas o senhor é parente dele.

O sr. Rainwater se levantou e começou a abaixar as mangas da camisa.

— Vou procurá-lo agora.

— Passe aqui antes de ir para a favela. Margaret e eu vamos juntar algumas coisas.

Ele fez um sinal afirmativo com a cabeça ao sair pela porta dos fundos.

Ella estava esperando por eles quando o sr. Rainwater voltou, meia hora depois, com o dr. Kincaid.

— Preciso de ajuda! — gritou ela da varanda da frente.

Os dois homens pegaram as caixas de comida, roupas e itens domésticos e as carregaram para o carro do sr. Rainwater.

— A senhora arrumou tudo isso no pouco tempo em que estive fora? — perguntou ele, erguendo um saco de farinha cheio de roupas que não cabiam mais em Solly.

— Estou juntando isso há algum tempo, esperando o momento certo para dar.

Enquanto os homens arrumavam as últimas coisas no carro, Ella voltou apressadamente para a cozinha, pediu a Margaret para ficar de olho em Solly e prometeu voltar a tempo de servir o jantar. Depois pegou seu chapéu e saiu correndo pela porta da frente.

— Esperem, estou indo.

— Isso não é necessário, sra. Barron — disse o médico. Ele estava suando profusamente.

— Sei que não é, mas posso ajudar.

— Talvez Margaret fosse mais adequada...

— Margaret é negra, dr. Kincaid. Não quero pô-la em risco de represálias de um grupo de delinquentes preconceituosos. Eles gostam de intimidar. Ainda mais quando suas vítimas são negras.

O médico olhou na direção do sr. Rainwater em busca de reforço, mas ele ficou do lado dela.

— Isso não se pode negar, Murdy.

O médico pôs rapidamente seu chapéu na cabeça.

— Então vamos. A sra. Kincaid está tendo um ataque de nervos com essa situação. Jurou que mandaria as autoridades me procurarem se eu não voltasse daqui a uma hora.

Mas uma hora não era tempo suficiente para atender a todos os feridos na fazenda de Pritchett.

Ella e o sr. Rainwater distribuíram aspirinas e conforto para aqueles com ferimentos menos graves, enquanto o médico tratava dos piores. Ele imobilizou

ossos de homens, que davam longos goles de bebidas ilegais para suportar a dor. Pôs ataduras em ferimentos que sangravam. Suturou os cortes que pôde com seus limitados recursos materiais e passou bálsamo antisséptico no restante quando sua linha de sutura acabou. Ajudou no parto de um natimorto de uma mulher que disse esgotadamente que era uma pena seu filho ter morrido, mas de qualquer maneira não poderia alimentar outra boca. Disse que sua pequena alma estava melhor no céu.

Quando todos os feridos foram tratados, Ella e o sr. Rainwater circularam entre as frágeis meias-águas, tendas remendadas, caixas de papelão e carros enferrujados que serviam de abrigo. Distribuíram as roupas, os itens domésticos e a comida que tinham trazido. Os olhares que as pessoas lançavam a Ella eram indiferentes à sua generosidade ou pateticamente gratos por ela. Ella achou as duas reações igualmente perturbadoras.

Depois de ter dado tudo que trouxera, ela atravessou novamente o acampamento e foi ao encontro do dr. Kincaid, que estava dando instruções para a mulher cujo filho nascera morto.

O dr. Kincaid se afastou da cama da mulher, uma tampa de uma caixa que ela arrastara para a sombra de uma noqueira-pecã, e pôs as mãos na parte inferior das costas, enquanto se esticava. Ele havia deixado seu paletó e chapéu no carro. Sua camisa estava suja e molhada de suor. A manga cheirava a sangue.

— Acho que ajudamos um pouco — observou.

— Não o suficiente.

— Não. Nunca é o suficiente. — Ele sorriu amargamente para Ella. — Ainda assim, é melhor voltarmos antes que a sra. Kincaid mande um grupo de busca armado.

— Vai haver dor? — perguntou-lhe Ella.

— Não, não muita. A criança era pequena e só tinha sete meses. Até que foi um parto relativamente fácil.

Mas então ele percebeu que Ella não se referia à mulher que perdera seu filho. Estava olhando para o sr. Rainwater, que apertava a mão de um homem vestido apenas com um macacão sujo. Em cada uma das pernas do homem havia uma criança encardida e descalça agarrada ao brim com mãos ainda mais sujas. Ele segurava uma terceira criança nos braços. Ella o ouvira dizer ao sr.-Rainwater que sua esposa havia morrido de tuberculose uma semana antes, e não sabia como iria procurar trabalho e ao mesmo tempo cuidar dos filhos.

Ela estava muito longe para ouvir o que os dois falavam um para o outro agora, mas imaginou que o sr. Rainwater estava lhe dizendo para não perder a esperança. Ele soltou a mão do homem, despenteou os cabelos de uma das

crianças e se virou para voltar na direção dela e do médico.

Ella olhou para o dr. Kincaid, sua pergunta pairando entre eles.

— Sim — disse ele.

Um arrepio a percorreu. Ela engoliu em seco.

— Pode lhe dar alguma coisa para isso?

— Quando ele pedir, sim.

— Ele vai pedir?

O médico observou seu parente passando ao redor de fogueiras e um amontoado de pessoas.

— Sim, sra. Barron — respondeu o médico tristemente. — Ele vai.

No domingo seguinte ao incidente na fazenda dos Pritchett, alguém dirigindo uma picape atirou uma garrafa através de uma janela da igreja durante o culto noturno. A garrafa por pouco não atingiu uma idosa que estava sentada no final do banco mais perto da janela, mas, além de estilhaçar uma grande vidraça, não causou nenhum dano. Deixando um rastro de insultos raciais gritados e uma nuvem de poeira, a picape se afastou em alta velocidade.

A voz melodiosa do irmão Calvin manteve sua congregação sob controle. Nenhuma das mulheres entrou em pânico, nenhum dos homens foi atrás da picape. Quando as crianças, assustadas, foram acalmadas, o irmão Calvin continuou seu sermão e, no fim do culto, tinha acrescentado dez convertidos ao seu rebanho.

O rosto do pregador ainda estava machucado, mas os cortes nele e uma costela quebrada foram suas únicas lesões. O comentário da srta. Violet Dunne sobre a participação do pastor no incidente na fazenda dos Pritchett foi:

— Ele teve sorte de não ter sido linchado.

Embora a posição de Ella sobre questões raciais diferisse muito da posição da solteirona, ela chegou à mesma conclusão. Sentia que o irmão Calvin tivera sorte de escapar com vida.

A princípio, acreditou-se que o ataque à igreja tivera motivações raciais, um aviso aos negros para não se meterem em negócios reservados aos brancos, como assuntos do governo. Essa opinião mudou quando, na noite seguinte, duas tendas na favela arderam em chamas e um saco de esterco de cavalo foi jogado no riacho do qual as pessoas acampadas ali tiravam sua água.

Parecia que o preconceito predominante se estendera aos brancos pobres e trabalhadores desempregados.

Porém, depois desses incidentes, Conrad Ellis e sua turma aparentemente perderam o interesse em terrorismo organizado. Eles voltaram às suas costumeiras formas de delinquência — direção imprudente, embriaguez em público e comportamento odioso em qualquer oportunidade.

A cova coletiva na fazenda de Pritchett mal era notada da estrada, e a lixívia impedia que o cheiro de decomposição emporcalhasse o ar, mas o incidente

ainda estava fresco na mente de todas as pessoas. Outros criadores de gado leiteiro e pecuaristas da região estavam vendendo seus rebanhos para os agentes da FSRC, mas nenhuma dessas transações provocara incidentes, em parte porque ocorreram em áreas rurais, não nos arredores de Gilead e sua favela cheia de gente que mal conseguia sobreviver.

Para evitar execuções hipotecárias de suas propriedades, muitos proprietários locais de terras ansiavam por tirar vantagem do programa do governo antes que o dinheiro alocado para a compra de gado acabasse. O sentimentalismo perdurava apenas até quando se tratava de fazer uma escolha entre perder um rebanho e perder tudo. Solly parecia satisfeito em estar batendo as pontas de seus sapatos, por isso Ella saiu também.

Ninguém culpava um homem por tentar tirar o máximo proveito de uma situação péssima. Muitos habitantes da cidade admiravam o sr. Pritchett, que havia denunciado o xerife Anderson por estar presente e não fazer nada quando os agressores transformaram uma situação terrível em uma briga que pôs vidas em risco. Outros expressavam abertamente seu desprezo pelo sr. Ellis e sua família, que lucraria com o programa enquanto vaqueiros e fazendeiros eram deixados sem nada com que recomeçar. Alguns, que não gostavam da favela e desconfiavam de todos que viviam lá, achavam que os vagabundos tinham tido o que mereciam.

Os boatos se espalhavam em grande velocidade. As fofocas se tornavam maldosas. Os pavios estavam curtos e a tensão era alta. Todos pareciam esperar que algo ruim acontecesse. O medo era tão opressivo quanto o calor implacável.

Uma noite, ao estudar o tabuleiro de xadrez esperando que o sr. Rainwater fizesse seu movimento, o sr. Hastings observou distraidamente:

— Está quente e úmido hoje.

O sr. Rainwater limitou sua resposta a um desatento sinal afirmativo com a cabeça.

Ella estivera preparando assados o dia inteiro, por isso, mesmo depois de o sol baixar, a cozinha continuava tórrida. Não havia nenhuma brisa, embora todas as janelas da casa estivessem abertas na esperança de que alguma entrasse. Ela havia perguntado aos cavalheiros se eles se incomodariam de dividir com ela e Solly a sala da frente, onde o pequeno ventilador elétrico pelo menos movimentava o ar sufocante.

O sr. Hastings respondera por ambos:

— É claro que não.

Ella havia se sentado em uma cadeira e posto Solly no chão ao seu lado, onde ele brincava com carretéis de linha enquanto ela colocava a costura em dia.

O sr. Hastings tomou um gole de seu copo suado de chá gelado e, continuando sua conversa unilateral, disse:

— Do jeito que está úmido, pode desabar uma tempestade antes do amanhecer. Ouso pensar que poderíamos realmente ver chuva?

O sr. Rainwater moveu pensativamente uma peça de xadrez.

— Se eu não o conhecesse — disse ele devagar —, diria que está tentando me distrair com toda essa conversa sobre o tempo.

— Admito minha culpa — disse o homem mais velho com uma risadinha. — Estou tentando manter minha posição e dignidade. O senhor está melhorando a cada jogo.

— Mas o senhor ainda joga melhor do que eu.

— Meu palpite é que não por muito tempo.

O sr. Rainwater sorriu para ele, mas Ella também o viu desviando seu olhar para Solly, que estava absorto em sua brincadeira com os carretéis de madeira. Na última meia hora, havia percebido que o sr. Rainwater passava tanto tempo estudando Solly quanto o tabuleiro de xadrez. Solly estivera brincando quieto, mas subitamente lhe ocorreu que ele poderia ser uma distração, impedindo seus hóspedes de apreciar totalmente o jogo.

Ela se apressou a cortar a linha que estava usando para pregar um botão em uma das camisas de Solly. Pôs de volta o dedal, a linha e a tesoura na cesta de costura. Enfiou cuidadosamente a agulha em um cartão branco duro e o deslizou para dentro de um bolso interno da cesta.

O sr. Rainwater, notando, perguntou:

— Terminou?

— Por esta noite.

O sr. Hastings se virou em sua cadeira.

— Vai nos deixar, sra. Barron? Eu estava gostando da sua companhia.

Ella sorriu timidamente, grata pela mentira gentil.

— Está na hora de pôr Solly na cama.

Inclinou-se para pegar os carretéis com que o filho estivera brincando. Solly protestou quando ela tirou um da mão dele e o colocou na cesta.

— Hora de ir para a cama, Solly — disse, rezando para ele ir sem fazer uma cena.

Sua oração foi em vão.

Solly começou a dar o gemido agudo que indicava que estava angustiado. Pôs as mãos dos lados da cabeça e começou a batê-las em seus ouvidos, enquanto o gemido ganhava a intensidade de um grito.

Ella deixou a cesta de costura no chão, ao lado de sua cadeira, pegou Solly no colo e o abraçou em um esforço para prender ao seu corpo as mãos agitadas e os pés do filho que a chutavam.

— Peço desculpas pela interrupção, senhores. Boa-noite.

Carregando Solly, ela praticamente correu para fora da sala. Ao passar pela escada, um vulto com um roupão leve e uma rede nos cabelos se inclinou sobre o corrimão do corredor acima e perguntou:

— Está tudo bem?

— Sim, srta. Pearl. Boa-noite.

Ella entrou rapidamente em seu quarto e se apoiou na porta para fechá-la, esperando que o carvalho pesado bloqueasse o som produzido por seu garotinho. Abraçou-o e pediu que se calasse, sussurrando-lhe uma ladainha de palavras confortadoras, embora soubesse de sua inutilidade. Solly era torturado por demônios contra os quais Ella era impotente. Para ela e os outros, seus ataques eram um contratempo. Para ele, puro tormento, cuja extensão ela nem podia imaginar. Não podia protegê-lo de sua própria mente, de um inimigo invisível, e esse era seu maior pesar.

Sempre que algo assim acontecia, também aumentava seu medo de não conseguir impedir que Solly fosse internado em um hospício. E se o sr.-Rainwater relatasse esse episódio ao dr. Kincaid? E se o médico resolvesse agir por conta própria e notificasse as autoridades sobre os perigos que os ataques de Solly representavam?

Além do mais, se isso continuasse a acontecer, ela poderia perder hóspedes. Embora eles fossem gentis, havia um limite para sua tolerância com esses ataques. Os momentos eram difíceis, o dinheiro andava curto e cada centavo contava. Não podia se dar ao luxo de perder hóspedes bons e permanentes como as irmãs solteironas ou o sr. Hastings, especialmente porque a estada do sr.-Rainwater era temporária.

Depois de tomar fôlego, ela carregou Solly para o pequeno quarto em que ele dormia. Fechar a porta tornava o quarto ainda mais quente e abafado do que já era, mas permaneceria fechada até conseguir acalmá-lo.

Mas nada que Ella fez pôs fim ao seu agitar de mãos e grito agudo. Finalmente, ela o deixou tempo suficiente para correr para a sala de estar formal e, ignorando os olhares ansiosos e indagadores dos dois homens, pegar sua cesta de costura. Quando voltou para o quarto de Solly, virou a cesta sobre a cama do filho, espalhando seu conteúdo.

Ele imediatamente parou de gritar. Pegou dois carretéis de linha e os colocou no chão ao lado da cama e perto do seu alcance, mas não muito. Então, um a um,

recolocou na cesta os itens espalhados na cama. Quando terminou, pôs a cesta no chão, deitou a cabeça no travesseiro e fechou os olhos. Em segundos, estava dormindo.

Ella se apoiou na parede e deslizou para baixo até se sentar no chão. Estava molhada de suor e mais exausta do que se tivesse ido e voltado correndo de Brownsville.

Abaixou a cabeça e tirou os grampos dos cabelos, aliviando a nuca do peso do coque. Também havia alívio no silêncio e na inatividade de Solly, e, por isso, sentiu-se muito envergonhada. Olhou para o rosto adormecido do filho e seu coração se apertou com amor e uma pontada de pena. Não tinha como saber, mas se perguntou se o sono era o único estado em que Solly encontrava sua própria paz.

Arrastou-se sentada no chão até o lado da cama, tomando o cuidado de não tirar os dois carretéis do lugar onde Solly tão cuidadosamente os colocara. Durante vários minutos, apenas ficou olhando para ele com aquela mesma mistura de amor e pena. Depois tocou suavemente a mão do filho sobre a colcha. Seus dedos percorreram a fina rede de veias azuis logo abaixo da pele pálida. Mal fazendo contato, passou o dedo sobre os cílios e depois a borda da orelha de Solly.

Ele não se retraiu ou rechaçou o toque. Nem se mexeu, exceto pela quase imperceptível subida e descida do peito magro. Esses eram os momentos mais preciosos da vida de Ella, em que podia se comprazer tocando o filho sem ser rejeitada. Durante as horas em que os outros dormiam na casa, ela frequentemente ficava nesse pequeno quarto que tinha grades em sua única janela para evitar fugas. Passara muitas noites acariciando Solly, imaginando um dia em que ele olharia para ela e sorriria reconhecendo-a e retribuindo seu amor.

Aquela era uma esperança ridícula. Muitos haviam lhe dito isso. Contudo, apegava-se a ela. Se não se apegasse, temia cair em um abismo de desespero do qual não haveria saída.

Apenas um ribombo de trovão precedeu a chuva. Ela não começou com algumas gotas e aumentou. Caiu súbita, violenta, e instantaneamente transformou-se em um aguaceiro.

Em um segundo, Ella se levantou. Pegou seu robe e saiu do quarto ainda enfiando os braços nas mangas. O corredor central estava escuro, mas o brilho dos relâmpagos fornecia iluminação intermitente enquanto ela corria na direção

da sala de estar formal.

Ao entrar na sala, por um momento um raio a cegou. Ella atravessou o cômodo até a parede oeste, onde as altas janelas continuavam abertas. A chuva já encharcara os peitoris. Seus pés descalços descobriram o chão escorregadio. Fechou a janela do canto e se dirigiu à próxima.

Percorreu a fileira de janelas e as fechou, deixando a chuva pesada do lado de fora. Raios denteados rasgavam o céu negro. As copas das árvores eram agitadas por um vento furioso. Uma roupa fora arrancada do varal e estava sendo levada rua abaixo, calças e camisas vazias dando cambalhotas como artistas circenses.

Quando a última janela foi fechada, Ella saiu das salas de estar e foi para a porta da frente. Ficava no lado sul da casa e era protegida pela sacada do segundo andar, mas a chuva fora levada pelo vento através da varanda e da tela. O vento era tão forte que Ella teve dificuldade em fechar a pesada porta. Fechou o trinco para prendê-la, descansou por um momento apoiada nela e então se virou.

Ele estava em pé no degrau de baixo, com a mão direita no pilar do corrimão, como se tivesse sido apanhado em movimento quando a viu.

O sr. Rainwater quase desaparecia durante os intervalos de escuridão entre os lampejos ofuscantes de luz azulada, quando sua camisa parecia anormalmente branca. Somente um botão no centro do peito estava fechado. Ele não tivera tempo para pôr a fralda da camisa para dentro. Seus suspensórios formavam alças em suas coxas. Seus pés estavam descalços.

Ella sabia que devia estar tão desalinhada quanto ele, talvez mais ainda. Seus cabelos se encaracolavam selvaticamente ao redor do rosto e desciam soltos e despenteados pelas costas. Seu robe estava úmido de chuva. A bainha molhada se agarrava aos seus tornozelos. Seus pés frios e úmidos a lembravam de que estava descalça.

Ela registrou tudo isso em uma questão de segundos, durante os quais pareceu que sua respiração fora arrebatada de seu corpo. Um raio caiu perigosamente perto. O trovão que se seguiu estremeceu a casa. Vidros e porcelanas tiniram dentro do móvel de madeira. O lustre no corredor balançou. A porta dos fundos bateu, ecoando o trovão.

Mesmo então, nenhum dos dois se moveu. Eles continuaram com os olhos fixos um no outro. O coração de Ella parecia prestes a explodir.

Ela disse com uma voz rouca:

— A tempestade finalmente desabou.

Ele sustentou seu olhar por mais vários instantes, balançando lentamente a cabeça.

— Não. Não desabou.

Ela tomou fôlego tremulamente, o coração comprimindo os pulmões, e forçou os pés a se moverem.

Quando passou pelo sr. Rainwater dirigindo-se ao seu quarto, ele acrescentou em voz baixa:

— Ainda não.

Assim que o café da manhã foi servido e a cozinha foi limpa, Ella e Margaret saíram para limpar a sujeira deixada pela tempestade. Ela ficou surpresa ao encontrar Calvin catando galhos de árvore quebrados e os empilhando na vala ao longo da linha da propriedade.

Olhou para Margaret acusadoramente, mas sua empregada deu de ombros.

— Eu não mandei chamá-lo.

— É verdade, sra. Barron. Vim por conta própria, esperando ser útil.

Ella havia cedido e o deixado pintar as venezianas. Também fora pago para fazer outras tarefas que exigiam mais força e tempo do que ela tinha.

— Não posso pagar outro empregado — disse-lhe agora, enquanto ele serrava um galho quebrado da nogueira-pecã.

— Não precisa. Eu lhe devo isso.

— O senhor não...

— Estamos muito longe de ficar quites, sra. Barron.

Quando o galho danificado se soltou do tronco, o irmão Calvin se virou e olhou para ela. Ella viu que a parte branca de um dos seus olhos ainda tinha um ponto vermelho. Percebendo que aquilo era uma questão de honra para ele, assentiu com um pequeno gesto de cabeça.

— Agradeço sua ajuda, irmão Calvin.

— Aquela tempestade foi só barulho. O chão mal está molhado.

Ella ouvira no rádio naquela manhã que a quantidade de chuva fora insignificante e caíra tão rápido que escoara antes de poder encharcar o chão esturricado. Certamente não pusera fim à seca.

O pregador apontou para a vala.

— Hoje, mais tarde, vou queimar aqueles galhos para a senhora. Há mais para pôr na pilha.

— Vá até a cozinha na hora do almoço. Margaret lhe dará de comer.

— Seu feijão-manteiga?

Ela sorriu.

— Não hoje.

— Seja o que for, eu lhe agradeço, senhora.

Ella ficou ocupada pelo resto da manhã, providenciando para que todos os peitoris e assoalhos molhados na noite anterior fossem limpos e secos. As cortinas da sala de estar estavam úmidas. Ela as sacudiu e virou o ventilador em sua direção para acelerar o processo de secagem.

A refeição do meio-dia foi servida, mas Ella tinha tanto serviço para pôr em dia que deixou-a a cargo de Margaret e depois a enviou à mercearia com uma longa lista de compras. No meio da tarde, tinha costeletas de porco assando na panela e estava dando os toques finais em um pudim de banana quando percebeu que Solly não estava mais na cozinha com ela.

— Solly! — Ela se precipitou para fora da cozinha e correu pelo corredor central na direção da porta da frente, pela qual ele já saíra uma vez.

— Aqui.

Ella se virou rapidamente e voltou sobre seus passos, parando ao chegar à abertura em arco que levava à sala de estar informal. O sr. Rainwater estava sentado no chão com peças de dominó espalhadas na sua frente. Solly, ao seu lado, observava atentamente enquanto ele pegava uma peça e a colocava em perfeito alinhamento com a anterior.

— O que...

— Shh. Ele está bem. Olhe.

Em qualquer outra ocasião, Ella se ressentiria de ser silenciada, mas estava tão intrigada com a aparente concentração de Solly que entrou na sala e se sentou na beira da cadeira mais próxima.

O sr. Rainwater continuou a acrescentar peças de dominó à linha irregular que formara no chão de madeira de lei. Os olhos de Solly acompanhavam cada movimento cuidadoso de suas mãos.

— Na noite passada, reparei que ele estava brincando com os carretéis. Empilhando-os e os colocando em perfeita justaposição. — Embora o sr.-Rainwater estivesse falando com Ella, não ergueu os olhos para ela. Sua concentração nas peças de dominó era tão grande quanto a de Solly. — Ver isso me deu esta ideia.

Para evitar falsas impressões, ela disse em voz baixa:

— Ele também faz isso com outras coisas, sr. Rainwater. Palitos de dente. Botões. Tampas de garrafa. Qualquer coisa que seja uniforme.

Em vez de diminuir seu entusiasmo, o que Ella esperara, sua afirmação pareceu legitimar o otimismo dele.

— É mesmo? — Sorrindo, ele continuou a aumentar a coluna de dominós.

Solly permaneceu estupefato. Parecia não notar que seu joelho estava tocando o do sr. Rainwater.

Quando todas as peças de dominó foram colocadas, o sr. Rainwater afastou as mãos e ficou sentado imóvel.

Solly olhou para a linha de peças de dominó por quase um minuto antes de estender seu dedo indicador para a última e cutucá-la. Ela caiu, fazendo todas as outras virem abaixo.

Ella se levantou.

— Obrigada por cuidar dele.

O sr. Rainwater ergueu a mão, com a palma virada para fora.

— Espere. — Movendo-se devagar, esticou as mãos e começou a virar as peças de modo a ficarem com os pontos para baixo. Então as misturou como se fosse começar um jogo. Quando estavam todas espalhadas, voltou à sua posição anterior. — Sua vez, Solly.

O garoto se sentou, olhando para as peças por um longo tempo antes de pegar uma e colocar em pé.

Ella sabia que o filho tinha reagido não ao seu nome, mas à sua misteriosa necessidade interior de alinhar as peças de dominó. Era essa característica, sua insistência em uniformidade e ordem, e suas explosões violentas se as coisas não estivessem nessa ordem em particular, que lhe indicara pela primeira vez que Solly era diferente das outras crianças. As crianças normais deixavam seus brinquedos desarrumados.

— Ele nem sempre foi como é agora.

O sr. Rainwater ergueu os olhos para ela.

— Ele era um bebê perfeitamente normal — continuou Ella. — Foi amamentado e dormia na hora certa. Só chorava quando estava molhado, com fome ou com sono. No resto do tempo, ficava contente. Reagia normalmente a vozes e sons. Ele me reconhecia. Reconhecia o pai, Margaret e os hóspedes que moravam aqui naquela época. Nós brincávamos de bater palmas e pique. Ele ria. Começou a engatinhar com nove meses e andou com 13. Era igual a todos os outros bebês. Acho que até mesmo fora do comum, porque eu o treinei para usar o banheiro assim que completou dois anos, o que é cedo para qualquer criança, mas especialmente para meninos. Foi o que me disseram.

Ela olhou para baixo e se deu conta de que estava agarrando seu avental com as duas mãos. Forçou seus punhos a relaxarem e o soltarem e depois alisou as pregas que fizera no tecido.

— Mas na faixa dos dois anos, quando a maioria das crianças afirma sua independência e revela sua personalidade, Solly começou a... regredir. Parou de

reagir quando tentávamos brincar de jogos com ele. Quando sua atenção estava concentrada em algo, não conseguíamos desviá-la disso, e ele ficava muito aflito quando tentávamos. Seu interesse e sua consciência do que acontecia ao redor diminuíram. Seus ataques se tornaram mais frequentes. O balançar e a agitação de mãos se tornaram constantes. Durante algum tempo, consegui fazê-lo parar, mas então um dia meu doce e esperto bebê se afastou um pouco mais de mim. — Ela ergueu o olhar do colo para Solly, que ainda estava alinhando as peças de dominó. — Até que ele desapareceu totalmente. — Ela olhou para o sr.-Rainwater e ergueu o ombro. — Nunca o tive de volta.

O sr. Rainwater havia ouvido sem se mexer. Agora olhava para Solly.

— Murdy acha que ele deveria ser internado em uma instituição para doentes mentais.

Imediatamente lamentando ter aberto uma exceção à sua costumeira reserva e falado de um modo tão franco com ele, Ella ficou na defensiva:

— Vocês dois falaram sobre meu filho?

— Eu lhe perguntei por que Solly é assim.

— Por quê?

— Por que perguntei? Eu queria saber.

— sr. Rainwater, sua curiosidade é...

— Não é curiosidade, é preocupação.

— Porque o senhor deveria se preocupar com um garoto que, até algumas semanas atrás, nem mesmo sabia que existia?

— Porque na primeira vez em que o vi ele havia derrubado uma panela de amido em si mesmo.

Ela teria preferido que ele não se preocupasse com uma criança que se queimara? Não. Contudo, seu interesse a ofendeu. Havia pensado que ele era diferente dos estranhos curiosos. Não era. Só era bem educado demais para fazer perguntas rudes e olhar com flagrante fascínio ou repugnância; cortês demais para apontar e rir, fazer piadas e dizer coisas cruéis. Mas falar sobre Solly com o médico pelas suas costas era igualmente vil.

— Se queria saber sobre Solly, por que não perguntou para mim?

— Porque pressenti que ia reagir exatamente como está reagindo.

Seu tom racional só enfatizou o quanto ela era desequilibrada. Ella não pôde evitar de perguntar o que mais o médico lhe dissera a seu respeito. Irritava-lhe os dois terem falado sobre ela. Sentiu um calor subindo pela sua gola, seu pescoço e seu rosto.

Como se lesse sua mente, ele disse:

— Não estávamos fofocando, sra. Barron. Fiz algumas perguntas a Murdy, e ele explicou.

— Ele lhe pediu para me convencer a internar Solly, já que todas as suas tentativas falharam?

— Não.

— Eu nunca trancafiaria Solly em uma instituição.

Ele assentiu com a cabeça, e Ella não soube dizer se isso indicava que concordava com sua opinião ou a entendia.

— Essa é uma afirmação muito corajosa. — A frase foi tão ambivalente quanto seu movimento de cabeça.

Ella se levantou.

— Está quase na hora do jantar. Tenho trabalho a fazer. — Ajoelhou-se ao lado de Solly, pronta para pegá-lo e, mesmo se ele tivesse um dos seus ataques, carregá-lo para fora da sala e para longe do sr. Rainwater.

Para sua consternação, seu hóspede pôs uma das mãos em seu braço.

— Por favor. Olhe. Diga-me o que nota.

Solly acabara de alinhar todas as peças e agora estava olhando para a fileira sinuosa. Enquanto Ella observava, ele empurrou delicadamente a peça na extremidade. Só demorou segundos para todas as outras virem abaixo como tinham vindo antes.

Sem entender o que o sr. Rainwater queria lhe mostrar, ela o olhou indagadoramente.

— Note os pontos – disse ele.

Ella só precisou de alguns segundos para ver o que ele queria que visse, e, quando viu, seus braços se arrepiaram. Seu coração estremeceu. Ela emitiu um pequeno som involuntário de surpresa.

As peças de dominó tinham sido espalhadas no chão, viradas para baixo. Contudo, Solly as havia escolhido uma a uma e alinhado em ordem numérica, do duplo zero para o duplo seis.

Ofegante, ela se virou para o sr. Rainwater.

— Como lhe ensinou a fazer isso?

— Não ensinei.

— O nome para isso é sábio idiota.

Era o dia seguinte à descoberta da notável habilidade de Solly. Na noite anterior, após o jantar, Ella e o sr. Rainwater o testaram várias vezes. Em momento algum ele deixou de colocar as peças de dominó em ordem ascendente, embora as escolhesse enquanto viradas para baixo.

Naquela manhã, assim que o café terminou, Ella enviou Margaret ao consultório do médico com um bilhete descrevendo o que acontecera na noite anterior e lhe perguntando se poderia levar Solly para uma consulta.

Ella não usou o telefone para se comunicar com o médico, desconfiando da telefonista, conhecida por ouvir conversas. Até ter uma explicação para o raro talento de Solly, não queria que os fofoqueiros da cidade sussurrassem sobre isso.

As pessoas tendiam a temer quem era diferente. Algumas eram tacanhas em seu modo de ver os deficientes mentais, acreditando que deveriam ser isolados para o bem-estar e a segurança deles mesmos e dos outros.

Da sua infância, Ella se lembrava de um homem mongoloide chamado Dooley. Era inofensivo, doce e amigável, mas não tinha a discrição que provinha do condicionamento, e sua excessiva afabilidade deixava algumas pessoas desconfortáveis.

Um dia ele entrou no jardim de uma viúva, Ella acreditava que inocentemente, e espiou pela janela do quarto e a viu nua. Ela gritou e fez um estardalhaço disso, e ele foi enviado para um hospício no leste do Texas. Morreu lá.

Ella vivia com um medo constante de que aquela internação forçada também fosse o destino de Solly. Um só ato, como a espiada inocente do pobre Dooley pela janela, poderia fazer Solly ser tirado dela e isolado. Por isso, ela o protegia zelosamente, sabendo que bastaria um incidente para produzir uma corrente de suspeita e medo de seu filho.

O dr. Kincaid havia enviado uma mensagem por Margaret de que os receberia às três horas, depois do horário normal de atendimento. O sr.-Rainwater havia perguntado se poderia acompanhá-los, e Ella consentira. Afinal

de contas, fora ele quem havia descoberto a habilidade de Solly. Foram para a cidade no carro dele.

A sra. Kincaid os havia levado para uma pequena sala, e dito que logo seriam atendidos. Oferecera-lhes algo para beber, mas ambos recusaram, embora Ella tivesse aceitado uma bala em bastão para Solly. Eles estavam esperando havia apenas um ou dois minutos quando o médico entrou, trazendo uma caixa com peças de dominó.

Ella sentiu seu pulso acelerar quando o sr. Rainwater cumpriu o ritual de virar as peças para baixo e misturá-las sobre a escrivaninha arranhada do médico. Mas Solly fez o que fizera no dia anterior. O dr. Kincaid balançou a cabeça, pasmado. Depois se recostou em sua cadeira rangente e disse aquela frase surpreendente e ofensiva.

— Sábio idiota? — repetiu Ella.

Interpretando corretamente sua reação negativa, ele disse:

— É um termo desagradável, eu sei. Mas até a comunidade médica encontrar um melhor, esse é o nome dessa anomalia em particular.

— Anomalia — disse ela, testando a palavra. — O que é exatamente isso?

— *Exatamente*, ninguém sabe. — O dr. Kincaid apontou para o livro de medicina em sua escrivaninha, aberto em uma página com um texto finamente impresso. — Conhece o termo QI, quociente de inteligência? É um termo relativamente novo que se refere à avaliação da capacidade mental de uma pessoa.

Ela e o sr. Rainwater disseram que já tinham ouvido falar nisso.

— Hoje consideramos uma pessoa com um QI de vinte ou menos mentalmente retardada e não educável. Mas, durante séculos, alguém com essa capacidade limitada era conhecido como um idiota. — O médico pôs seus óculos de leitura e consultou o texto. — No final do século XIX, um médico alemão estudou indivíduos com retardo mental, congênito ou resultante de lesões, que também possuíam habilidades incomuns, até mesmo milagrosas. Em geral tinham um talento extraordinário para a matemática, música ou memorização. Ele combinou o termo para pessoas com inteligência extremamente baixa com a palavra francesa para indivíduos extremamente instruídos e criou o termo *sábio idiota*.

— E é isso que Solly é? — Embora Ella achasse o termo desagradável, estava ansiosa por saber mais.

O dr. Kincaid tirou os óculos.

— Não posso afirmar com certeza, sra. Barron. Sou apenas um médico de uma cidade rural. Ouvi falar em sábios idiotas, mas até seu bilhete me descrever

o que Solly fez ontem tinha muito pouco conhecimento dessa classificação. Eu a pesquisei para me preparar para esta consulta.

“E francamente”, continuou ele, “ainda estou em grande parte no escuro. Minha pesquisa não me disse muito. Há poucas informações sobre esse tema e, frequentemente, são contraditórias. Apenas uns poucos médicos no mundo trataram esses pacientes, e nem eles sabem por que essas pessoas têm características tão discrepantes.

“Na verdade, ninguém forneceu uma explicação definitiva de como essa anomalia ocorre e por quê. Algo acontece no útero quando o cérebro está sendo formado, ou sua origem é pós-natal? Ela ocorre como um resultado de trauma na cabeça, impacto emocional ou ambiental?” Ele encolheu os ombros.

Ella hesitou e então disse:

— Raramente se passa um dia em que eu não me pergunte se Solly é assim devido a algo que eu fiz, antes ou depois de ele nascer. — Aquilo era difícil de admitir. O dr. Kincaid lhe deu um sorriso gentil.

— Posso quase lhe garantir que não, sra. Barron. Se isso ocorreu no útero, foi um acidente inevitável da natureza. Eu a ajudei no parto dele, e não aconteceu nada fora do comum. Se, quando era bebê, Solly tivesse sofrido uma lesão ou doença grave, a senhora saberia.

“As teorias sobre as causas do problema dele são tão variadas que nenhuma tem um fundamento sólido. Pelo menos não em minha opinião. Mas se eu fosse forçado a arriscar um palpite, diria que isso acontece quando o feto está se formando, mas não se manifesta necessariamente na infância.”

— Solly estava se desenvolvendo como as outras crianças.

O dr. Kincaid pôs a mão sobre o texto aberto.

— O fato é que os sintomas geralmente surgem por volta da idade que Solly tinha quando a senhora começou a notá-los.

O sr. Rainwater falou pela primeira vez.

— Estranho. Esses médicos brilhantes não conseguem identificar a causa.

O dr. Kincaid disse:

— Quando eles não conseguem explicar uma aberração, frequentemente a atribuem ao sobrenatural. Alguns especulam que esse distúrbio tem uma natureza espiritual, que os sábios idiotas têm uma conexão direta com a mente de Deus. Que pessoas como Solly pensam em um plano totalmente diferente de nós, motivo pelo qual frequentemente não têm consciência do que está ao seu redor, de outras pessoas ou outros estímulos. — Mais uma vez, o médico sorriu para Ella. — Poderia ser confortador para a senhora acreditar que Solly é especial porque se comunica diretamente com Deus e os anjos.

— Não quero ser confortada, dr. Kincaid. Quero descobrir o potencial de Solly, e o tipo de vida que ele poderá ter. Quero saber se devo lhe dar todas as chances possíveis de realizar esse potencial.

Ela olhou para onde o filho estava sentado, balançando para frente e para trás a partir da cintura, segurando um botão de sua camisa e chupando a bala em bastão, trancado em uma esfera em que ela não podia entrar. O sr. Rainwater fez a pergunta que estava surgindo na mente dela:

— Essas pessoas têm recuperação, Murdy? Com ajuda, podem levar uma vida normal?

O dr. Kincaid consultou novamente o livro aberto, mas Ella achou que ele estava ganhando tempo, não realmente procurando uma resposta para a pergunta.

— Há pouquíssimos casos documentados. Os critérios para o diagnóstico estão constantemente sob debate e mudando. A única coisa que esses casos têm em comum é a pouca semelhança entre eles. Cada indivíduo é diferente. Os sintomas e a gravidade variam. Alguns realmente desenvolvem habilidades linguísticas. Conseguem se comunicar em uma base limitada. Mas raramente colocam em prática seu conhecimento superior.

O sr. Rainwater lhe pediu para explicar melhor.

O médico pensou por um instante.

— Por exemplo, um indivíduo que demonstrou uma capacidade de memorização surpreendente pode ler apenas uma vez uma das peças de Shakespeare e conseguir citá-la textualmente. Ele não faz isso por nenhum outro motivo além de porque pode fazê-lo. Não memoriza a peça porque quer aprendê-la de cor. Não a lê porque está curioso sobre como termina. Também não tem nenhum interesse em seu conteúdo. As palavras não significam mais para ele do que os nomes no catálogo telefônico. Se ele lê, memoriza. Isso não é algo que tenta fazer para instrução ou entretenimento.

— Mas ele *pode* ler Shakespeare — disse Ella.

O médico devia ter notado a esperança em sua voz, porque pareceu triste em afastá-la.

— É verdade que alguns como Solly realmente leem, sra. Barron. Outros não leem, falam ou se comunicam em nenhum nível, embora, milagrosamente, sejam capazes de tocar ao piano composições difíceis após ouvi-las apenas uma vez. Outros ainda são tão retraídos quanto Solly, até mesmo resistentes a ser tocados, como ele é. Contudo, podem resolver imediatamente problemas matemáticos muito complicados, quando até mesmo um matemático experiente demoraria dias para resolvê-lo. — Ele ergueu as mãos com as palmas viradas para cima.

— A verdade é que estou muito feliz por sua descoberta do dom especial de

Solly. Mas não posso explicá-lo ou especular sobre como será benéfico para ele. Não ousaria lhe dar uma falsa esperança de que Solly acabará adquirindo habilidades de linguagem. Simplesmente não sei, sra. Barron. E temo que ninguém saiba.

O resumo do dr. Kincaid do distúrbio de Solly deveria ter diminuído a excitação de Ella com sua incrível habilidade, mas não diminuiu. Ela considerou isso um grande marco em suas tentativas de alcançar seu filho. Para ela, representou uma pequena brecha no muro atrás do qual a mente e personalidade dele se escondiam.

Tendo encontrado aquela pequena brecha, Ella decidiu-se a ampliá-la, esperando torná-la grande o suficiente para poder passar por ela. Seu coração desejava ter um canal de comunicação com Solly, não importava o quanto fosse estreito.

Todos os dias, Ella roubava tempo de seus afazeres domésticos para passar com o filho. Reproduzindo as peças de dominó, desenhava vários conjuntos de pontos em um papel e depois entregava o lápis para Solly, esperando que ele desenhasse seus próprios grupos de pontos e a partir daí aprendesse que um conjunto de pontos representava um número particular, e que os números podiam ser somados e subtraídos para formar outros números.

Mas ele nunca pegou o lápis ou demonstrou qualquer interesse em desenhar pontos no papel. Quando Ella cobriu sua mão com a dela e tentou guiar o lápis, ele teve um ataque de raiva. Batendo a cabeça contra a dela, causou-lhe um machucado no queixo que ficou visível durante dias. Por um tempo, Ella desistiu de tentar fazê-lo desenhar pontos e voltou às peças de dominó. O jogo mantinha Solly calmo e ela à espera de outro progresso.

Uma noite, Solly estava sentado no chão da cozinha alinhando as peças de dominó enquanto ela dobrava toalhas de banho e rosto. O sr. Rainwater veio devolver uma xícara de café usada.

Ele observou:

— Vejo que Solly não perdeu o interesse.

— Não. Mas também não progrediu. — Ela lhe falou sobre sua frustração com a incapacidade do filho de entender que podia desenhar pontos de dominó no papel. — Eu esperava que ele passasse a entender que os pontos representam um número, e que os números significam alguma coisa.

— Talvez ele entenda. Se não entendesse, por que sempre colocaria as peças em ordem?

Ela não teve nenhuma resposta para isso.

— A senhora se importaria se eu trabalhasse com ele? — perguntou o sr.-Rainwater.

— Fazendo o quê?

Ele ergueu um ombro.

— Ainda não sei. Tenho de pensar sobre isso.

A falta de clareza da resposta a deixou inquieta. Estava prestes a dizer não a esse pedido quando se lembrou das muitas gentilezas que o sr. Rainwater fizera com Solly. Ele parecia ter um interesse genuíno e altruísta em seu filho. Também era incomumente paciente, e trabalhar com Solly exigia enorme paciência, que às vezes nem ela tinha. Ella também pensou no dia na horta em que ele retirou ervas daninhas por falta de algo melhor para fazer. O sr. Rainwater precisava se sentir útil.

Ela consentiu, com uma condição.

— Se Solly ficar ansioso...

— Pararei o que estivermos fazendo. Eu prometo.

Três dias depois, ela entrou na casa com seu avental cheio de tomates e abóbora que colhera na horta. Margaret estava descascando batatas.

— Não conseguiremos comer todos esses tomates antes de estragarem. — Ella os deixou cair cuidadosamente de seu avental para a mesa da cozinha. — E já tenho muito em conserva. Ponha estes com as coisas que vão para a favela esta noite. E aqueles três ovos. Teremos ovos frescos de manhã, por isso não preciso deles.

— Sim, senhora.

Ella examinou as aves que haviam sido recheadas com pão de milho temperado e colocadas em uma panela rasa, prontas para assar.

— Pôs sal nelas?

— E pimenta em uma. As velhas senhoras não gostam de pimenta, mas o sr.-Rainwater gosta.

Ella afastou fios de cabelo que haviam se soltado de seu coque.

— Solly ainda está com ele?

— Na sala dos fundos, fazendo suas lições.

Ela abriu a geladeira.

— Uma de nós terá de ir à mercearia amanhã. Lembre-me de acrescentar 500 gramas de manteiga à lista de compras.

— O sr. Rainwater está sendo muito gentil em dar tanta atenção ao nosso Solly. Por que acha que ele está fazendo isso?

— Também precisamos de maionese. E um pouco de mortadela. Se for você

quem irá, peça ao sr. Randall para fatiar mais fino desta vez, por favor.

— Sem dúvida ele é diferente.

Ella sabia que Margaret não estava se referindo ao dono da mercearia. Fechando a porta da geladeira, virou-se para encarar sua empregada.

— Diferente?

— Diferente do sr. Barron.

Ella foi para a pia e lavou as mãos.

— O sr. Rainwater tem cabelos escuros. É magro. O sr. Barron era mais baixo e forte, e tinha cabelos claros. — Enxugou as mãos e se dirigiu à porta. — Vou dar uma olhada em Solly e depois deixar aquela abóbora pronta para assar.

— Eu não estava falando sobre a aparência dele.

Ella fingiu não ouvir o último comentário murmurado pela empregada e foi para a sala de estar. Solly e o sr. Rainwater estavam sentados em cadeiras próximas à mesa onde as irmãs Dunne frequentemente jogavam *gin rummy*.

Quando ela entrou, o sr. Rainwater a olhou e sorriu.

— Acho que a senhora está errada.

— Sobre o quê?

— Acho que Solly realmente entende o conceito de números. Observe.

Ela se aproximou. Um baralho fora espalhado virado para baixo sobre a mesa. As cartas de número dois de cada naipe estavam corretamente empilhadas, assim como as de números três e quatro. Enquanto ela observava, Solly pegou todas as cartas de número cinco dentre as espalhadas, começando com a de paus, depois a de espadas, copas e por último a de ouros. Ele alinhou bem as bordas e colocou o grupo atrás da pilha de cartas de número quatro. Fez o mesmo com as cartas de números seis e sete, escolhendo-as dentre as não vistas e pegando-as na mesma sequência.

Ella não ficou tão animada.

— Ele se lembra de onde cada carta está na mesa. Isso é um milagre, mas não está realmente lendo. Só está combinando o padrão de paus em uma carta com o padrão de espadas em outra, e assim por diante. O que ele realmente está fazendo não tem nada a ver com as quantidades e com como elas se relacionam.

— Não estou tão certo disso. As cartas, ao contrário das peças de dominó, têm números impressos nelas.

— Isso faz uma diferença?

— Acredito que sim. Continue observando.

Solly prosseguiu até empilhar as cartas de número dez ao lado das de número nove. Então se recostou e começou a balançar.

Ella olhou para o sr. Rainwater e depois para as cartas ainda viradas para baixo sobre a mesa.

— Ele não pegou as cartas de figuras ou ases.

— Elas não têm algarismos.

Ella se sentou na outra cadeira, próxima à de Solly e de frente para o sr.-Rainwater. Pegou todas as pilhas que Solly havia formado e as cartas ainda na mesa, misturou o baralho e espalhou as cartas, primeiro viradas para cima, e depois virou para baixo as 52, uma a uma.

Solly observou atentamente. Assim que todas as cartas estavam viradas para baixo, ele empurrou as mãos dela para poder começar. Juntou todas as de número dois e prosseguiu até sua pilha de cartas de número dez estar colocada bem ao lado da pilha das de número nove. Ele não mexeu nas cartas de figuras e ases.

O sr. Rainwater olhou para Ella com uma sobrancelha erguida.

— Ele sabe que os algarismos representam a quantidade de símbolos de cada carta, e conhece a sequência dos números. Quatro é maior do que três.

Ainda em dúvida, ela murmurou:

— Possivelmente.

— Ele sabe.

— Por que diz isso?

— Porque, antes de a senhora entrar, tirei as cartas de número quatro do baralho. Ele parou nas de número três e não prosseguiu enquanto não devolvi à mesa as de número quatro. Fiz isso de novo com as cartas de número oito. Ele parou nas de número sete e, dessa vez, procurou no meu bolso, tirou as de número oito e as arrumou em sua sequência, paus, espadas, copas, ouros, e prosseguiu a partir daí.

Quase mais miraculoso para ela do que a compreensão de Solly dos algarismos era ele ter tocado voluntariamente em alguém.

— Ele procurou no seu bolso.

O sr. Rainwater sorriu.

— Sem nenhuma orientação minha.

Ella voltou os olhos para Solly. Instintivamente, acariciou o rosto do filho e disse:

— Bom trabalho, Solly. — Ele afastou sua mão, mas ela esperou que, em algum recôndito inacessível da mente do menino, seu orgulho e amor tivessem sido registrados.

Olhando novamente para o homem do outro lado da mesa, disse:

— Obrigada por passar tanto tempo com ele.

— O prazer é todo meu.

— Se ele é capaz de aprender a reconhecer números, se aprender sua relevância uns para os outros talvez consiga aprender o mesmo sobre as letras. Poderia aprender a fazer contas simples, aprender a ler.

— É o que penso.

— Pelo menos há esperança. Sempre há esperança, certo?

O sorriso dele decaiu, mas só um pouco.

— Nem sempre. Mas às vezes.

Na manhã seguinte, Ella estava na sala de jantar tirando a louça do café da manhã quando Margaret irrompeu pela porta da cozinha. Estava com o chapéu torto, o rosto suado e tentando tomar fôlego.

— O que aconteceu?! — exclamou Ella.

A srta. Violet estava afrontada.

— Bem, eu nunca... — Ela e a irmã olhavam para a mulher negra, paralisadas e horrorizadas.

O sr. Rainwater se levantou.

— O que há de errado?

— Ouvi na mercearia — disse Margaret ofegante — que pode haver confusão na casa dos Thompson.

— Ollie e Lola? — perguntou Ella.

— Isso mesmo. Seus amigos.

— Preciso ir. — Com o coração na garganta, Ella puxou com força as tiras do seu avental, e quando ele se soltou o entregou para Margaret, ao passar pela porta que ligava a sala de jantar à cozinha.

Ela pôs seu chapéu. Depois se ajoelhou e ergueu Solly da cadeira em que estava sentado batendo com sua colher de cereal na borda da mesa.

— Termine o café da manhã, Margaret. Guarde as compras. Se eu não voltar até a hora do almoço...

— Pode ir ver seus amigos — disse Margaret. — Vou cuidar das coisas por aqui, gostem as velhas senhoras disso ou não.

— Eu a levarei — disse o sr. Rainwater, que as havia seguido até a cozinha.

— Não, vou pegar o meu carro.

— Seu carro não é ligado desde...

— Posso dirigi-lo, Margaret — disse Ella rispidamente.

— Mas meu carro está estacionado aqui em frente.

Ella dividiu um olhar entre sua empregada e seu hóspede, que fizera o sensato oferecimento de irem no carro dele, que era mais novo, mais confiável e facilmente acessível.

— Obrigada, sr. Rainwater. — Ella o precedeu no corredor central, carregando Solly, que agora estava batendo com sua colher na omoplata dela.

— Eles são seus amigos?

Ella havia colocado Solly entre ela e o sr. Rainwater no banco dianteiro do carro dele. Dera-lhe instruções sobre como sair da cidade. Ele estava dirigindo rápido, mais rápido do que ela ousaria dirigir seu modelo Ford mais antigo.

— Nós fomos da mesma classe na escola, embora eles tivessem saído na décima série. O pai de Ollie morreu e ele teve de assumir a direção de sua fazenda de gado leiteiro. Era o filho mais novo, e o único garoto. Todas as suas irmãs se casaram e foram embora há muito tempo.

“Nunca houve nenhuma dúvida de que ele e Lola um dia se casariam. Sempre foram loucos um pelo outro. Quando Ollie deixou a escola, Lola insistiu em que eles fossem em frente e oficializassem sua união, para ela também poder ajudá-lo na fazenda. Eles têm quatro filhos agora. São boas pessoas. Vire à direita no próximo cruzamento.”

A estrada em que o sr. Rainwater entrou não era pavimentada. Ervas daninhas altas cresciam nas valas dos dois lados. Para além das valas, cercas de arame farpado separavam fileiras de pés de milho lutando por sua sobrevivência no solo árido de campos de algodão sendo colhido por trabalhadores carregando longos sacos em suas costas curvadas.

Ainda não eram dez horas, mas Ella achou que a temperatura já passava dos 30º C. Eles não tinham outra escolha além de deixar as janelas do carro abertas. O vento estava quente e poeirento. Havia arrancado o chapéu de Ella e lhe despenteado os cabelos, mas ela mal notou.

Seus pensamentos estavam em seus amigos e na falta de sorte deles. Com cada bebê, Lola havia engordado um pouco, e a falha entre seus dentes da frente parecia aumentar, mas ela era uma das pessoas mais felizes que já conhecera. Amava o marido, os filhos e a vida. Ella esperava que sua felicidade inata a ajudasse e à sua família a superar aquilo.

Ollie era um tipo sal da terra, com orelhas e coração grandes. Havia lutado para passar de uma série para outra devido a todos os dias de aula que teve de perder para ajudar seu pai a cuidar da fazenda, ordenhando as vacas antes e depois da escola e fazendo tudo o mais que era preciso para manter o lugar. Mas Ollie desistira da escola por vontade própria. O know-how tinha sido mais

valioso para ele do que o aprendizado nos livros, e sua experiência prática fora recompensada. Ele se orgulhava do quanto a fazenda prosperara sob sua supervisão.

Pelo menos até os últimos anos, quando ele fora forçado a pegar dinheiro emprestado para manter seu rebanho e sua família até a seca terminar e seus pastos ficarem verdes de novo. Ele tinha de vender barato o leite que conseguia tirar de suas vacas subnutridas, criando uma necessidade de outro empréstimo. Esse círculo vicioso os havia posto em grande endividamento e risco de perder sua fazenda.

Eles se beneficiariam muito com o programa do Serviço de Alívio da Seca de compra de rebanhos por um preço muito baixo, mas qual seria o custo emocional?

O sr. Rainwater disse:

— Temo que seja tarde demais.

Quase ao mesmo tempo em que ele falou, Ella avistou a nuvem de poeira se erguendo do leito da estrada.

— O que é aquilo?

— Acho que é um comboio.

A distância entre eles e a coluna rodopiante de poeira diminuiu rapidamente. Estavam quase emparelhados com ela antes de conseguirem identificar cada veículo. Na frente, vinha um caminhão repleto de vacas leiteiras. A seguir, três carros pretos, com insígnias pintadas dos lados e homens com rostos sérios. Um homem no primeiro carro estava em pé no estribo, segurando uma janela aberta e com um rifle apoiado no ombro.

— Eles são os...

— Atiradores — disse o sr. Rainwater, terminando a frase por ela.

Por sobre o ronco dos carros que passavam, Ella ouviu outro som, que a princípio pensou ser o estouro de um cano de descarga. Mas quando o sr.-Rainwater resmungou um palavrão por entre os dentes, notou a força com que ele agarrava o volante e seu rosto tenso.

— O que foi aquele som de estouro?

— Tiros.

Ela virou a cabeça e viu os carros do governo desaparecerem atrás de uma ondulação na estrada. Os tiros não tinham vindo deles. Então quem estava atirando? Um nó gelado de medo se formou em seu peito. Para ajudar a desfazê-lo, disse:

— Isto é diferente do que aconteceu na casa dos Pritchett.

O sr. Rainwater virou a cabeça e lhe lançou um olhar significativo. Combatendo seus próprios temores, ela disse:

— Aquilo aconteceu devido às pessoas da favela. Mas nenhuma delas viria tão longe. Elas não teriam como chegar aqui. Então quem está atirando? E por quê?

Ella ainda estava perturbada pelas imagens dos ferimentos em mulheres e crianças. Lembrou-se do relato do irmão Calvin do garotinho sendo arrancado dos braços da sra. Pritchett enquanto o xerife Anderson e seus assistentes não faziam nada. Subitamente, sentiu muito medo por seus amigos.

— Depressa — disse, inclinando-se para frente como se desejando que o carro fosse mais rápido. — É a próxima à esquerda.

Antes de eles chegarem ao desvio para a fazenda dos Thompson, uma picape entrou velozmente na estrada, fez uma curva fechada para a direita e seguiu direto na direção deles. A picape derrapou no cascalho solto, quase arremessando vários homens para fora antes de se estabilizar. Permaneceu na pista até o último momento e depois, com um toque de buzina, deu uma guinada para cruzar a faixa amarela.

A picape passou zunindo pelo cupê do sr. Rainwater. Ella reconheceu o homem ao volante — Conrad Ellis. Espremidos na cabine com ele estavam três outros homens. Havia cerca de uma dúzia na carroceria, segurando-se uns nos outros e no que mais que pudessem segurar para se equilibrar. Nenhum parecia muito preocupado com a possibilidade de ser arremessado para fora. Estavam rindo, gritando e disparando para o ar de pistolas e rifles de caça.

O sr. Rainwater virou à esquerda praticamente sobre duas rodas, jogando Solly contra Ella e Ella contra a porta do passageiro. A casa da fazenda ficava a 400 metros da estrada principal. O sr. Rainwater continuou a pisar fundo no acelerador até chegarem a um pasto em que um grande buraco fora cavado. Ele freou subitamente. O carro deslizou por vários metros antes de parar.

O sr. Rainwater saiu e andou ao redor do capô. Tirou seu chapéu e o bateu na coxa, enquanto examinava a grande cova. Solly parecia satisfeito batendo as pontas de seus sapatos uma na outra, por isso Ella saiu também.

Quando o irmão Calvin relatou o incidente na fazenda dos Pritchett, pintara imagens com palavras para descrever a cena. Mas a descrição gráfica do pregador não tinha preparado Ella adequadamente para o que ela viu. Dezenas de vacas e bezerros muito magros tinham sido levadas para o buraco e abatidas com tiros na cabeça, alguns animais com vários. Eles haviam caído uns sobre os outros, com suas pernas entrelaçadas. Aquela era uma visão repugnante.

— Isso é horrível.

Ella percebeu que o sr. Rainwater estava falando mais para si mesmo e, de qualquer maneira, o que ela poderia acrescentar? Pondo uma das mãos acima dos olhos para se proteger do sol brilhante, olhou na direção do bosque de salgueiros, onde dois tratores com carregadeiras frontais estavam estacionados. Os homens que os operavam esperavam na sombra antes de terminar seu trabalho de sepultamento. Um deles estava fumando um cigarro. O outro aparentemente cochilando, com seu chapéu puxado sobre o rosto.

Ella teve de lembrar a si mesma de que eles, como os atiradores, eram homens fazendo o melhor que podiam para ganhar a vida em uma economia terrível. Não tinham inventado a política que estavam sendo pagos para implementar e, possivelmente, a entendiam ainda menos do que ela. Eram apenas homens, fazendo um trabalho difícil em tempos difíceis.

Contudo, Ella se sentiu como se eles fossem o inimigo.

Ela se virou e olhou para Solly, ainda concentrado em bater seus sapatos um no outro. Depois começou a subir a ladeira na direção da casa. O sol queimava o alto da sua cabeça, lembrando-a de que deixara seu chapéu no banco do carro, mas não voltou para buscá-lo. Uma cerca de estacas brancas circundava o quintal da frente. A casa também era branca, mas agora estava salpicada de pontos pretos. Ella percebeu, chocada, que eram buracos recentes de balas. Quando chegou à cerca, viu que o portão fora arrancado do mourão e estava caído em um formigueiro de lavapés. As formigas estavam em um furioso frenesi. Ella se desviou cuidadosamente do que restara do formigueiro.

Lola estava sentada no balanço da varanda, com as mãos no rosto, chorando sobre seu avental. Havia duas crianças com rostos sérios sentadas uma de cada lado dela. O garoto, obviamente o mais velho, estava com os olhos secos, mas era novo demais para a expressão amargurada no rosto suave.

A garotinha estava com uma das mãos no joelho da mãe. Lágrimas escorriam pelo seu rosto. Ela parou de chorar quando viu Ella atravessar o jardim e subir os degraus da varanda.

— Ollie.

Ele estava sentado no degrau de cima, os ombros musculosos curvados e as botas de trabalho plantadas no degrau inferior. Tinha um cigarro entre os lábios. Quase 3 centímetros de cinzas pendiam dele. Segurava uma pistola Colt na mão direita, mas tão frouxamente que a arma parecia prestes a escorregar dela. Olhava para o espaço vazio, aparentemente sem perceber a aproximação de Ella, mas, quando ela disse seu nome, ele a olhou com olhos assustados.

— Ella. — Caindo em si, ele tirou o cigarro da boca e estendeu o braço para o degrau de baixo, a fim de apagá-lo, perguntando:

— O que está fazendo aqui?

— Eu vim... achei que vocês poderiam estar aflitos. Vim dar o apoio que puder.

Ollie olhou para o carro estacionado no caminho, um pouco distante da casa. Viu o sr. Rainwater olhando tristemente para a cratera no pasto.

— Quem é ele?

O sr. Rainwater não poderia tê-los ouvido daquela distância, mas, no exato momento em que Ollie fez essa pergunta, ele deu as costas para a horrível visão e começou a caminhar na direção da casa.

— Um primo distante do dr. Kincaid. Vai ficar na cidade por algum tempo. É meu hóspede.

Eles observaram o sr. Rainwater subindo a ladeira e passando pelo portão danificado. Quando entrou no jardim, Ella ficou impressionada com como ele era magro comparado com Ollie.

— sr. Thompson? — disse ele ao se aproximar. — David Rainwater.

Ollie olhou para a mão direita estendida para ele como se não soubesse ao certo o que fazer com ela. Então passou a pistola para a mão esquerda e eles apertaram as mãos.

— Ollie Thompson.

— Lamento conhecê-lo nessas circunstâncias.

— Sim, eu também. — Com esforço, Ollie se levantou. Mesmo em pé, parecia que seus ombros carregavam um enorme peso.

— Vimos o caminhão de gado. Eles lhe pagaram um preço justo? — perguntou o sr. Rainwater.

— O preço atual. Dezesseis dólares por cabeça, mais um bônus de 3 dólares para cada uma. Até mesmo pelos bezerros. Estou satisfeito por ter conseguido isso. Eu os chamei. Mas, droga, foi horrível.

Ella deixou os homens com sua conversa séria e foi para o balanço. Lola enxugou os olhos e, erguendo-os para Ella, ofereceu-lhe uma versão fraca de seu sorriso falhado. Ela deu um tapinha nas costas do filho.

— Scoot — disse-lhe. — Deixe a sra. Barron se sentar.

O garoto saiu do balanço e pulou para fora da varanda. Com as mãos enfiadas no fundo dos bolsos do seu macacão, deu a volta na casa e desapareceu.

— Ele está aflito — disse Lola, enquanto Ella se sentava no balanço ao seu lado. — Espero que supere isso. — Olhando para Ollie, acrescentou em voz baixa: — Espero que o pai dele também.

Ella sorriu para a garotinha, que lhe retribuiu com um sorriso tímido e depois

apoiou o rosto no braço roliço da mãe.

— Onde estão seus outros filhos?

— Eu telefonei para minha mãe esta manhã e lhe pedi para vir buscá-los e ficar com eles até as vacas serem enterradas. Já está sendo muito difícil para esses dois. Não queria que os dois mais novos ficassem marcados pelo resto da vida vendo algo que não podem entender.

— O que aconteceu?

Os olhos da mulher ficaram marejados de lágrimas.

— Os homens com os tratores chegaram aqui logo depois do amanhecer e cavaram o buraco. Então os homens nos carros do governo chegaram e separaram o rebanho. Puseram os animais saudáveis no caminhão. O resto... — Ela fez um sinal com a cabeça na direção da cova.

— Quarenta cabeças — disse Ollie. Agora havia lágrimas em seus olhos. — Eu recebi dinheiro por elas. Não tive outra escolha — acrescentou ele, com uma voz entrecortada. — Se não pagasse um empréstimo, perderia este lugar. Esta é a casa do meu pai. Precisava salvá-la.

Ollie não conseguiu continuar, por isso Lola continuou por ele:

— Assim que os homens do governo puseram os animais na cova, começaram a atirar. Naquelas pobres mães e seus bebês. — Ela começou a chorar copiosamente. Ella pôs um braço sobre seus ombros.

— E quanto à picape daqueles arruaceiros?

— Nós vimos Conrad na estrada — disse Ella, explicando a pergunta do sr.-Rainwater.

Ollie escarrou e cuspiu na terra fora da varanda.

— Lixo branco filho da mãe.

— Ollie — disse Lola, inclinando a cabeça na direção da filha deles.

— Bem, é isso que ele é. Apesar de todo o dinheiro que ele e o pai têm, não prestam. Todo aquele ramo da família Ellis é podre. Todo ele.

— O que eles estavam fazendo aqui? — perguntou o sr. Rainwater.

— Acho que aqueles covardes do governo os trouxeram junto só para garantir. — Ollie cuspiu de novo.

— Garantir o quê?

— Eu tentei barganhar com o chefe deles — disse Ollie irritadamente. — Disse-lhe que não precisava usar seus atiradores, que eu me livraria daquelas vacas sozinho. Que levaria as melhores do lote para a favela. Deixaria aquelas pessoas ficarem com elas para terem pelo menos uma boa refeição para seus filhos.

— Mas não. Ele disse que tinha ordens para atirar e enterrar os animais mais fracos e que ia fazer isso e eu não poderia impedi-lo. Tudo bem, disse eu. Vá em frente e se prostitua para o governo. — É claro que eu também me prostituí, ao aceitar seu maldito cheque.

— Pare agora mesmo com essa conversa, Ollie Thompson! Você fez o que tinha de fazer.

Ollie olhou para a esposa com remorso.

— O que não torna isso certo, Lola. Não faz com que eu me sinta bem em relação a isso. — Ele parou por um momento antes de continuar: — Acho que aquele homem não acreditou em mim, porque enquanto eles estavam atirando nas vacas, Conrad e sua turma ficaram apontando suas armas para nós, como se fôssemos tentar impedi-los. Quando aquilo terminou, os homens do governo foram embora. Mas antes de Conrad sair cantando pneus, ele e seus colegas atiraram na minha casa.

Os olhos do sr. Rainwater viram vários buracos de bala na madeira.

— Por quê?

— Por maldade, eu acho. — Ollie passou a manga da camisa sob o nariz. — Ou para me amedrontar e eu não fazer nada, como não fiz. — Ele olhou de relance na direção de onde o filho dera a volta na casa. — Acho que meu filho sentiu vergonha de mim.

— O que você poderia ter feito, Ollie? — perguntou Lola, demonstrando sua profunda lealdade. — Começar uma briga com Conrad e ver atirarem em todos nós?

— Ela está certa — disse o sr. Rainwater. — Baseado no que ouvi falar sobre esse Ellis, teria sido arriscado provocá-lo.

Ella lhes contou o que havia acontecido quando o sr. Pritchett tentou enfrentá-lo.

— Uma testemunha ocular nos contou como ele arrancou o filho da sra. Pritchett dos braços dela.

— Se ele encostasse um dedo em Lola ou em um dos meus filhos, eu o mataria — disse Ollie.

Lola devia ter visto Ella olhando para a pistola na mão de Ollie, porque zombou nervosamente:

— Ele realmente não atiraria em ninguém.

— Uma ova que não. Juro por Deus que atiraria.

Dirigindo-se ao sr. Rainwater, Lola disse:

— Um dos bezerros não morreu imediatamente. Conrad e seus amigos o

ouviram mugindo. Ficaram em pé na beira da cova, rindo e atirando pedras nele.

— Como eu disse — murmurou Ollie. — Lixo.

— Ollie entrou na casa para pegar sua pistola e acabar com o sofrimento do pobrezinho. Mas aqueles rapazes não o deixaram chegar perto da cova. Finalmente o bezerro morreu, eu acho. Parou de mugir. Conrad e seus amigos entraram naquela picape e foram embora.

— A festa acabou.

Ella notou que sempre que o sr. Rainwater estava muito zangado falava quase sem mover os lábios. Ele a viu olhando-o. Ela desviou rapidamente seu olhar para Ollie.

Ollie disse:

— De qualquer maneira, as vacas teriam morrido. Eu não tinha como alimentá-las. Estavam passando fome. — Ele engoliu em seco. — Mas foi horrível vê-las serem mortas daquele jeito.

Ele ergueu seu queixo na direção da cova, onde os dois homens estavam subindo novamente em seus tratores.

— Tudo que resta fazer é borrifar lixívia e jogar terra de volta no buraco.

Enquanto eles observavam, os motores dos tratores foram ligados. Com os canos de escape produzindo estampidos e expelindo fumaça, começaram a se mover ruidosamente para o grande buraco.

Ella pôs a mão no braço de Lola.

— Há algo que eu possa fazer por vocês?

Lola ergueu o avental para enxugar os olhos e, para a surpresa de todos, começou a rir. Abaixando o avental, disse:

— Você pode se ajoelhar e agradecer ao bom Deus por Ollie não ter dado um tiro bem no meio dos olhos de Conrad Ellis.

Ella apreciou a resiliência e o humor irreprimível da outra mulher. Se ela tivesse passado pelo que Lola passara naquela manhã, achava que não conseguiria nem mesmo tentar sorrir.

— Também estou feliz por Ollie não ter tido a chance de atirar naquele bezerro — acrescentou Lola. — Matar um animal para comer é uma coisa. Matar por qualquer outro motivo, bem, é diferente. Uma vez ele teve de sacrificar um cavalo velho e chorou até dormir durante três noites seguidas por causa disso.

Ela falou com um afeto produzido por um amor de longa data por Ollie Thompson. Os olhares que os dois trocavam eram tão pessoais e diziam tanto sobre o que sentiam um pelo outro que Ella se sentiu uma intrusa em um

momento profundamente privado. Também sentiu uma pontada de inveja.

O balanço se mexeu suavemente quando ela se levantou.

— Deixei Margaret sozinha, por isso é melhor voltar para casa.

— Obrigada por vir — disse Lola.

— Não fiz nada.

— Só vir aqui já foi muito. — Lola olhou para o sr. Rainwater. — Eu realmente nem me apresentei para seu amigo. Sou a Lola. Obrigada por trazer Ella até aqui.

— Não há de quê. Desejo tempos melhores para vocês.

Lola puxou sua filha para perto e beijou-lhe o alto da cabeça.

— Melhor do que isso ficarei mimada, sr. Rainwater.

Obviamente gostando dela e do seu otimismo, ele sorriu.

Então todos ouviram aquilo ao mesmo tempo — o mugido de um bezerro vindo da cova.

— Ah, Deus, tenha misericórdia — gemeu Lola.

A garotinha começou a chorar.

O garoto, que havia fugido, reapareceu. Desta vez seus olhos estavam molhados. Ele olhou para os adultos na varanda com renovado terror.

Ollie fechou brevemente os olhos e depois começou a descer os degraus.

O sr. Rainwater segurou o braço dele.

— Não. Eu cuidarei disso. — Ele não esperou pelo protesto ou pela aquiescência de Ollie, e tampouco levou a pistola ao atravessar a passos largos o quintal e o espaço vazio na cerca, suas longas pernas avançando rapidamente sobre o chão.

O mugido se tornou mais desesperado, um som horrível. Ella deu um abraço rápido em Lola e um tapinha no braço de Ollie ao passar correndo por ele, gritando:

— Avisem-me se precisarem de alguma coisa. — Depois correu escada abaixo e através do portão.

Quando chegou à cova, o sr. Rainwater estava na beira. O declive não era muito íngreme, mas a terra estava solta e ele usava sapatos sociais, não botas de trabalho como as de Ollie. Esteve perto de cair várias vezes em sua descida para a grande cova. Os tratores estavam quase sobre ela.

Sem poder fazer nada, Ella viu o sr. Rainwater avançar desajeitadamente na direção do bezerro, cuja parte traseira estava por baixo de uma carcaça, presumivelmente a de sua mãe. O animal tinha um ferimento nas costas que sangrava e já estava infestado de moscas, mas obviamente não era letal.

O motorista de um dos tratores gritou:

— Ei! Que diabos está fazendo? Saia daí!

O sr. Rainwater o ignorou e continuou tentando encontrar o melhor caminho entre as carcaças para o bezerro ferido.

— Maluco idiota! — gritou o outro motorista.

— Eu o estou avisando, senhor! — gritou o primeiro.

Ou o sr. Rainwater não os ouviu ou deliberadamente não prestou atenção às suas ameaças implícitas. O bezerro continuava a mugir. O sr. Rainwater pegou uma pedra do tamanho de uma melancia e a carregou, com aparente dificuldade, para onde estava o bezerro. Ergueu a pedra acima da sua cabeça e depois a deixou cair na cabeça do animal, esmagando seu crânio, matando-o instantaneamente e silenciando o triste mugido.

Ella cobriu a boca com a mão, apertando o braço contra o meio do peito.

O sr. Rainwater se curvou para frente e pôs as mãos nos joelhos. Continuou assim por vários instantes, até que um dos motoristas dos tratores lhe gritou outro xingamento e ameaçou atirar-lhe lixívia no rosto.

Só então ele se aprumou e começou a subir com dificuldade pela terra solta.

Ella, abalada com o que testemunhara, virou-se na direção do carro. Parou imediatamente, inalando ar quente para os pulmões, alarmada ao ver Solly em pé ao lado do carro, seu olhar fixo nas carcaças na cova e no homem que saía dela.

Pouco foi dito na volta para a cidade. Ella não sabia onde estavam os pensamentos do sr. Rainwater, mas os dela estavam em Solly. Preocupava-se com o quanto ele havia visto e compreendido, e o efeito que essa visão horrível poderia ter sobre o filho. Assim que o levou novamente para dentro do carro, ele voltara a bater com as pontas dos seus sapatos uma na outra. Não parecia afetado por aquilo, mas era impossível saber ao certo que tipo de impacto o incidente causara.

Nela, havia deixado impressões profundas: a cova com carcaças ossudas, o desespero de Lola e Ollie, o mugido desesperado do bezerro e o súbito silêncio depois que o sr. Rainwater o matou. Temia que demorasse muito tempo para aquelas lembranças perturbadoras se apagarem.

Elas a afligiram enquanto realizava arduamente suas tarefas domésticas naquela tarde. O calor era abrasador e enervante, fazendo até mesmo a tarefa mais rotineira parecer impraticável. As irmãs Dunne a haviam puxado para o lado e reclamado da atitude arrogante de Margaret. Ella prometera falar com a empregada sobre isso. Quando falou, Margaret reagiu com um recuo súbito que a fez derramar a gordura da grande frigideira de ferro em que fritava croquetes de salmão. A gordura caiu sobre a chama de gás, começando um pequeno incêndio no fogão e enchendo a cozinha de fumaça cheirando a peixe.

No final da tarde, a energia e paciência de Ella estavam esgotadas. Ela só queria terminar o jantar e a limpeza e depois se retirar com Solly para seus quartos, onde esperava encontrar um pouco de paz e sossego.

Com isso em mente, pôs a mesa de jantar enquanto Margaret fatiava repolho para salada e misturava massa de pão de milho. Quando voltou para a cozinha, viu o sr. Rainwater sentado à mesa com Solly, que alinhava fileiras de palitos de dente no oleado com padrão floral.

O sr. Rainwater sorriu-lhe.

— Ele está fazendo um real progresso. Está formando grupos de dez após me observar fazendo isso apenas uma vez. E sempre que põe a mão na caixa de palitos, tira exatamente dez.

Ella pegou uma jarra de chá na geladeira e a colocou em uma bandeja de servir.

— Isso não é progresso, sr. Rainwater. É uma habilidade sem valor.

Margaret parou de mexer a massa e deu um olhar desaprovador por cima do ombro para Ella, que fingiu não ver.

Vários momentos de silêncio tenso se passaram, até que o sr. Rainwater perguntou em voz baixa:

— Por que está dizendo isso?

Mantendo-se de costas para ele, Ella acrescentou à bandeja uma tigela de açúcar e um prato de limões recém-fatiados.

— O senhor ouviu o que o dr. Kincaid disse. O talento de Solly, por falta de uma palavra melhor, não tem nenhuma aplicação prática. Não até alguém precisar de palitos alinhados em fileiras de dez, ou peças de dominó arrumadas em uma fileira em ordem crescente.

— Estou surpreso de ouvi-la falar isso.

Ela se virou para ele rapidamente.

— Por quê?

— Porque isso poderia ser um avanço. Um início. O primeiro passo na direção...

— Do que, sr. Rainwater? — Ela apontou para Solly, que estava colocando os palitos de dente a uma distância igual um do outro enquanto batia com seus calcanhares nas pernas da cadeira. — Em que direção isso o está levando? Uma apresentação de salão? Algo para entreter a alta sociedade de Dallas ou Houston?

Com uma voz de apresentador de circo, ela disse:

— Venham ver Solomon Barron. Ele grita como um demônio, agita as mãos e tem ataques de raiva sempre que sua mãe o toca, mas é ótimo em truques com cartas.

— Srta. Ella? — Margaret tinha se afastado do balcão. A massa grossa e amarela pingava no chão da colher de pau que segurava, mas ela estava tão consternada com a explosão emocional de Ella que não notou. — O que deu na senhorita?

— Nada. Nada! — disse ela, com uma voz trêmula. — Só estou tentando explicar ao sr. Rainwater, que por motivos que desconheço tornou meu filho um projeto pessoal, como suas lições são ridículas e inúteis.

Ela deu um passo na direção da mesa.

— Não quero que meu filho seja uma aberração, ou exibido para a diversão das pessoas. Não quero que ele seja um espetáculo secundário. Quero que leia, escreva e *fale* comigo, não... não... — Ela passou a mão furiosamente pela

mesa, atirando as fileiras de palitos de dente cuidadosamente arrumadas por Solly e a caixa aberta no linóleo.

Solly imediatamente deu um grito de furar os tímpanos e começou a bater com os punhos nos lados da cabeça.

Ella subitamente se calou e, imobilizada por seu comportamento, olhou boquiaberta para os palitos de dente espalhados no chão, sem acreditar no que fizera. Não se achava capaz de perder o controle tão rápida e completamente.

O sr. Rainwater se levantou calmamente e pegou a vassoura para varrer os palitos. Margaret devolveu a colher gotejante à tigela de massa, dizendo brandamente para Ella:

— Tome conta do garoto, srta. Ella. Eu cuidarei disto.

Ella, mortificada com sua explosão, assentiu com a cabeça e tirou Solly da cadeira. Aquilo foi uma luta, mas finalmente o levou, chutando e gritando, para seu quarto. Fechou a porta para que somente ela tivesse de suportar seu ataque de raiva.

O ataque foi violento e durou quase meia hora. Nada que Ella fazia acalmava Solly. Evitou o máximo que pôde as mãos e os pés do filho, mas sabia que no dia seguinte teria equimoses. Finalmente ele se cansou o suficiente para adormecer.

Ella se sentou na cama de Solly e chorou copiosamente.

A frustração e tristeza que tinham crescido dentro dela o dia inteiro explodiram em grandes soluços. Chorou por seus amigos Ollie e Lola, que agora podiam evitar a execução da hipoteca, mas a um enorme custo emocional. Chorou pelos filhos deles que tinham experimentado uma coisa tão horrível e além da sua compreensão. Chorou pelas irmãs Dunne, reduzidas a morar na casa de outra pessoa e se ocupar reclamando da empregada. E por Margaret, que tinha de suportar o preconceito delas.

E, em um raro momento de autopiedade, chorou por si mesma, Solly e a sua situação difícil.

Vivia com medo do futuro. Diariamente, tentava manter seus temores sob controle e não deixar que a governassem. Mas hoje não tinha forças para afastá-los, e eles a dominavam.

Quando Solly crescesse e ficasse mais forte do que ela, como controlaria seus ataques de raiva?

O que aconteceria com o filho se algo acontecesse com ela? Adultos na flor da juventude tinham doenças terminais. Como o sr. Rainwater. E se ela tivesse câncer e morresse? Para onde Solly seria enviado pelo resto dos seus dias?

As pessoas também sofriam acidentes fatais. Eram atropeladas, atingidas por raios, perfuradas por forcados. Tinham mortes estúpidas e sem sentido

realizando uma tarefa doméstica que já haviam realizado milhares de vezes sem contratemplos. Se ela morresse inesperadamente, o que aconteceria com Solly?

Ou o que aconteceria se ele ferisse alguém durante um dos seus ataques de raiva? Seria tirado dela e internado em um hospício, e as pessoas diriam que aquilo era melhor para todos. Todos, exceto Solly.

Finalmente Ella parou de chorar. Então, envergonhada de suas lágrimas, lavou o rosto com água fria até seus olhos ficarem um pouco menos inchados e vermelhos. Arrumou os cabelos e trocou seu avental por um limpo. Examinou Solly mais uma vez e saiu do seu quarto.

A casa estava quieta. O jantar havia terminado e a sala fora limpa. Margaret estava terminando de lavar a louça na cozinha.

— Guardei um prato para a senhorita. — O prato estava no centro da mesa, coberto por um pano.

— Obrigada, Margaret — disse ela, mas não se moveu na direção da mesa.

A mulher a olhou com preocupação.

— Quer mais alguma coisa? Eu ficarei e prepararei o que quiser.

Ella balançou a cabeça.

— Não estou com muita fome. Pode ir. — Percebendo a hesitação de Margaret, acrescentou: — Meu ataque de choro já passou. Solly dormiu. Estamos bem. Eu a verei de manhã.

Margaret tirou o avental e pôs o chapéu. Depois foi até Ella e lhe deu um abraço.

— As preocupações de hoje são passado agora. Amanhã será melhor.

Isso não se revelou verdadeiro.

O sr. Rainwater não desceu para o café da manhã. Ella achou que ele não queria sair do quarto porque estava magoado com as palavras duras que lhe dissera na tarde anterior. Descarregara injustamente sua frustração nele, embora ele fosse responsável por parte dela. Fora sincera em cada palavra que disse sobre não querer que Solly se tornasse objeto de curiosidade e fascínio mórbido, como o homem elefante da Inglaterra.

Mas, em seu íntimo, sabia que essa não era a intenção do sr. Rainwater. De modo algum. Seu desejo de examinar a fundo as habilidades de Solly era nobre e gentil. Ela não tinha nenhum motivo para achar que ele queria explorar Solly, certamente não para ganho próprio.

Pretendia se desculpar por sua rudeza, mas a manhã se passou sem que o sr.-Rainwater descesse. Não se preocupou até ele não aparecer na hora do almoço.

Margaret confirmou que não o havia visto o dia inteiro. As irmãs Dunne também não.

— Espero que não haja nada errado — disse a srta. Violet tremulamente.

— Provavelmente ele só está tentando evitar o calor.

Mas Ella duvidou da própria explicação e decidiu conferir. Deixando Solly aos cuidados de Margaret, foi para o andar de cima. Ao caminhar pelo longo corredor, assegurou que seus passos seriam ouvidos, sem querer que ele pensasse que estava andando furtivamente para espioná-lo.

Ela parou do lado de fora da porta dele e prestou atenção, mas não ouviu nenhum som vindo do outro lado.

— sr. Rainwater? — Ella bateu de leve na porta e depois pôs a mão fechada nos lábios, esperando por uma resposta. Nenhuma veio. Bateu de leve de novo. — sr. Rainwater, o senhor está bem?

Quando ele não respondeu, sua boca ficou seca. Seu coração começou a bater pesadamente, com apreensão. O dr. Kincaid havia dito seis a 12 semanas. Possivelmente mais, se ele tivesse sorte. Dissera que o sr. Rainwater teria bons e maus dias, mas o declínio constante quando o câncer se espalhasse era inevitável. Haveria dor. Finalmente todos os sistemas do corpo deixariam de funcionar, um a um, mas o médico prometera levá-lo para um hospital bem antes disso.

— Não o deixarei morrer na sua casa, sra. Barron. E a senhora terá muitos avisos antes de chegar a esse ponto. Deus seria misericordioso se o levasse rápido, mas raramente isso acontece.

Mas agora ela se perguntava se o dr. Kincaid estava errado sobre o rumo que a doença tomaria, sobre Deus e Sua misericórdia.

Com o coração na garganta, abriu a porta do quarto.

O sr. Rainwater estava deitado na cama sobre as cobertas, vestindo camisa, calças e meias, mas, pela aparência deformada das roupas de cama, estava ali havia algum tempo. Pusera um dos antebraços sobre os olhos; a outra mão agarrava a camisa, abaixo do estômago. Ella ficou muito aliviada ao ver que ele estava respirando, embora a respiração fosse leve e rápida e produzisse um zunido ao passar por seus lábios parcialmente abertos. O cheiro azedo de suor impregnava o quarto.

— sr. Rainwater?

Ele moveu levemente o braço sobre os olhos.

— Por favor, vá embora, sra. Barron.

Em vez disso, ela se aproximou da cama.

— Precisa que eu chame o dr. Kincaid?

— Eu... — Antes de ele poder terminar, sentiu o que pareceu ser uma dor lancinante e gemeu por entre seus dentes cerrados.

Ella se virou e correu para fora do quarto, gritando por Margaret enquanto passava pelo corredor. Quando começou a descer as escadas, Margaret estava lá embaixo com os olhos arregalados, alarmada.

— É algum problema com o sr. Rainwater?

— Ele está doente. Telefone para o dr. Kincaid. Diga-lhe para vir imediatamente.

De fato, Ella empurrou Margaret na direção do telefone ao passar correndo por ela. Entrou na sala de estar formal e tirou o ventilador da tomada. Quando estava voltando para a escada, viu as irmãs Dunne em pé de mãos dadas na arcada da sala de estar informal, parecendo ao mesmo tempo preocupadas e temerosas.

— Há algo que possamos fazer? — perguntou a srta. Pearl.

— Não, obrigada.

Ela ouviu Margaret falando com a telefonista. Subiu rapidamente a escada, levando o ventilador.

O sr. Rainwater estava como o havia deixado, mas o espasmo que o acometera parecia ter diminuído. Ele tirou o braço dos olhos quando Ella entrou.

— Por favor, sra. Barron, não se preocupe. Momentos ruins como esse devem ser esperados. Vou superar isso.

— Nesse meio-tempo, isto deve deixá-lo mais confortável. — Ela pôs o ventilador sobre a mesa na frente da janela e o ligou.

— Há quanto tempo está com essa dor?

— Desde a noite passada.

— A noite passada! Por que não me disse, para eu poder chamar o dr. Kincaid?

— Achei que passaria. Tenho certeza de que passará.

Ella não partilhava seu otimismo. Ele estava com as bordas dos lábios brancas devido à dor e a mão ainda agarrando a camisa. Seus olhos estavam muito fundos nas órbitas.

— Logo o dr. Kincaid estará aqui. Quer que eu lhe traga alguma coisa para beber? Chá?

Ele balançou levemente a cabeça.

— Água, talvez.

Ela hesitou e depois o deixou de novo, indo apressadamente para a cozinha.

As irmãs idosas haviam desaparecido, presumivelmente voltando para a sala de estar informal. Margaret a olhou esperançosamente quando ela entrou pela porta da cozinha.

— É febre de verão, srta. Ella?

— Acho que sim. O dr. Kincaid está vindo?

— Ele disse que viria imediatamente.

— Ótimo. Pegue a jarra de água na geladeira. E um copo. Onde está a bacia de porcelana em que lavamos as verduras?

— No mesmo lugar de sempre.

Ella encontrou a bacia em sua prateleira habitual na despensa. Colocou-a na bandeja, junto com a jarra de água e o copo.

— Fique com Solly. — Ele estava sentado no chão, debaixo da mesa, brincando com carretéis vazios. — Peça ao médico que suba assim que chegar.

No quarto do sr. Rainwater, Ella afastou um livro, o relógio dele e uma luminária para pôr a bandeja na mesa de cabeceira. Despejou água da jarra no copo, passou sua mão por baixo da cabeça do sr. Rainwater e a ergueu. Ele bebeu sedentamente e lhe fez um sinal quando estava satisfeito. Ela pôs a cabeça dele de volta no travesseiro, notando que estava empapada de suor.

— Voltarei logo.

Ella saiu de novo, levando a bacia. Encheu-a até a metade com água fria da torneira do banheiro e pegou uma toalha de rosto limpa no armário. Tomando cuidado para não derramar a água, colocou a bacia de volta na mesa de cabeceira e mergulhou a toalha nela. Torceu-a e a usou para banhar o rosto do sr.-Rainwater. Ele a observou por um momento e depois fechou os olhos.

— Obrigado.

— Não há de quê.

— A senhora cuidou do seu marido?

— Como disse?

— Presumi que o sr. Barron tenha morrido de alguma doença. A senhora cuidou dele? Foi assim que adquiriu seu toque de enfermeira?

— Ele morreu subitamente.

— Ah. — Após um instante, acrescentou: — Então seu dom para a enfermagem é natural.

Ela mergulhou novamente a toalha na água, a torceu e aplicou no rosto e pescoço dele.

— Acho que isso é parte do instinto maternal.

Embora o sr. Rainwater continuasse com os olhos fechados, sorriu

fracamente.

— Uma habilidade feminina, única do seu sexo.

Ella molhou a toalha de novo e, após torcê-la, a dobrou em um retângulo e pôs na testa dele, firmando-a no lugar. Então se afastou e se sentou na cadeira perto da janela, juntando as mãos no colo. O sr. Rainwater não disse mais nada, e ela acharia que estava dormindo se não fosse pela contração ocasional dos dedos e o enrijecimento do seu maxilar, que indicavam que sentia fortes dores.

Pela janela aberta, ouviu o carro do dr. Kincaid chegando, a porta sendo fechada e os passos apressados se dirigindo à varanda. Momentos depois, o dr. Kincaid surgiu à porta aberta, parecendo sem fôlego e ansioso.

— David? — Mal olhando para Ella, pôs sua maleta preta de médico ao pé da cama e se inclinou sobre seu paciente com óbvia preocupação.

O sr. Rainwater abriu os olhos.

— Olá, Murdy. Não fique tão assustado. Ainda estou vivo.

Ella se levantou.

— Vou deixá-los. Se precisarem de alguma coisa...

— É claro, sra. Barron. Obrigado — disse o médico distraidamente.

Ella saiu, fechando a porta.

O dr. Kincaid desceu quase uma hora e meia depois. As irmãs Dunne tinham ido visitar uma amiga. Margaret estava preparando o jantar enquanto ficava de olho em Solly. O médico encontrou Ella na sala de estar informal, passando um esfregão no chão de madeira de lei.

— Como ele está?

O dr. Kincaid tirou um lenço do bolso da calça e enxugou o rosto e a cabeça calva. Ella se perguntou se esse hábito visava apenas a enxugar o suor, ou se ele o usava para retardar más notícias.

— Eu o mediquei. A crise passou.

— Ele estava com uma dor terrível.

— A pior que sentiu até agora.

Seu tom de voz sugeria que a dor de hoje era apenas um prenúncio do que estava por vir.

— Eu lhe deixei algo para usar sozinho. Ele diz que só o usará se a dor se tornar insuportável. Ele é inflexível nesse ponto. Por enquanto — acrescentou carrancudamente. — Ele mudará de ideia.

Ella desviou o olhar. Após um momento, perguntou:

— Não há nada que possa ser feito? Cirurgia? Algum tipo de tratamento?

— Se houvesse, ele já o teria feito, sra. Barron. Eu teria providenciado isso.

— É claro. Não quis sugerir nenhuma negligência da sua parte.

— Sei que não, e não a interpretei assim. Acredite em mim, sinto a mesma frustração. Pesquisei todas as fontes que conheço. Escrevi para médicos que têm muito mais experiência e conhecimento do que eu. Especialistas em Boston e Nova York. Todos chegaram ao mesmo triste prognóstico. Isso começou nos ossos dele e só foi detectado quando houve metástase para órgãos vitais.

Ella afastou um cacho de cabelo da testa.

— O senhor tem instruções para mim?

— Ele não é seu paciente.

— Mas vive sob meu teto. Não posso simplesmente ignorar seu sofrimento.

— Telefone-me ao primeiro sinal de desconforto. Não hesite em me chamar a qualquer hora do dia ou da noite, não importa o quanto David proteste.

- Eu chamarei.
- Ele sempre dirá que isso não é necessário.
- Não darei ouvidos às suas objeções.
- Ótimo.

Ela acompanhou o médico até a porta da frente e abriu o trinco da tela. Ele hesitou no limiar e a olhou com remorso.

— A senhora não precisava dessa tensão adicional, sra. Barron. Eu não deveria ter trazido David aqui. Agora lamento ter feito isso.

A casa do médico estava superlotada com seus dois filhos ativos e barulhentos. Seus pacientes lhe telefonavam a qualquer hora da noite. Todos os dias havia na clínica um fluxo constante de pessoas com feridas sangrando e ossos quebrados, mulheres em trabalho de parto, crianças com problemas que variavam de simples infecções na garganta a doenças potencialmente letais. Ella achava que ele lhe trouxera o sr. Rainwater não para fugir à sua responsabilidade, mas para que o amigo tivesse um lugar mais tranquilo onde viver.

Esperando aliviar a culpa do médico, disse-lhe que o sr. Rainwater era um hóspede ideal.

— Ele é atencioso e querido por todos. É excepcionalmente paciente com Solly. Até mesmo útil. — Estava prestes a falar mais sobre isso, mas mudou de ideia. — O sr. Rainwater faz tudo que pode para não ser um fardo.

— Espero que não se torne um para a senhora. — O médico pôs o chapéu e começou a descer os degraus. Depois parou e se virou para trás. — Por outro lado, sra. Barron, eu não confiaria em mais ninguém para cuidar dele.

Ela bateu na porta do sr. Rainwater.

- Posso entrar?
- Por favor.

Ele estava sentado na cadeira perto da janela, pela qual havia visto o médico ir embora.

- O que Murdy lhe disse?
- Sugeriu que eu subisse e trocasse suas roupas de cama.

Ele virou a cabeça e viu que ela estava carregando roupas de cama dobradas.

- Duvido que tenha sido disso que vocês dois falaram.
- Eu notei que precisava de roupas de cama limpas.

— Elas estão cheirando tão mal assim? Murdy me ajudou a me lavar e pôr uma camisa limpa, mas eu deveria saber que meu leito de enfermo não estaria de

acordo com seus padrões.

Ela estava prestes a rir da frase espirituosa e gentil quando viu a funesta seringa. Estava sobre a cômoda junto com uma pequena bolsa de couro preto, que presumiu conter ampolas de medicamento.

Ele seguiu seu olhar.

— Murdy está tentando me tornar um viciado em drogas.

— Ele não quer que sofra desnecessariamente.

O sr. Rainwater olhou para a seringa com desagrado, e depois virou a cabeça para olhar pela janela de novo. Interpretando isso como sua deixa para mudar de assunto, Ella foi até a cama e começou a tirar os lençóis úmidos e amassados.

— Eu me ofereceria para ajudar, mas o analgésico de Murdy me deixou um pouco zozinho.

— Serei rápida e depois poderá voltar para a cama.

— Não tenha pressa. Passei a noite e o dia inteiro na cama. Não estou ansioso por voltar para ela. Gosto da vista daqui. — Após um instante, disse: — Eu estava olhando para o choupão do outro lado da rua. Quando era criança, subia em um igualmente alto. Um dia, estava a um terço do caminho para cima quando topei com um guaxinim que espumava pela boca. Tive de me deixar cair no chão para não ser mordido. Quebrei meu braço.

— Melhor do que pegar raiva.

Ele deu um leve sorriso.

— Não tive esse raciocínio rápido. O bicho estava chiando e fiquei apavorado. Meus amigos me elogiaram pela minha atitude sensata de pular, quando na verdade eu estava tão apavorado que caí da árvore. Foi um milagre não ter quebrado o pescoço.

Ella sorriu-lhe.

— Voltou a subir naquela árvore?

— Assim que meu braço ficou curado. Tive de fazer isso para recuperar meu orgulho.

Ela se virou novamente para a cama, esticou o lençol de baixo sobre o colchão e depois andou ao seu redor, enfiando o lençol para dentro.

— sr. Rainwater?

— Hum?

— Devo lhe pedir desculpas por ontem. — Pôde sentir o olhar dele nas costas enquanto pegava o lençol de cima dobrado, o sacudia e esticava sobre a cama. — O incidente com os palitos de dente. As coisas que lhe disse. Não tive a intenção de dizê-las. Não costumo perder o controle dessa maneira. Não sei o

que deu em mim.

— A senhora estava perturbada com o que aconteceu com seus amigos.

Ela terminou de enfiar o lençol para dentro no pé da cama e depois se aprumou e virou para olhá-lo.

— Sim. Mas não foi só isso. — Abaixou por um instante a cabeça e depois a ergueu e olhou diretamente para ele. — Eu estava com ciúme.

— Ciúme?

— Do progresso que está fazendo com Solly. E, apesar do que eu disse ontem, é progresso. — Sentindo seu rosto quente, pôs a fronha no travesseiro e depois o travesseiro exatamente no meio da cabeceira. — Não sei até onde isso irá, mas seu progresso com ele ressalta meu fracasso em alcançá-lo em qualquer nível.

Ela alisou a colcha sobre a cama e depois a dobrou para trás, junto com o lençol de cima, em um ângulo perfeito de 90 graus. Após fazer um último ajuste na colcha, virou-se. Espantosamente, o sr. Rainwater estava em pé bem na sua frente. Ainda estava de meias, por isso não havia percebido que ele se levantara da cadeira e fora para trás dela. Até agora, quando estavam cara a cara. E próximos.

— A senhora não tem nenhum motivo para sentir ciúme. Se eu fiz o que considera progresso com Solly, é porque tenho tempo livre para me dedicar a ele. A senhora não tem. Está ocupada demais fazendo o que é preciso para prover a subsistência dele. — Parou por um segundo e depois acrescentou: — À custa de um enorme sacrifício pessoal.

Aquela foi uma frase presumida. Poderia discordar dela, mas temia que o sr.-Rainwater se estendesse sobre os aspectos da vida que achava que ela estava sacrificando. Parecia perigoso entrar naquela conversa, especialmente com ele, especialmente nesse quarto e momento.

Ela teve de engolir em seco antes de conseguir falar:

— É muito generoso de sua parte pensar assim.

— Não estou sendo generoso. Estou dizendo como as coisas são.

Afastando a cabeça, ela perguntou:

— Aceita meu pedido de desculpas?

— Embora não seja necessário, sim.

— Obrigada.

Ela passou por ele e estava prestes a se abaixar para pegar os lençóis sujos no chão quando ele a chocou ainda mais pegando sua mão. Ficou tão surpresa com o contato inesperado que olhou para as mãos deles para confirmá-lo. E

continuou olhando para elas por um longo tempo, notando a diferença no tamanho, na textura da pele, na pressão dos dedos dele sobre os seus. Finalmente ergueu a cabeça e olhou para o rosto dele.

O sr. Rainwater disse:

— Lamento que tenha me visto daquele jeito hoje.

— Estava com dor.

— Estava muito calma.

— Só parecia estar.

— Banhou o meu rosto.

— Era o mínimo que eu podia fazer.

— Ajudou.

— Fico feliz com isso.

— Obrigado.

— Não há de quê.

Durante vários segundos mais, eles continuaram unidos por suas mãos e olhares. Depois ela puxou a mão e juntou apressadamente os lençóis.

— Pedirei para Margaret lhe trazer o jantar em uma bandeja.

— Eu descerei para o jantar.

— Deveria descansar, sr. Rainwater.

— Eu descerei.

Ele desceu.

O sr. Rainwater não pareceu sofrer nenhum efeito negativo duradouro da crise. Ella não sabia se estava injetando ou não o analgésico — que presumia ser morfina. Mas ele definitivamente melhorou. Logo no dia seguinte, voltou a trabalhar com Solly, mas só depois de pedir permissão a ela.

— Não quero que perca o controle de novo.

Ella não se ofendeu porque ele disse aquilo com um sorriso brincalhão.

— Prometo que não vou mais espalhar palitos de dente. Pode trabalhar com Solly sempre que quiser.

Ele reservou tempo para isso todos os dias.

E começou a sair com frequência. Quando se dava ao trabalho de avisá-la de que se ausentaria, só lhe dizia a hora aproximada em que voltaria. Nunca dizia aonde ia. Não pulava refeições, portanto não estava comendo fora. Se dirigia até Waco para ir ao cinema, nunca mencionava os filmes a que assistia.

Às vezes, o sr. Rainwater só saía por pouco tempo, à tarde. Em outras

ocasiões, saía depois do jantar e só voltava horas depois. É claro que não era da conta dela aonde ele ia, mas estava curiosa — o que só admitia para si mesma.

— O que acha que está acontecendo? — perguntou Margaret certa tarde.

Elas estavam na sala de estar da frente, tirando móveis do lugar para lavar os rodapés atrás deles. O sr. Rainwater havia parado a caminho da porta para lhes dizer que voltaria na hora do jantar. Pela janela da frente, Margaret o observou se afastando em seu carro e depois fez a pergunta.

Ella respondeu com fingido desinteresse:

— Acontecendo?

— Com o sr. Rainwater. Para onde ele tem ido ultimamente?

— Não sei, Margaret. Ele não me diz, e não é da minha conta. Ou da sua — acrescentou incisivamente.

A empregada passou seu pano molhado no rodapé.

— Estou achando que ele pode ter uma namorada em algum lugar.

— É possível.

Margaret bufou e balançou a cabeça.

— Sabe como são os homens.

Ella deixou aquilo passar sem nenhum comentário.

Alguns dias depois, encontrou por acaso Lola Thompson na agência de correio. Ela estava com o filho mais novo em seu quadril. Segurava outra criança pela mão e manipulava um punhado de cartas que acabara de tirar de sua caixa.

Quando Ella a cumprimentou, como sempre ela lhe deu um grande sorriso.

— Recebi uma carta da minha prima. Ela está grávida de novo. Juro. Como se eles não tivessem bocas suficientes para alimentar. — Ela usou a carta para abanar o rosto redondo e corado.

— Tenho pensado muito em você — disse-lhe Ella. — Como tem passado?

— Ah, bem.

— E Ollie?

— Ele está consertando cercas. Tampando buracos no telhado. Trabalhando à espera do dia em que poderá começar outro rebanho. Não estamos ganhando nada, mas também não gastamos muito. Estamos seguindo em frente o melhor que podemos. Que outra escolha temos?

— Admiro sua resiliência.

Lola deu uma risadinha.

— Tenho meus momentos de tristeza. Não seria humana se não os tivesse. Mas tento não deixar isso transparecer para Ollie e as crianças.

— Quando você quiser conversar, telefone-me, ou apareça.

Lola suspirou:

— Como se você precisasse que eu fosse chorar no seu ombro, com seu filho retardado e cuidando daquela casa totalmente sozinha. Se alguém deve ser admirado, é você, Ella, não eu.

Ella não se ressentiu da descrição que Lola fez de Solly, por saber que não havia nenhuma malícia nela.

— Eu gostaria que me visitasse. A qualquer hora.

Lola soltou a mão da criança e tocou a de Ella.

— Obrigada. Às vezes, falar com outra mulher é justamente do que precisamos. Nós, mulheres, entendemos umas às outras, não é?

Ella assentiu com a cabeça.

Lola refletiu por um instante e depois disse:

— Acho que acontece o mesmo com os homens. Estou feliz por Ollie ter conhecido o sr. Rainwater. Ele veio justamente quando Ollie precisava de um amigo. Acho que as conversas deles têm ajudado Ollie.

O coração de Ella deu um pequeno pulo.

— O sr. Rainwater tem conversado com Ollie?

— Antes e depois de suas reuniões. Às vezes, ele fica depois que todos os outros foram embora, ou chega cedo.

Ella olhou para Lola, atordoada.

— Lola, do que você está falando?

— Você sabe. — Ela franziu suas sobrancelhas grossas e depois olhou ao redor para ver se alguém estava perto o suficiente para ouvi-la. Inclinando-se na direção de Ella, sussurrou:

— *As reuniões.*

A luz dos faróis cortou a escuridão antes mesmo de o carro do sr. Rainwater entrar na rua. As casas próximas estavam escuras. Para a maioria das pessoas, já havia passado da hora de dormir. A cidade estava em silêncio, exceto por um trem de carga que passou ruidosamente, sem desacelerar ou parar.

O sr. Rainwater havia saído enquanto Ella trabalhava na cozinha, depois do jantar. As solteironas jogaram cartas por algum tempo e depois se recolheram. O sr. Hastings, morto de cansaço de outra viagem, subiu logo após o jantar. Ella pôs Solly na cama, acompanhou Margaret até a porta com um balde de feijão rajado e duas panelas de pão de milho para serem distribuídos na favela, e depois saiu para a varanda para esperar seu hóspede.

Agora o sr. Rainwater tinha estacionado seu carro atrás do carro do sr.-

Hastings, apagado os faróis e desligado o motor. Ele veio pelo caminho, subiu a escada e estava esticando o braço para alcançar o trinco da porta de tela quando ela disse:

— Boa-noite, sr. Rainwater.

Ele parou imediatamente e se virou na direção dela, enquanto tirava o chapéu.

— Sra. Barron. Não a vi. — Ele foi até a cadeira de balanço onde ela estava sentada. — Espero que não tenha ficado acordada esperando por mim para trancar a porta.

— Eu estava esperando pelo senhor, mas não para trancar a porta. Na verdade, talvez quisesse trancá-lo do lado de fora.

— Como disse?

A cabeça dele recuou uns 5 centímetros, como se estivesse evitando um soco.

— Onde o senhor estava?

Ele parou por vários segundos, e depois disse:

— Posso me sentar?

Ella assentiu com um gesto brusco de cabeça. O sr. Rainwater escolheu a cadeira mais próxima, e ainda a puxou para um pouco mais perto da dela.

Reagindo a isso, ela moveu os joelhos, direcionando-os para longe dele.

— Antes de dizer alguma coisa, sr. Rainwater, deve saber que vi Lola hoje. Ela mencionou reuniões secretas que ocorrem na sua casa, presumindo que eu soubesse o objetivo delas.

— Não são sempre na casa dos Thompson.

A calma dele era irritante.

— Onde essas reuniões são feitas não é a questão. Que *tipo* de reuniões são essas? Qual é o objetivo delas?

A voz de Ella aumentara de volume. O sr. Rainwater olhou na direção do quintal e para a casa do outro lado da rua, e depois de relance por cima do ombro para a cerca viva de oleandro que separava a propriedade dela da do vizinho.

Sua cautela só aumentou a apreensão de Ella, mas ela baixou sua voz até que se tornasse um sussurro.

— Por favor, não pense que eu me importo com suas idas e vindas por outro motivo além de estar morando na minha casa e comendo à minha mesa. Acho que isso me dá o direito de saber se está metido em algo perigoso ou criminoso.

— Eu lhe garanto que não é criminoso.

— Mas perigoso?

— Espero que não se torne.

— O senhor não respondeu à minha pergunta. Qual é o objetivo das reuniões?

Ele pôs o chapéu sobre o joelho e se inclinou na direção dela.

— Esse programa de alívio da seca para comprar gado se destinava especificamente a ajudar pessoas em grandes dificuldades financeiras, não a lhes causar mais sofrimento. As pessoas passando por momentos difíceis também não deveriam ter suas casas crivadas de balas, suas propriedades danificadas ou destruídas e seus filhos ameaçados. Como o que aconteceu com os Pritchett e os Thompson. Nós queremos parar com isso.

— “Nós”? Quem?

— Eu, Ollie, o irmão Calvin. Ele convocou homens na favela, negros e brancos que quase morreram de tanto apanhar. Lembra-se do homem com três filhos cuja esposa acabara de morrer?

Ella fez um sinal afirmativo com a cabeça, lembrando-se de que vira o sr.-Rainwater conversando com ele.

— O nome dele é Emmett Sprule. Está na favela há um longo tempo, por isso conhece muitas pessoas. Pritchett está participando. Trouxe todos os seus amigos da loja, até mesmo o diácono da sua igreja.

— Trouxe-os para fazer o quê?

— Nós temos uma rede agora, um sistema de transmissão. Quando chega a hora de o gado de um fazendeiro ou rancheiro ser comprado e morto, ele dá a notícia. Ela se espalha através do sistema que criamos. Todos nós paramos o que estamos fazendo e vamos para o local. Não podemos mudar as regras do programa. — Ele deu um sorriso que mostrou dentes brancos na escuridão. — Podemos dobrá-los um pouco e conseguir alguma carne fresca ou sopa de osso para aquelas pessoas quando ninguém está olhando. Mas, fora isso, certamente podemos impedir Conrad Ellis e seus amigos de fazerem suas maldades.

— Conrad é louco. Ele e sua gangue estão armados e são temerários.

— Nós também estamos armados. Mas não somos loucos ou temerários. Somos organizados. E há mais de nós do que deles. Se opusermos resistência, acho que aqueles criminosos recuarão. Homens que perderam seus meios de subsistência e suas casas, e foram humilhados, começarão a se sentir homens de novo.

A ideia por trás daquela organização era nobre, mas Ella temia que homens da favela armados com paus e diáconos da igreja tendo a decência de Cristo como armadura não representassem uma grande ameaça para Conrad e seus amigos fortemente armados, bêbados e violentos.

— É função das autoridades proteger as pessoas e a propriedade —

argumentou ela. — Por que vocês não enviam um comitê para pedir ajuda ao xerife?

— Anderson tem medo dos Ellis. Ele não se oporá ao pai de Conrad, que financiou sua eleição.

Isso era verdade, mas ela desejou saber como o sr. Rainwater, uma pessoa de fora, obtivera tal informação. Quando lhe perguntou, ele respondeu:

— Ollie me contou que o xerife Anderson era covarde e corrupto, e todos confirmaram isso. O irmão Calvin disse que ele e seus assistentes viram Conrad e seus amigos baterem naquelas pessoas na casa dos Pritchett e não fizeram nada, lembra-se?

— Lembro-me muito bem. O que só prova o que estou dizendo. — Ela mordeu o lábio inferior. — Por favor, não se envolva, sr. Rainwater.

— Já estou envolvido.

— Esta não é a sua cidade. O senhor acabou de conhecer essas pessoas. Estou surpresa por terem tido coragem de convidá-lo a se juntar a elas. — Subitamente, ela parou. Quando voltou a falar, suas palavras saíram em uma cadência lenta e calculada: — Quem organizou aqueles homens? Quem inventou esse sistema de comunicação, essa transmissão?

O olhar dele se manteve firme.

— Foi o senhor.

Ele não disse nada.

A respiração de Ella ficou presa em sua garganta.

— *Por quê?*

— Isso precisava ser feito.

— Não pelo senhor.

— Por que não por mim?

— Essa briga não é sua. O senhor não é um rancheiro ou dono de uma fazenda de gado leiteiro. Não mora na favela. Não foi espancado por aqueles arruaceiros. Não está envolvido.

— Eu me envolvi.

— Bem, não deveria ter se envolvido. Essa é uma situação perigosa. O xerife Anderson pode prendê-lo.

Ele pareceu estar se divertindo.

— Pelo quê? Por me reunir com amigos?

— Por qualquer coisa. Por cuspir na calçada. Se os Ellis lhe disserem para colocá-lo atrás das grades, ele o colocará. Ou pior, podem deixar o xerife fora disso e vir eles mesmos atrás do senhor.

— Vir atrás de mim? — repetiu ele, parecendo novamente divertir-se. — E fazer o quê?

— O que quiserem! Não subestime Conrad, sr. Rainwater. Ele pode machucá-lo, e o machucaria.

— Não tenho medo dele.

— Bem, eu tenho. E o senhor deveria ter. Fique fora do caminho e do negócio de Conrad.

— Sinto muito, não posso fazer isso. Mesmo se eu quisesse, é tarde demais para voltar atrás, e não quero.

— Eu não o entendo. Realmente não. Por que arriscar sua vida... — Ela se conteve e parou antes de completar seu pensamento.

O sr. Rainwater sorriu cansadamente e deu de ombros.

— Exatamente.

Eles não falaram mais no assunto naquela noite. Percebendo a inutilidade de argumentar com um homem disposto a reduzir ainda mais sua curta expectativa de vida, Ella entrou e foi direto para seu quarto, confiante de que o sr. Rainwater se lembraria de passar o trinco na porta ao entrar.

No café da manhã seguinte, eles trocaram cumprimentos de cabeça polidos, mas não falaram. No meio da manhã, o sr. Rainwater foi para o quintal dos fundos, onde Ella estava pendurando toalhas no varal. Solly estava sentado na terra, batendo com uma colher de pau no fundo de um balde de metal virado. Margaret passava roupas molhadas pelo torcedor, no galpão.

Quando o sr. Rainwater se aproximou, tocou na aba do chapéu.

— Bom-dia, sra. Barron.

— Bom-dia.

— Nós não terminamos nossa conversa na noite passada.

— Não posso lhe dizer como viver sua vida. — Ela pôs um prendedor de roupa na ponta de uma toalha, fixando-a no varal. Depois se virou para ele, erguendo a mão para proteger os olhos do sol. — Mas não deixarei que traga problemas para minha casa.

— Essa é a última coisa que quero fazer.

— Essa pode não ser a sua intenção, mas não significa que isso não acontecerá. As pessoas sabem que o senhor mora aqui. Seu envolvimento nesse assunto põe Solly, a mim e a todos nesta casa em risco.

— Eu iria embora antes de deixar algo de ruim lhe acontecer.

Ele falou com tanta convicção que Ella olhou constrangida na direção do galpão, certa de que Margaret estava fazendo o possível para escutar às escondidas, embora fingisse que não enquanto girava a manivela do torcedor. Era provável que Margaret já soubesse o que estava acontecendo, especialmente porque o irmão Calvin era um dos líderes do grupo. Mas Ella não queria que nada que ela e o sr. Rainwater dissessem um para o outro fosse repetido.

Voltou seu olhar para ele.

— Eu lhe cobrarei isso.

— Se quiser que eu vá embora agora, irei.

— O senhor tem uma arma de fogo?

— Não.

— Porque não quero armas em minha casa. Solly...

— Eu não tenho uma.

— E não quero que nenhuma dessas reuniões seja realizada na minha propriedade.

— Eu nunca sugeriria isso.

Ela lhe deu um longo olhar e depois se curvou na direção do cesto no chão. Tirou dali outra toalha molhada e a sacudiu até que estalasse.

— Ainda acho imprudente da sua parte se envolver nesse assunto quando nem mesmo tem um interesse pessoal nisso.

O sr. Rainwater tirou um prendedor de roupa do saco de pano pendurado no varal e o entregou para ela.

— Mas eu tenho um interesse pessoal nisso, sra. Barron. Um grande interesse.

Ela o olhou inquisitivamente enquanto pegava o prendedor.

— Gostaria que o tempo que me resta servisse para alguma coisa.

Ele recuou, andou ao redor do cesto de roupa e de Solly e depois se dirigiu para a frente da casa.

— sr. Rainwater?

Ela o chamou sem pensar e ficou envergonhada de sua espontaneidade. Deu-se conta de que Margaret estava ao alcance da sua voz. Também se deu conta de que estava segurando a toalha molhada contra o peito. Mas agora era tarde demais. Ele havia se virado e a olhava à espera do que diria.

— Tenha cuidado.

Ele sorriu e tocou novamente a aba do chapéu.

— Obrigado. Eu terei.

Segurando Solly pela mão, Ella entrou na igreja e encontrou lugares para eles em um dos bancos de trás. Todos os domingos se programava para chegar alguns minutos atrasada, quando um hino era entoado ou as cabeças estavam abaixadas em oração, para evitar os outros fiéis, que olhavam para Solly com curiosidade, às vezes apreensão e frequentemente uma compaixão que beirava a piedade — tudo que Ella detestava e a que não queria expor Solly.

Ele parecia um anjo hoje. Ela o vestira com camisa de linho branca e short combinando, que comprara em um bazar de caridade no último verão, esperando que este ano ele tivesse crescido o bastante para usá-los. Seu short era preso à

sua camisa por grandes botões redondos. Suas meias até os joelhos estavam imaculadas; ela havia engraxado seus sapatos na noite anterior. Esta manhã, conseguira passar uma escova por seus cabelos claros várias vezes antes de ele começar a gritar e bater com as mãos nos lados da cabeça.

Todos os domingos ela se esforçava para vesti-lo bem, sabendo que o esforço era inútil. Ninguém notava o quanto ele estava bonito, só que era diferente, “anormal”. O que era mais um motivo para sua aparência ser excelente.

Quando eles estavam sentados no banco, a pessoa que ficava à porta lhe entregou um livro de hinos religiosos aberto na página do hino que estava sendo entoado por um coro de vinte vozes que, apesar de seus dois baixos e um barítono, sempre parecia estridente.

Ela trouxera um grande saco de carretéis vazios para manter Solly ocupado durante o culto. Orações foram feitas, mais hinos foram entoados e os pratos de coleta foram passados. O pastor começou seu sermão.

A mensagem dessa manhã não era muito inspiradora. A atenção e o olhar de Ella começaram a divagar. Quando seu olhar percorreu a congregação, avistou o sr. Rainwater. Estava sentado no final do banco, na nave externa, a meio caminho de onde ela estava e o púlpito. Olhava diretamente para o pastor. Por isso, para Ella, seu rosto estava de perfil. Dessa vez a mecha errante que geralmente desafiava seu tônico capilar permanecia no lugar. Ela ficou novamente impressionada com suas maçãs do rosto pronunciadas e seu queixo bem definido.

Ele tinha um aspecto de quieta intensidade, mostrando sua total concentração no que estava olhando ou ouvindo. Mas seus olhos nunca eram passivos. Mesmo quando imóveis, havia atividade em suas profundezas. Como a de um riacho alimentado por uma fonte, com a superfície relativamente calma apesar das correntes subfluviais.

Ella ficou surpresa ao vê-lo. Até onde sabia, essa era a primeira vez em que ele ia ao culto. Estava sentado com o casal Kincaid, que avisava com o olhar a um dos seus filhos para ficar quieto e parar de importunar o irmão.

Os Ellis ocupavam seu banco costumeiro, o segundo do lado direito da nave central. Ninguém ousava se sentar no banco deles. Se um visitante fizesse isso sem saber, era-lhe sugerido outro banco.

Mesmo visto de trás e sentado quieto, Conrad parecia brigão. Talvez porque sua grande cabeça estivesse fincada sobre seus ombros largos sustentada por apenas 3 centímetros de pescoço. Seus cabelos eram cacheados e densos como lã, cobrindo-lhe a cabeça como um gorro muito justo. Isso tornava sua aparência ainda mais beligerante.

O sr. Ellis estava sentado ao lado dele. Era um homem mais baixo do que o filho, muito menos musculoso, mas liderava com seu queixo, sua cabeça projetada ligeiramente para frente dos ombros de um modo que parecia agressivo, competitivo e combatente.

Embora a sra. Ellis, que nessa manhã usava voile cor-de-rosa, fosse a mulher mais bem-vestida da cidade, não era admirada ou benquista. Segundo o consenso, ela era arrogante e mesquinha em suas contribuições de tempo e dinheiro para instituições beneficentes e organizações cívicas. Realizava eventos sociais em sua casa, mas somente para suas amigas elegantes de Waco, nunca para as mulheres locais.

Ella achou que todos na igreja deram um suspiro de alívio quando o pastor finalmente terminou o sermão com uma oração. No final dela, pediu a Deus que mostrasse o rumo para os mal orientados. Aquele pareceu um pedido estranho com o qual encerrar o culto, mas foi explicado quando o sr. Ellis disse um sonoro “amém” do seu banco.

— Acho que Ellis escreveu a oração de encerramento.

Reconhecendo a voz, Ella se virou. O sr. Rainwater estava ao seu lado, mas olhando para a família que conversava com o pastor. Eles viram o sr. Ellis dar um tapinha no ombro do pastor ao mesmo tempo que lhe apertava entusiasticamente a mão direita. A sra. Ellis abanava o rosto com um leque que combinava com seu vestido. Conrad, parecendo entediado, afastou-se do grupo e acendeu um cigarro.

— Eu não o subestimaria — disse Ella. — O sr. Ellis é um membro muito influente da igreja.

— Fui só eu, ou também notou um aviso sutil naquela oração? Quem acha que determina quem é ou não é “mal orientado”?

Ela sabia que a pergunta do sr. Rainwater era retórica, por isso não arriscou uma resposta.

O sr. Rainwater baixou os olhos para Solly, que estava docilmente ao lado da mãe, olhando para o vitral.

— Não ouvi um pio deste jovem. Não posso dizer o mesmo dos filhos de Murdy.

Ella riu.

— Eles são mais de um. Mas hoje Solly estava muito bem. — Percebeu os olhares neles, especialmente quando o sr. Rainwater segurou-lhe educadamente o cotovelo quando eles desceram os altos degraus na frente da igreja. Quando

chegaram ao nível do chão, ela soltou seu braço, mas disfarçou o movimento dizendo:

— Nunca vi o senhor aqui.

— É a primeira vez que venho.

— O que achou?

— O sermão foi entediante.

— Até mesmo os durões estavam cochilando esta manhã. — Eles sorriram um para o outro e depois Ella abaixou a cabeça, grata pela aba do seu chapéu, que ajudou a esconder seu rosto. — Margaret fez carne de porco assada e duas tortas para o almoço de domingo. Eu o verei em casa. — Puxando Solly, virou-se e foi para a calçada.

— Eu a levarei até seu carro.

— Viemos a pé esta manhã.

— Então eu a levarei em casa.

— Obrigada, sr. Rainwater, mas temos... algo a fazer.

— Eu a levarei de carro para onde precisar ir.

— Na verdade, é aqui mesmo.

O sr. Rainwater olhou na direção que ela indicou: o cemitério.

— Eu trouxe algumas flores do quintal para as... Para meus pais. — Devido ao prognóstico dele, Ella se sentiu desconfortável demais com o tema de enterro para dizer a palavra *sepulturas*.

— Onde estão? As flores — disse o sr. Rainwater, quando Ella demonstrou confusão sobre se ele se referia a onde os pais dela estavam ou onde as flores estavam.

— Eu as coloquei na sombra antes de entramos na igreja, para se manterem frescas.

O sr. Rainwater fez um gesto com a cabeça para ela ir na frente.

— O senhor não tem de ficar conosco — disse Ella.

— Importa-se se eu ficar?

— De modo algum. É só que está terrivelmente quente hoje.

— Está quente todos os dias. O calor não me incomoda tanto.

Ela não viu como dissuadi-lo sem atrair a atenção dos retardatários ainda no terreno em volta da igreja. Sem dizer mais nada, conduziu-o ao redor do prédio para a sombra onde deixara o buquê. Ainda na jarra Mason de água estavam zínias coloridas, um par de gardênias cor de creme e algumas rosas amarelas de floração tardia que até agora tinham desafiado o tempo quente.

O sr. Rainwater pegou a jarra.

— Muito perfumada.

— Achei bonita.

Juntos, eles percorreram a distância até o cemitério e passaram pelo portão de ferro. O sr. Rainwater não pareceu perturbado por estar em um lugar que lembrava tanto a morte. Leu com óbvio interesse os nomes e as datas nas lápides pelas quais passaram a caminho do terreno partilhado pelos pais dela.

Ella soltou a mão de Solly e pegou a jarra de flores das mãos do sr.-Rainwater. Depois se ajoelhou e a colocou no centro da lápide em que estavam gravados os nomes e as datas de nascimento e morte de seus pais, e uma inscrição simples: UNIDOS NO CÉU POR TODA A ETERNIDADE.

Ao lado de suas sepulturas havia duas menores apenas com placas de metal rentes ao chão, com os nomes dos indivíduos enterrados ali. Ella tirou duas rosas da jarra e pôs uma de cada lado dessas sepulturas.

— Seus irmãos gêmeos?

Ela fez um sinal afirmativo com a cabeça, perguntando-se se o sr. Rainwater havia notado sua exclusão do terreno da família. Nenhuma verba fora destinada ao seu enterro.

Ella arrancou várias ervas daninhas e rearrumou as flores na jarra. Depois bateu com as mãos uma na outra e se levantou.

— A senhora vem aqui todos os domingos? — perguntou o sr. Rainwater.

— Uma vez por mês, talvez.

— Seu marido também está enterrado aqui?

A pergunta foi inesperada.

— Não, não está — disse ela, pegando a mão de Solly e começando a voltar rapidamente pelo caminho que levava ao portão. — Ele não era de Gilead. Nasceu e foi criado em uma pequena cidade no Panhandle. Gostava dos espaços abertos das planícies. Disse-me mais de uma vez que queria ser enterrado lá.

— Eu entendo.

Eles continuaram a caminhar, mas, quando chegaram ao portão, Ella parou. O sr. Rainwater fez o mesmo. A essa altura, até mesmo os retardatários tinham ido embora. As portas da igreja estavam fechadas. Somente o carro do sr.-Rainwater continuava estacionado na frente dela. O sol incidia sobre o para-brisa, projetando raios ofuscantes de luz.

Uma mulher sozinha, que Ella reconheceu como uma das suas professoras na escola, se afastava deles pela calçada torta e rachada, carregando em uma das mãos uma bolsa e na outra uma grande Bíblia preta. A “srta.” Winnie era uma viúva sem filhos desde que Ella a conhecera, e usava o mesmo chapéu para ir à

igreja todos os domingos, independentemente da estação do ano. Talvez se orgulhasse muito da pena ao redor da copa. Ela falava de seus muitos gatos como se fossem filhos.

Algo se contraiu dentro de Ella. Ela desejou ter visto sua antiga professora antes para poder convidá-la a se juntar a eles no almoço de domingo, caso contrário a srta. Winnie sem dúvida comeria sozinha e depois passaria o resto do dia na solidão, tendo como companhia apenas seus gatos.

— Meu marido não morreu, sr. Rainwater.

O sr. Rainwater permaneceu em silêncio e imóvel ao lado dela, tão imóvel quanto os carvalhos que sombreavam as sepulturas. Finalmente Ella se virou para ele.

— Não sei por que o dr. Kincaid lhe disse que eu era viúva. Acho que foi para me poupar constrangimento.

Ela baixou os olhos para Solly. Ele parecia fascinado com o posicionamento preciso das estacas na cerca. Balançava para frente e para trás enquanto as estudava. Raios de sol se infiltraram pelos ramos da árvore mais próxima, iluminando mechas do cabelo de Solly e as fazendo parecer quase translúcidas. Ella as acariciou de leve com a ponta do dedo. Ele afastou bruscamente a cabeça para evitar seu toque.

— A verdade é que meu marido nos abandonou há seis anos. Um dia, enquanto eu estava fora, ele arrumou suas coisas e partiu. Não tenho a menor ideia de para onde foi. Talvez tenha voltado para o Panhandle. Ou ido para outro estado. Não sei. Não deixou um bilhete, nada. Nunca mais ouvi falar nele.

Ela olhou novamente para o homem ao seu lado.

— O senhor tem sido gentil com Solly e comigo. Em sã consciência, eu não poderia continuar lhe mentindo. — Antes que ele pudesse dizer alguma coisa, ela passou com Solly pelo portão, decidida a voltar para casa a pé.

Mas o sr. Rainwater se adiantou e abriu a porta do passageiro de seu carro, fazendo-lhe um gesto para entrar. Ela hesitou, mas não viu nenhum motivo para recusar a carona. A visita ao cemitério demorara e seus hóspedes esperavam para comer às duas horas em ponto.

Ella colocou Solly no meio do banco e entrou. O sr. Rainwater fechou a porta, andou ao redor do capô e entrou. Ligou o motor e depois o deixou em ponto morto enquanto olhava pelo para-brisa por vários instantes. Finalmente, virou a cabeça. Ela se preparou para as temidas perguntas.

— Que tipos de tortas?

— O quê?

— A senhora disse que Margaret fez duas tortas para o almoço. Que tipo de

tortas?

Durante seis anos, ela havia aguentado fofocas, especulações, bisbilhotice descarada e compaixão de todos que a conheciam. Para recém-chegados na cidade, era identificada como a mulher com o filho retardado cujo marido os abandonara. Tinha suportado a humilhação e pena com toda a força que pôde reunir.

O sr. Rainwater não a submetera a nada disso.

Com emoção na garganta, ela respondeu:

— Isso é uma surpresa.

— Não foi só uma gastroenterite, foi?

Ella e Margaret estavam na cozinha, fazendo pickles de pepino, quiabo e casca de melancia. O trabalho era árduo e não havia atalhos para esse processo. Os legumes e as cascas tinham de ser cuidadosamente lavados, fatiados e branqueados. As jarras Mason e suas tampas tinham de ser fervidas. Os temperos e o vinagre eram cozinhados em fogo brando juntos, para obter os melhores sabores.

Tudo na cozinha estava fumegando.

Inclusive Ella, que puxou para trás cachos de cabelo que haviam se soltado do seu coque. Ela olhou para Margaret, que distribuía generosamente uma mistura de vinagre recendendo a endro sobre as hastes de pepino que empurrara firmemente para dentro de uma jarra. Ella estava preparada para se fazer de desentendida ou mentir em resposta à pergunta de Margaret, mas, quando sua leal empregada se virou para olhá-la, soube que essa duplicidade era inútil.

Margaret sabia, ou pelo menos pressentia, que o sr. Rainwater sofria de uma doença, e não seria enganada pela explicação que eles tinham dado no dia em que o dr. Kincaid foi chamado a casa para tratá-lo.

— Não, Margaret. Não foi só uma gastroenterite.

— Ele não come muito. Come menos a cada dia que passa. Achei que fosse apenas o calor. — Margaret pôs o selo na borda da jarra e depois enroscou o anel. Enxugando as mãos no avental, virou-se para Ella. — Ele está muito doente?

— Muito.

Ella não precisou se estender. Seu tom disse tudo. Os olhos de Margaret ficaram marejados de lágrimas.

— Pobre, pobre alma. Quanto tempo tem?

— Ninguém sabe ao certo.

— Um ano?

Ella balançou a cabeça.

— Não tanto.

Margaret ergueu o avental para soluçar na batinha dele.

— Por favor, não diga nada sobre isso a ninguém, especialmente a ele. Ele não quer que ninguém saiba. Não quer fazer um estardalhaço disso. Não aja de um modo diferente com ele. Prometa-me que não fará isso.

— Não farei — murmurou Margaret, enxugando os olhos. — Mas não vai ser fácil, porque penso muito nele. Ele é um cavalheiro, o homem branco mais decente que conheço.

— Se você se sente assim em relação a ele, a melhor coisa que pode fazer é tratá-lo normalmente. Não deixe transparecer que sabe.

— Sim, senhora.

Ella começou a fatiar rodela de pepino para seus pickles agri-doces.

— A senhora sabia? Antes do dia em que tivemos de chamar o médico?

— Sabia antes de ele se mudar.

— A senhora é uma boa mulher.

Segurando uma faca acima da tábua de cortar, Ella ergueu a cabeça e olhou pela janela por sobre o corredor. O vapor a embaçara. Enquanto olhava, o vapor se condensou em uma gota de água iridescente que desceu pelo vidro como uma gota de chuva, ou lágrima.

Depois daquela conversa com Margaret, Ella começou a prestar mais atenção ao apetite do sr. Rainwater, ou à falta dele. Monitorava quanta comida ele deixava no prato após cada refeição. Uma noite, quando estava tirando a mesa, perguntou-lhe se o bolo de carne não estava ao seu gosto.

— Estava delicioso, sra. Barron. Mas meus olhos foram maiores do que minha barriga. Servi-me de um pedaço muito grande.

Mas, dali em diante, ele tentou limpar mais seu prato. Ella ficou animada, até uma noite em que viu do quão pouco se serviu. Sua porção de frango e almôndegas era menor do que ela servira para Solly.

Ella não mencionou isso para ele na frente das irmãs Dunne ou do sr.-Hastings, que ficou desapontado quando o sr. Rainwater recusou uma partida de xadrez e, dizendo que preferia ler naquela noite, pediu licença e foi para o andar de cima.

Antes de ir para a cama, Ella decidiu vê-lo. Raramente ia para o andar de cima quando seus hóspedes haviam se recolhido, achando que eles tinham direito à privacidade. Mas sabendo que o sr. Rainwater sofrera em silêncio durante uma noite inteira e a metade de um dia antes de ela descobrir seu sofrimento, sentiu que tinha um motivo para quebrar sua regra. Disse a si mesma que se nenhuma luz brilhasse por baixo da porta dele não o perturbaria, e

ninguém jamais saberia que estivera ali. Mas se a luz estivesse acesa, verificaria se ele estava confortável.

Assim que Ella alcançou o patamar da escada, viu que a porta do sr.-Rainwater era a única com uma luz brilhando por baixo. Mantendo seus passos leves para não incomodar os outros ou alertá-los de sua presença, andou pelo escuro corredor até o quarto dele, onde bateu levemente na porta.

— Sim?

— Sou eu, sr. Rainwater — sussurrou Ella. — O senhor está bem?

— Sim.

Ella esperou ele dizer mais. Quando não disse, perguntou se poderia entrar.

— Sim.

Ela abriu a porta. O sr. Rainwater estava sentado na beira da cama, mas era óbvio que estivera deitado segundos antes. O travesseiro tinha a marca da sua cabeça e seus cabelos estavam desgrehados. Ele estava vestido, embora tivesse tirado o paletó e a gravata e abaixado os suspensórios. Os punhos da camisa estavam desabotoados. Seus sapatos estavam no chão ao lado da cama, mas ele ainda usava meias.

Sua pele estava pálida como cera, mas isso podia ser atribuído ao brilho forte da luminária de leitura na mesa de cabeceira, que também transformava suas órbitas em cavernas escuras, evitando que ela examinasse seus olhos.

Ella entrou no quarto, mas deixou a porta aberta.

— Espero não estar incomodando.

— De modo algum.

— Eu queria lhe perguntar se o senhor acha que eu deveria escrever para uma daquelas escolas para crianças especiais que o dr. Kincaid recomendou.

O sr. Rainwater a olhou por um longo instante, e então se levantou.

— A senhora não acreditou em mim.

— Como?

— A senhora não acreditou em mim quando eu lhe disse que estava bem. Foi por isso que veio.

Ella sorriu, envergonhada.

— Confesso que sim.

— A senhora mente muito mal.

— Sei disso.

— Não é um defeito ser tão honesta que não consegue esconder uma mentira.

Eles sorriram um para o outro.

— E o senhor?

- Se eu minto bem?
- O senhor está bem?
- Sim.

Ela apontou com a cabeça para o livro que ele tinha em uma das mãos, com o dedo indicador marcando onde estava.

- O senhor realmente subiu cedo para poder ler seu livro.
- *Adeus às armas*. Já o leu?
- Eu queria ler. Não tenho muito tempo para leitura.
- É ótimo.
- Tem um final triste?
- Dizem que é triste, mas bonito. Eu a informarei.

Agora se sentindo inoportuna, Ella recuou e estendeu o braço para a maçaneta da porta.

- Peço desculpas pela intrusão. Notei que não comeu bem esta noite. Queria me certificar de que não estava... de que estava descansando bem.
- Agradeço sua preocupação, mas estou bem.
- Então boa-noite, sr. Rainwater.
- Boa-noite, sra. Barron.

Ela fechou a porta, mas ficou encolhida por vários momentos no corredor escuro, com a mão segurando a maçaneta e o coração apertado de indecisão, perguntando a si mesma se havia feito bem em fingir que não vira na mesa de cabeceira, junto com as abotoaduras de ouro e o relógio de bolso, a seringa e ampola de analgésico.

Na manhã seguinte, Ella ainda não tinha certeza. Deveria ou não avisar o dr. Kincaid, a quem prometera telefonar ao menor sinal de desconforto do sr.-Rainwater? Estava prestes a dar o telefonema quando o sr. Rainwater se juntou às irmãs Dunne à mesa de jantar.

- Qual é o café da manhã de hoje, senhoras?
- Panquecas — informou-lhe a srta. Violet.
- Meu favorito.
- O meu também.

Para não ficar atrás da irmã, a srta. Pearl disse:

- E o mais delicioso melão doce que tivemos em toda esta estação.
- Então deve ser isso.
- Isso o que, sr. Rainwater?

— A fonte desse brilho especial nas duas esta manhã — disse ele, provocando-as com uma piscadela. — Melão doce!

Elas riram nervosamente e a srta. Pearl o acusou de ser um travesso galanteador. Os olhos dele se encontraram com os de Ella quando ela despejou café em sua xícara.

— Bom-dia, sra. Barron.

— Espero que tenha tido uma noite tranquila, sr. Rainwater.

— Dormi como um bebê.

Mas suas olheiras profundas a fizeram se perguntar se, na verdade, ele mentia melhor do que ela. Ele comeu bem no café da manhã, o que a tranquilizou um pouco. Depois da refeição, levou uma caixa de dominós, um baralho e Solly para a varanda da frente. Ficaram lá por uma hora. Quando ele trouxe Solly de volta, sorriu para o garoto.

— Bom trabalho, Solly.

— Ele fez algo de especial?

— Tudo que ele faz é especial, sra. Barron.

— Sim, é. — Após um segundo, ela disse: — O que eu lhe perguntei na noite passada não foi apenas uma desculpa para ver como o senhor estava. Gostaria da sua opinião.

— Sobre as escolas para as crianças especiais?

— Eu deveria lhes escrever e perguntar sobre seus currículos?

— Que mal haveria nisso?

— Nenhum, eu suponho, embora ache que nunca conseguiria mandar Solly para longe.

— Enquanto não souber mais, não poderá tomar uma decisão inteligente. O próprio Murdy admitiu que sabe muito pouco sobre crianças como Solly. Mas essas escolas podem fornecer respostas e orientação.

Mudando de ideia, ela disse:

— Pedirei algumas informações.

— Ótimo. — Parecendo feliz com a decisão dela, o sr. Rainwater pediu licença e continuou a andar pelo corredor central na direção da escada. Quando estava a meio caminho da subida, Ella o chamou.

— Posso lhe levar alguma coisa, sr. Rainwater?

Ele parou e se virou.

— Como o quê?

— Um copo de chá gelado?

— Não, obrigado.

— Estava terrivelmente quente na varanda.

— Não estou com sede.

Ele deu os próximos passos, um pouco mais devagar, pensou Ella.

— Tem certeza de que está se sentindo bem? O senhor parece...

O sr. Rainwater se virou.

— Estou *bem*.

Era a primeira vez que Ella o ouvira levantar a voz, a primeira vez em que ele algum dia revelara irritação, e isso foi um tamanho choque que por um momento ela não conseguiu pensar no que dizer ou fazer. Então pegou Solly pela mão e o levou para a cozinha, deixando a porta se fechar atrás deles.

Depois do almoço, Ella decidiu ir com Solly a pé para a cidade. Tanto quanto eles precisavam de exercício, ela acreditava que esse tempo fora de casa faria bem a ambos.

Contudo, fazia um calor inclemente. O vestido de Ella estava úmido de suor quando eles chegaram à mercearia. Seu interior comparavelmente frio pareceu agradável, e Solly ficou contente em observar o ventilador de teto, por isso ela vagueou por entre as prateleiras enquanto ia eliminando itens de sua lista de compras. Logo terminou.

— Isso é tudo por hoje, sra. Barron?

— Sim, obrigada, sr. Randall. Ah, espere, dois Dr Peppers gelados, por favor.

O merceeiro olhou de relance para Solly, que estava em pé ao lado dela, balançando a cabeça.

— Certo. Quer que eu abra para a senhora?

— Por favor.

Uma grande mão entrou em seu campo de visão direito e jogou duas moedas de cinco centavos de dólar no balcão.

— Por minha conta. — Quando Ella se virou, deu de cara com Conrad Ellis. Seu olhar malicioso era mais desfigurante que sua deplorável marca de nascença.

— Faz muito tempo que não a vejo, Ella.

— Olá, Conrad.

Ele avaliou a aparência de Ella de um modo que era insultante e fez a pele dela formigar.

— Está bonita. Continua em boa forma. — Ella não respondeu a isso. Seu aparente embaraço só fez aumentar o sorriso de Conrad. Olhando para o sr.-Randall, ele disse: — Os Dr Peppers são por minha conta.

— Obrigada, Conrad — disse Ella firmemente —, mas o sr. Randall os porá

na minha conta.

Conrad se esticou sobre o balcão e socou o braço do merceeiro.

— O sr. Randall me deixará lhe pagar um refrigerante, não é, sr. Randall?

O comerciante deu um sorriso fraco para Ella.

— Eu já tinha fechado sua conta, sra. Barron. — Ele não tinha, mas obviamente não queria discutir com Conrad. Pegou as moedas no balcão, se virou rapidamente e pegou dois refrigerantes na caixa de metal. Tirou lascas de gelo das garrafas e se apressou a abri-las. Depois as pôs sobre o balcão.

— Obrigado. Vou encaixotar suas compras e enviar pelo filho de Margaret.

— Obrigada.

Depois de olhar desconfiadamente para Conrad, ele desapareceu em seu almoxarifado.

Conrad era uma presença volumosa que Ella tentou ignorar enquanto pegava a mão de Solly e se dirigia à porta. Ficou feliz por não haver mais ninguém na loja, porque não queria nenhuma testemunha desse encontro. Ao mesmo tempo, desde a retirada do sr. Randall, estava sozinha com Conrad, o que a deixava claramente desconfortável e até mesmo com um pouco de medo.

Ao passar por Conrad, ele disse:

— Ei, você esqueceu suas bebidas.

— Mudei de ideia.

— Uau! Não seja assim, Ella. — Conrad agarrou o braço de Ella, que o puxou imediatamente para trás. Ele riu. — Qual é o problema? Não tem tempo para conversar com um velho amigo?

— Hoje não. Preciso ir para casa.

— Ainda está cozinhando e limpando para outras pessoas?

— Estou dirigindo um negócio.

— É esse o nome que dão para fazer camas e esfregar chãos todos os dias? Dirigir um negócio? — bradou ele com desdém. — É boa demais para isso, Ella. Nunca deseja algo melhor?

— Não.

— Aposto que deseja — disse ele, arrastando as palavras.

Ella tentou evitá-lo, mas ele deu um rápido passo para o lado e bloqueou seu caminho.

— Deixe-me passar, Conrad.

— Teve notícias daquele seu marido miserável?

Ella tentou novamente evitá-lo, mas ele era rápido demais para ela, principalmente porque ela puxava Solly pela mão.

— Ele simplesmente fugiu, não foi? Por causa do seu filho aqui. Acho que não conseguiu suportar este garoto ser o idiota da cidade.

Ella ferveu de raiva quando Conrad se inclinou e se pôs ao nível dos olhos de Solly, que olhou através dele.

— Afinal de contas, o que há com ele? — Conrad acenou sua mão na frente do rosto de Solly e disse com voz de falsete: — Uhu-uhu! Tem alguém aí?

— Pare com isso! — Ella tentou empurrar Conrad para o lado, mas foi como tentar empurrar um vagão de trem. Ele pôs a mão sobre a dela, prendendo-a em seu peito. Ela tentou soltá-la, mas Conrad a apertou sob a dele. — Solte-me!

Rindo de seus esforços inúteis, ele disse:

— Sempre teve coragem, Ella. Eu gostava disso. Nem mesmo a fuga do seu marido a venceu, não é? Apesar da vergonha de seu filho. Agora que o vi de perto, isso mostra que não podemos acreditar em tudo que ouvimos. O que ouvi foi que ele ba... ba... baba, e está o tempo todo su... su... sujando as ca... ca... calças.

— O senhor realmente deveria tentar corrigir essa gagueira, sr. Ellis.

O sr. Rainwater abriu a porta de tela da mercearia e entrou. Ella quase chorou de alívio quando o viu. Conrad soltou a mão dela e se virou para ver quem interrompera sua intimidação.

— Boa-tarde, sra. Barron. — O sr. Rainwater ergueu a aba do seu chapéu ao se aproximar, colocando-se habilmente entre ela e Conrad.

Eles olharam nos olhos um do outro. Com esforço, Ella controlou sua respiração.

— sr. Rainwater.

— Margaret me disse que a senhora havia vindo para a cidade. Eu tinha um assunto para resolver, por isso pensei em encontrá-la e me oferecer para levar a senhora e Solly em casa.

— Isso é muito gentil da sua parte. Obrigada.

Ele fez um amplo movimento circular com o braço, indicando-lhe para ir na direção da porta e se afastar de Conrad.

Mas Conrad não seria ignorado. Segurou o ombro do sr. Rainwater e o fez se virar de frente para ele.

— Ei, ouvi falar em você.

— Também ouvi falar no senhor.

— Não gostei particularmente do que ouvi.

O sr. Rainwater sorriu agradavelmente.

— Então também temos isso em comum.

Conrad demorou vários segundos para entender o que ele quis dizer e, quando entendeu, seus olhos se estreitaram até se tornarem fendas cheias de maldade, e sua marca de nascença escurecer com a raiva.

— É o novo hóspede de Ella.

— Sim, estou alugando um quarto na casa dela.

Conrad abafou o riso e perguntou maliciosamente:

— O que mais está fazendo lá?

O sr. Rainwater permaneceu em pétreo silêncio, embora Ella reconhecesse o familiar enrijecimento de seu maxilar. Conrad tinha uns 20 quilos a mais do que ele, mas o sr. Rainwater não pareceu nem um pouco intimidado.

— Por favor, saia do caminho, sr. Ellis. Estamos prontos para ir agora.

Conrad ergueu as duas mãos, se rendendo.

— Certo, certo. Eu só estava tentando comprar um refrigerante para Ella e seu filho idiota. Fazer algo de bom para ela. — Ele dividiu um sorriso insinuador entre eles.

— Sabe o que eu acho? Acho que é você que está fazendo algo de bom para ela. Todas as noites? Quando as luzes se apagam naquela grande casa velha? — Ele deu uma piscadela obscena para Ella.

O sr. Rainwater pôs a mão na região lombar dela e a empurrou gentilmente na direção da porta. Ella sentiu a pressão de seu toque e ficou confortada com o quanto era forte. Colocando Solly na frente dela, o impeliu na direção da porta. Quase a tinham alcançado quando Conrad segurou novamente o ombro do sr.-Rainwater.

— Está pensando que porque é parente do dr. Kincaid pode meter seu nariz onde não é chamado? Bem, não pode. Aqui não gostamos de forasteiros intrometidos. Está me ouvindo? Se quer se intrometer, criar problemas, incitar os negros e a gentilha, vá fazer isso em outro lugar e me poupe o trabalho de ter de chicotear seu traseiro.

Eles não falaram nada enquanto iam para o carro dele, mas assim que entraram o sr. Rainwater disse:

- Ele adoraria saber que a perturbou.
- Não estou perturbada.
- A senhora está tremendo.

Ella olhou para suas mãos e percebeu que ele estava certo. Para impedir que tremessem, entrelaçou-as no colo.

Solly começou a gritar. De repente, começou a agitar violentamente os pés. Quando Ella finalmente conseguiu imobilizá-los, viu que a biqueira de um dos sapatos estava desgastada. O desgaste era quase imperceptível, mas ela engraxara seus sapatos pretos até ficarem brilhantes. A marca era suficiente para causar um ataque. Ele corcoveou, chutou, bateu com as mãos e ao mesmo tempo deu um grito de furar os tímpanos.

Ella tirou os sapatos que o machucavam. Solly parou de gritar, mas ficou balançando para frente e para trás com tanta força que sua cabeça batia no banco estofado. Aquilo não parecia incomodá-lo. Pelo contrário, parecia acalmá-lo, por isso ela não tentou fazê-lo parar.

Quando a crise passou, o sr. Rainwater lhe perguntou cortesmente se tinha algo mais a fazer na cidade. Ella deixou claro que não. Só queria ir para casa e, com a ajuda das tarefas rotineiras, tirar Conrad da cabeça e as coisas odiosas e repulsivas que ele dissera.

O sr. Rainwater não parecia abalado nem com o ataque de Solly nem com o confronto na mercearia. Suas mãos estavam firmes no volante e na alavanca de câmbio enquanto dirigia pela cidade. Até mesmo cumprimentou vários transeuntes tocando na aba de seu chapéu. Ella desejou que não tivesse feito isso. Agora se sentia exposta no carro dele. Qualquer um que visse a ela e Solly poderia dar crédito a fofocas de que havia algo ilícito ocorrendo sob seu teto.

Até onde Ella sabia, Conrad havia sido o único que sugerira tal coisa, e nada que Conrad dizia podia ser aceito como verdadeiro, mas a simples ideia de ela e um hóspede serem temas de maldosa especulação a fazia se sentir mal.

- Ele não vale sua preocupação.

— Seus ataques estão ficando piores, não melhores. Mais intensos.

— Não Solly. Conrad Ellis.

— Discordo. Conrad vale muito minha preocupação. Se tivesse ouvido as coisas horríveis que ele disse sobre Solly...

— Eu ouvi, quando estava entrando. O homem é intimidador, um imbecil, e, se lhe permitir deixá-la zangada ou perturbada, lhe dará exatamente o que deseja. Sua melhor defesa contra ele é ignorá-lo.

— Como o senhor fez. — As palavras saíram ríspidamente, quase como uma repreensão.

O sr. Rainwater olhou para ela, mas respondeu de seu modo tipicamente calmo:

— Eu não ignorei as coisas que ele disse. Só me abstive de discuti-las, sabendo que era exatamente isso que queria que eu fizesse. Se tivesse contestado o que ele insinuou sobre nós, teria lhe dado uma oportunidade de me acusar disso.

— Ele poderia quebrá-lo ao meio.

Ele sorriu.

— Sim. Em uma briga de socos eu definitivamente sairia perdendo. Mas ele não brigou comigo, brigou?

Ella pensou na firme determinação que vira nos olhos do sr. Rainwater quando ele encarou Conrad. Aparentemente Conrad também a vira. Ele havia tirado a mão do ombro do sr. Rainwater e até mesmo dado um passo para trás. Conrad era agressivo por natureza, e seus pais haviam cultivado nele sentimentos de superioridade e poder. Ela não se lembrava de Conrad algum dia ter evitado uma briga.

Seria possível que Conrad tivesse temido uma qualidade que detectara nos olhos do sr. Rainwater? Talvez a determinação de um homem que não tinha nada mais a perder e temer? Fosse qual fosse o motivo, a força bruta e beligerância de Conrad tinham encolhido.

Assim que o sr. Rainwater parou o carro na frente da casa, Ella saiu, puxando Solly. Não queria que o sr. Rainwater desse a volta para abrir a porta do carro ou fizesse algo cavalheiresco que ratificasse boatos de um romance.

Ela entrou pela porta da frente e só parou sua marcha constante ao chegar à cozinha, onde Margaret e seu filho, Jimmy, estavam desempacotando os itens de mercearia que ele havia entregado.

Assim que Margaret a viu, plantou um punho no osso saliente de seu quadril e, com a outra mão, deu um tapa na parte de trás da cabeça de Jimmy.

— Eu ralhei com ele por tê-la deixado na loja sozinha com aquele lixo branco. E posso dizer pela sua cara vermelha que algo de ruim aconteceu.

— Estamos bem, Margaret.

— Isso é um milagre — bufou ela. — Aquele Ellis nasceu ruim, e ficou pior ainda quando teve de desistir da senhora. Ele não se esqueceu de que o rejeitou.

Ouvindo um movimento atrás dela, Ella se virou. O sr. Rainwater a seguiu até a cozinha, com os sapatos de Solly na mão. Ele dividiu um olhar curioso entre ela e Margaret e depois o pousou em Ella.

— Deixou isto no carro, sra. Barron.

Ela pegou os sapatos da mão dele.

— Obrigada, sr. Rainwater.

Ele a olhou mais atentamente, mas ela virou o rosto para o outro lado.

Margaret disse:

— Este é meu filho, Jimmy. Jimmy, sr. Rainwater.

Os dois se cumprimentaram e depois Jimmy saiu rapidamente pela porta dos fundos, como se estivesse grato por escapar à ira da mãe.

— Margaret — disse o sr. Rainwater —, se eu mesmo colher os pêssegos, poderia suborná-la para fazer uma torta de sobremesa para esta noite?

— Claro! Não precisa me subornar. Farei isso com prazer.

Ele colheu pêssegos maduros da árvore no canto sudoeste do quintal de Ella. Margaret assou a torta. Mas o sr. Rainwater não estava lá na hora da sobremesa para comê-la.

O telefone tocou durante o jantar. Ella atendeu.

— Ella, é Ollie. Deixe-me falar com David, por favor.

Então agora era *David*. Mas percebendo a urgência, ela perguntou se havia algo errado.

— Se ele estiver aí, apenas o coloque no telefone, por favor.

— Espere. — Confusa e bastante preocupada com o tom de voz de Ollie, Ella voltou para a sala de estar, onde seus hóspedes estavam comendo o prato principal.

— sr. Rainwater, querem lhe falar ao telefone.

Ele se levantou imediatamente e deixou seu guardanapo ao lado do prato. Pediu licença, passou por Ella e seguiu rapidamente pelo corredor na direção da mesa debaixo da escada, onde ficava o telefone e a caixa de coleta do aluguel.

— Quem é? — perguntou a Ella por cima do ombro.

— Ollie Thompson.

Ele a olhou de relance enquanto pegava os dois componentes do telefone.

— Ollie?

O sr. Rainwater escutou pelo que pareceu uma eternidade, mas na verdade foram apenas alguns segundos.

— Estou indo para aí — disse pelo bocal, depois desligou imediatamente.

Ele recolocou o receptor no gancho e o telefone na mesa. Passando novamente por Ella, dirigiu-se à porta da frente.

— O que foi? Para onde está indo? O que está acontecendo?

— Eu lhe direi quando voltar. — Ele pegou seu chapéu no cabideiro ao sair. Não olhou para trás.

O tempo se arrastou.

Quando Ella voltou à sala de jantar sem o sr. Rainwater, as irmãs Dunne estavam alvoroçadas.

— Há algo errado? — perguntou a srta. Violet.

— O sr. Rainwater foi chamado à casa de um amigo. Estão prontas para sua torta com creme? — Claro que a calma dela era fingida, mas diminuiu a preocupação das irmãs.

— É típico do sr. Rainwater sair de repente para ajudar um amigo, não é? — disse a srta. Pearl. — Ele nem mesmo esperou para terminar seu jantar. É um jovem muito gentil.

— E inteligente — disse o sr. Hastings, enquanto se servia de outra espiga de milho. — Ele sabe meus movimentos no xadrez antes mesmo que eu os faça. Passe-me a manteiga, por favor, srta. Pearl.

Assim que o jantar terminou, Ella deixou a limpeza a cargo de Margaret e levou Solly para o quarto. Seu ataque no carro naquela tarde parecia ter-lhe esgotado a energia. Ele estava dócil quando ela lhe deu um banho de esponja e vestiu seu pijama. Normalmente ela estaria se esquivando a braços e pernas.

Ella ficou aliviada ao descobrir que seus hóspedes também se recolheram cedo. As salas duplas estavam vazias e escuras quando voltou para a cozinha, onde Margaret estava enrolando um pano em seu dedo indicador.

— Ai, meu Deus, o que aconteceu?

— Eu me cortei com aquela maldita faca de açougueiro.

— Ainda está sangrando. Não seria bom o dr. Kincaid dar uma olhada?

— Não, não é nada que um pouco de querosene não possa ajudar. Vou enfaixar o dedo assim que chegar em casa.

— Vá agora.

— Não lavei a louça.

— Não pode lavar ou secar louça com o dedo sangrando.

Margaret protestou um pouco, mas Ella insistiu em que fosse para casa cuidar do ferimento. Finalmente Margaret foi embora, desculpando-se por deixar Ella com tanto trabalho ainda por fazer. Na verdade, Ella preferia ficar sozinha. Aquele havia sido um dia cansativo. Não queria responder a mais perguntas de Margaret sobre o encontro com Conrad ou o misterioso telefonema do sr.-Rainwater que o fizera sair subitamente de casa.

Ella jantou à mesa da cozinha, mas o nervosismo lhe tirou o apetite. Não saber o motivo do telefonema emergencial de Ollie Thompson a deixara cheia de preocupação. Segundo o relógio da cozinha, o sr. Rainwater saíra há mais de duas horas. Onde ele estava? Para onde fora? Corria perigo?

Ela estava lavando os pratos quando ouviu o carro do sr. Rainwater vindo pela rua. Secando rapidamente as mãos, correu pelo corredor central e abriu o trinco da porta de tela no momento em que ele a alcançava.

O sr. Rainwater entrou, fechou a porta, passou o trinco e apagou a luz da varanda e do corredor. Sentindo sua tensão, Ella ficou parada em silêncio enquanto ele olhava através do quintal para a rua.

Após vários minutos, ele relaxou visivelmente. A tensão o deixou ao tirar o chapéu, pendurar no cabideiro e se virar para ela. Em voz baixa, perguntou:

— Sobrou um pouco de torta?

Ella o conduziu para a cozinha, percebendo, ao passar pela escada, que estava andando na ponta dos pés. Não se falaram até a porta da cozinha se fechar atrás deles.

— Sobrou bastante comida. Posso lhe preparar um prato.

O sr. Rainwater balançou a cabeça.

— Somente a torta. Depois de Margaret ter o trabalho de fazê-la, realmente eu deveria comer um pouco. Achei que ela ainda estava aqui.

Ella lhe falou sobre o corte no dedo.

— Eu a mandei para casa. Café?

— Sem dúvida. — Ele hesitou e depois disse: — A senhora não teria uma garrafa escondida de...

Ela balançou a cabeça.

— Café puro então.

Ella lhe serviu uma caneca de café e um prato de torta com uma porção generosa de creme. Depois se sentou à mesa de frente para ele.

— Para onde o senhor foi? Por que Ollie telefonou?

— Parecia pior do que era.

— O que aconteceu?

— Atacaram a casa dele. Quando me telefonou, estava cercada por vários veículos. A maioria picapes. Ollie não conseguia ver nada além dos faróis. Eles estavam dirigindo rápido e imprudentemente, dando voltas e mais voltas ao redor da casa, derrubando estacas de cerca e o varal de Lola. Um dos carros bateu no chiqueiro e derrubou um dos lados. Os porcos saíram. Ainda há alguns faltando.

— Quem era?

— Creio que podemos adivinhar.

— Conrad?

Ele soprou seu café e deu um gole.

— Acho que foi um aviso. Para Ollie, para mim e os outros. Eles devem ter descoberto sobre nossa organização e o motivo para ela.

— Ou...

Quando Ella parou, ele levantou a cabeça.

— Ou?

— Ou foi uma retaliação ao nosso encontro de hoje na mercearia.

O sr. Rainwater descartou a preocupação de Ella com um meneio de cabeça.

— Isso não teve nada a ver com a senhora. Recentemente tivemos indicações de que eles sabiam sobre nós. Várias vezes esta semana, um rancheiro ou fazendeiro recebeu um telefonema avisando que os compradores de gado apareceriam para avaliar seu rebanho. Foi-lhes informado um dia e uma hora. A notícia se espalhou, conforme o planejado. Nós nos reunimos. Os compradores não apareceram.

— Os telefonemas foram trotes.

— Mas eficazes. — Ele deu outro gole no café. — Porque agora, quando uma pessoa recebe um telefonema avisando de que o governo está pronto para negociar com ela, não sabe se é alarme falso ou real.

— Por que não telefonar para o governo para conferir?

— Nós tentamos isso, mas nada acontece rápido em uma burocracia, principalmente uma em que muito dinheiro do Tio Sam está sendo distribuído. Quando ficamos sabendo que é um alarme falso, os homens já perderam horas. Meu palpite é que Conrad e seus amigos esperam nos vencer pela persistência. Açam que logo nos cansaremos de deixar repentinamente nossos lares e negócios e desistiremos de nosso plano de proteger uns aos outros.

— O senhor desistirá?

— Não. — Ele raspou com a colher o resto do creme e empurrou o prato vazio para o lado. — E se a determinação de alguém estava enfraquecendo, foi reforçada pelo que aqueles criminosos fizeram esta noite. Quando cheguei lá, as picapes ainda estavam dando voltas ao redor da casa. Atiravam garrafas nela. Ouvi os filhos de Ollie gritando de medo. Todo aquele vidro quebrado parecia o fim do mundo. Como eu disse, parecia pior do que era, mas vá dizer isso para aquelas crianças assustadas.

— Elas devem ter ficado apavoradas.

— O objetivo era esse. Mas nosso sistema de comunicação funcionou. Homens irados começaram a surgir. Quando a gangue de Conrad viu que logo seria excedida em número, foi embora atravessando rapidamente o pasto. Alguns homens do nosso grupo foram atrás deles, mas a turma de Conrad apagou os faróis, tornando perigoso segui-los. Eles fugiram. Sobrou café?

O sr. Rainwater se levantou e foi até o fogão, voltando com sua caneca cheia.

— E Lola e as crianças? Alguém ficou ferido?

— Graças a Deus, não. Só ficaram morrendo de medo. O sogro de Ollie veio e levou Lola e as crianças. Lola implorou a Ollie para ir também, mas ele ficou. Temia que aqueles sujeitos voltassem e ateassem fogo ao seu celeiro ou fizessem algo no gênero. Alguns homens se ofereceram para ficar com ele, o que foi nobre, mas com isso suas casas e famílias ficarão desprotegidas esta noite.

— Onde isso acabará? Como?

Olhando-a nos olhos, ele disse seriamente:

— Não sei. Mas temo que piore antes de melhorar.

Ella também temia isso, mas não queria admiti-lo, nem para si mesma.

— Por que pensa assim?

— A linha foi traçada na areia. Há dois lados opostos. Essas coisas costumam chegar a um ponto crítico. Especialmente quando as autoridades são indiferentes, inaptas ou claramente corruptas.

Ella deixou a mesa e foi para a pia. A água para lavar a louça havia esfriado. Ela a escorreu e substituiu por água quente, mas, após fechar a torneira, curvou as mãos sobre a beira do escorredor, apoiando-se nele.

O sr. Rainwater trouxe seu prato de sobremesa e sua caneca de café e os acrescentou à pilha de louças para lavar. Depois deslizou as mãos para dentro dos bolsos das calças. Sentindo o olhar do hóspede em seu perfil, Ella virou a cabeça na direção dele.

— Estou com medo.

— Eu sei. Sinto muito.

— Não é culpa sua.

— É. A senhora tentou me convencer a não me envolver. Disse...

— Lembro-me claramente do que eu disse, sr. Rainwater. Mas minha rixa com Conrad não começou com o senhor, com essa situação. Eu sempre tive medo dele.

Ele sustentou seu olhar até Ella não conseguir mais suportá-lo. Voltando sua atenção para a pia, começou a lavar os pratos imersos na água espumosa.

— Conrad me perseguiu durante toda a escola secundária. Minha mãe se entusiasmou com a ideia de sermos namorados. Ele era o rapaz mais rico do lugar. Ela achava que seria um marido ideal. Eu não.

Em uma bacia separada, Ella enxaguou os pratos que lavara. Pelo canto dos olhos, viu o sr. Rainwater pendurar o paletó nas costas de uma cadeira. Parou o que estava fazendo para observá-lo soltar as abotoaduras e enrolar as mangas da camisa. Então o sr. Rainwater pegou uma toalha e estendeu o braço para um dos pratos lavados.

Ela pôs uma das mãos na frente dele.

— Não faça isso.

Gentilmente, ele afastou a mão dela.

— Lave.

Como ela podia discutir com ele sem admitir que aquela tarefa trivial subitamente assumira uma intimidade que a deixava em pânico? Seria muito melhor presumir uma neutralidade que não sentia. E, afinal de contas, que mal havia em ele enxugar os pratos?

— Não se sentiu tentada pela riqueza dos Ellis? — perguntou ele.

Ella continuou a lavar os pratos.

— De modo algum. Eu conhecia Conrad desde a escola primária. Ele era um terror na classe, mas escapava impune a tudo que fazia de errado. Era mimado e genioso. Acho que seus pais nunca lhe disseram não. Eles faziam todas as suas vontades, lhe davam tudo que queria.

— Ele a queria.

Ella deu de ombros envergonhadamente.

— Ele deu todas as indicações de que sim. Por insistência da minha mãe, fui a algumas festas e dancei com ele. Conrad conseguia se aproximar de mim em todos os eventos sociais e, daquele jeito insolente dele, dava a entender para todo mundo que éramos um par. Mas eu não gostava dele e me sentia constrangida sempre que estávamos a sós. Acho que Conrad sabia disso. Acho que gostava do meu constrangimento.

— Ainda gosta.

— Estou certa disso — murmurou ela. — De qualquer maneira, quando Conrad não conseguiu me cortejar, voltou seu charme para minha mãe e lhe pediu formalmente minha mão. Ela tinha símbolos de dólar nos olhos e não conseguia ver através dele. Margaret via. Ela tentou alertar minha mãe sobre a verdadeira natureza dele, mas ela não quis ouvir. Quando rejeitei sua proposta, minha mãe me disse que eu era uma tola e lamentaria minha decisão.

Ela enxaguou o prato de carne e o passou para o sr. Rainwater. Vendo a pergunta silenciosa no rosto dele, acrescentou:

— Só lamento ela ter morrido sem me perdoar. Disse-me que eu lhe havia negado a única coisa que poderia tê-la feito feliz de novo. Morreu desapontada e zangada comigo.

O sr. Rainwater carregou uma pilha de pratos limpos para o armário e os colocou na prateleira.

— Quando se casou com o sr. Barron?

— Logo depois que minha mãe morreu. Naquela época, eu estava dirigindo a casa. Tinha posto um anúncio no quadro de avisos da estação de trem. Ele trabalhava para a ferrovia. Viu o anúncio e foi dar uma olhada no quarto. Não o alugou.

O sr. Rainwater refletiu e disse:

— Ele gostou mais de algo que viu aqui do que do quarto.

— Se ele estivesse morando na casa, não poderia ter me cortejado.

— Ele a cortejou?

— Muito eficazmente. Era afável e educado. Fiquei impressionada com seus modos, muito diferentes da prepotência e intimidação de Conrad. — Em voz baixa, acrescentou: — Mas nós dois fizemos votos que não pudemos cumprir.

Eles trabalharam em silêncio até a última panela ser seca e guardada. O sr.-Rainwater pôs o pano de prato molhado sobre o balcão. Ella escorreu a água da pia e da bacia de enxaguar. O sr. Rainwater abaixou as mangas da camisa e prendeu as abotoaduras. Ela tirou seu avental e o pendurou em um gancho. Ele pegou seu paletó e o dobrou sobre o braço.

E então ambos ficaram parados.

— Foi um dia longo — disse ele.

— Sim. Exhaustivo.

— Como a maioria dos seus dias são.

— Estou acostumada com o cansaço.

Relutando em olhar para ele, Ella se inclinou sobre a mesa e reposicionou o

saleiro e o pimenteiro em seu centro. O saleiro tombou. Ela o pôs novamente em pé. Depois não soube o que fazer com as mãos. Por isso, após entrelaçá-las brevemente na cintura, as abaixou para os lados do corpo.

— Ella?

Ela olhou para o padrão floral no oleado que cobria a mesa. Grãos de sal haviam sido derramados nele, mas se misturaram à profusão de ipomeias azuis e gerânios vermelhos, tornando-se quase invisíveis. Normalmente ela os teria varrido com as mãos. Mas agora estava com medo de se mexer.

— Ella.

Ouvi-lo dizer seu primeiro nome a fizera prender a respiração, e ainda a prendia. Ela fechou os olhos ao soltá-la lentamente. Depois levantou a cabeça e olhou para ele.

Ele disse:

— Eu lhe devo desculpas por lhe falar tão bruscamente esta manhã.

Esta manhã parecia ser muito tempo atrás. Vários instantes se passaram antes de Ella se lembrar das palavras ásperas às quais ele se referia. Estou *bem*. Ditas com raiva da escada.

— Não foi nada.

— Fui áspero e rude. Sinto muito.

— Fui irritante.

— Estava perguntando sobre minha saúde por genuína preocupação. Foi por isso que fiquei zangado.

Ela balançou levemente a cabeça, sem entender.

— Por que minha preocupação o deixaria zangado?

— Porque é a última mulher bonita que conhecerei. Quando olhar para mim, não quero que veja um inválido.

Ela teve uma noite desassossegada.

O sr. Rainwater não desceu para o café da manhã, mandando dizer por Margaret, que subira para pegar roupa para lavar, que só queria café. Ella mandou Margaret de volta ao quarto dele com uma bandeja. Quando Margaret desceu, Ella esperou um relatório sobre a condição de seu hóspede. Mas Margaret não disse nada até ela perguntar.

— Ele me pareceu bem, srta. Ella.

Ella não tentou descobrir mais, e resistiu ao impulso de ir ver por si mesma. Na véspera, o havia aborrecido com perguntas até ele perder a paciência com ela. Não cometeria esse erro de novo, porque não queria deixá-lo de mau humor. Também não queria mais nenhuma conversa sobre ela ser bonita, o que não era, ou sobre o desejo dele de não ser visto como um inválido. A impropriedade desse diálogo pessoal a deixava desconfortável.

Além disso, nem sua aparência nem o modo como ela o via tinham qualquer importância para a situação particular deles, que era a de ele ser um hóspede em sua casa de pensão. Somente isso. Nada mais.

Contudo, Ella esperava que, se a dor do sr. Rainwater se tornasse insuportável, ele não deixasse seu orgulho masculino o impedir de alertá-la sobre isso.

Depois do almoço, uma chuva leve começou a cair, fazendo subir vapor de superfícies quentes — telhados, automóveis, trilhos de trem — e o ar parecer ainda mais pesado com a umidade. Mas a chuva de verão era uma novidade, uma rara e maravilhosa bênção que Ella queria apreciar, por isso ela foi para a varanda levando um saco de vagens. Sentou-se na cadeira de balanço com ele e uma tigela de cerâmica no colo. Solly estava ao seu lado, no chão, com seu saco de carretéis vazios e a caixa de dominós.

Era um trabalho tedioso quebrar as pontas das vagens, puxar os fios que as selavam, cortá-las em dois ou três pedaços e depois colocá-los na tigela. Ela cozinaria as vagens amanhã. Talvez acrescentasse algumas batatas ainda com suas cascas vermelhas. Isso seria um bom acompanhamento para pernil assado.

A mente de Ella divagou do cardápio do dia seguinte para o perturbador

confronto com Conrad na véspera, a ameaça que ele representara para a fazenda dos Thompson na noite anterior e o interlúdio recente na cozinha, onde ela mal conseguira evitar quebrar a louça ao observar as mãos do sr. Rainwater enxugando-a.

Ella, dissera ele. Duas vezes.

Ela fingira não notar que ele a chamara pelo primeiro nome, porque isso era inadequado e não quisera enfatizá-lo transformando-o em um problema que exigiria mais discussão. Depois de ele dizer o que havia dito sobre ela ser bonita, pedira licença e se retirara apressadamente para seu quarto.

Entretanto, ainda se lembrava de ele falando seu nome. Secretamente, apreciou a ressonância especial que a voz dele emprestara àquelas duas sílabas comuns. De algum modo, sabia que teria aquela lembrança por muito tempo. Possivelmente para sempre.

Ella estava tão perdida em seus pensamentos que a princípio não percebeu que Solly não estava mais sentado nas tábuas pintadas do chão, mas havia se levantado e ido para a balaustrada da varanda.

— Solly?

Ele não respondeu, é claro. Estava concentrado em pôr uma peça de dominó em seu final, alinhada com a coluna abaixo e bem no centro da tábua que formava a balaustrada. Enquanto ela sonhava acordada, ele havia alinhado as peças de tal forma que, agora, uma dúzia delas formava uma linha reta ao longo da balaustrada.

Ella deixou o saco de vagens e a tigela no assento da cadeira e se aproximou da balaustrada, mas sem ultrapassar os limites que eram invisíveis para ela, mas cruciais para o filho. Não queria que sua proximidade o distraísse do que estava fazendo.

Após observá-lo por vários minutos, Ella viu que Solly estava alinhando as peças de dominó em ordem crescente. Mas, mais importante ainda, as escolhia de um monte espalhado, como fizera antes. Procurava na caixa a próxima em sequência, antes de colocá-la no final da fileira.

Esse não era o estranho talento que os sábios idiotas frequentemente exibiam, conforme lhe explicara o dr. Kincaid. Solly também possuía essa característica extraordinária, mas hoje, com as peças de dominó, estava raciocinando — refletindo antes de escolher a próxima peça. Basicamente, estava contando!

Ella ficou com os olhos marejados de lágrimas e apertou os lábios com os dedos para conter um soluço de alegria.

— Margaret disse que a senhora não teve o bom senso de entrar e ficar longe da chuva.

Ela se virou enquanto o sr. Rainwater abria a porta de tela e entrava na varanda.

— Olhe. — Ella apontou para as peças de dominó na balaustrada. — Solly fez isso por iniciativa própria. Não comecei a fazer para ele. E preste atenção.

Ele veio e ficou ao lado dela. Solly só precisou acrescentar duas peças à fileira para o sr. Rainwater perceber o que a havia deixado entusiasmada. — Ele está escolhendo entre as peças na caixa até encontrar a próxima na sequência.

— Não acha isso significativo?

— Totalmente.

— Domingo, no cemitério, lembro-me de ele olhando para as barras de ferro do portão. Obviamente fica intrigado com o posicionamento preciso e ordenado das coisas. Esse fascínio não poderia ser sustentado e estimulado? Poderia até mesmo ser transformado em uma habilidade, não acha?

— É claro que acho. Qualquer dia desses ele poderia construir pontes.

Ella sorriu com o otimismo dele.

— Eu ficaria feliz com muito menos do que isso.

O sr. Rainwater esticou o braço e tocou no ombro de Solly. O garoto se esquivou, mas não parou o que estava fazendo.

— Bom trabalho, Solly.

— Ótimo trabalho, Solly — repetiu Ella.

O sr. Rainwater disse:

— Acho que isto merece uma comemoração. No mínimo um sorvete de casquinha. Posso lhes oferecer um?

— Antes do jantar?

— As comemorações deveriam ser espontâneas. As regras podem ser quebradas...

— sr. Rainwater! — Margaret irrompeu pela porta de tela. Estava com os olhos arregalados, ofegante e alarmada. — Meu filho Jimmy acabou de telefonar da mercearia dizendo que haverá problemas na casa dos Hatcher. Disse que o senhor precisa ir rápido para lá. Conrad Ellis e sua turma estavam na mercearia falando sobre o que iam fazer com a gentalha que aparecesse lá tentando interferir nos assuntos do governo.

— Irei agora. — Ele passou rapidamente pela empregada e entrou na casa por tempo suficiente apenas para pegar seu chapéu no cabideiro. — Onde fica a casa dos Hatcher?

— Vou com o senhor. — Ella tirou seu avental e o atirou sobre a cadeira.

— De modo algum — disse ele. — Pode ser perigoso.

— É mais fácil para mim lhe mostrar o caminho do que explicar como chegar lá. — Percebendo a hesitação dele, acrescentou: — Estamos perdendo tempo.

Ele assentiu com a cabeça e desceu os degraus da frente. Ella o seguiu.

— Cuide de Solly, Margaret! — gritou por cima do ombro.

— Não se preocupe com ele. Tomem cuidado. Jimmy disse que aqueles lixos brancos estavam bêbados e agindo como loucos.

Quando eles chegaram ao rancho de gado de corte localizado vários quilômetros a oeste de Gilead, a situação já era tensa. Reunidos ali estavam Ollie Thompson, o sr. Pritchett, o agente do correio, um pastor, o professor de artes industriais da escola secundária, o dono do ferro-velho e muitos outros que Ella reconheceu.

Eles menearam sombriamente suas cabeças quando o sr. Rainwater estacionou o carro e foi encontrá-los do lado de fora da cerca de arame farpado que demarcava o pasto. Era o único desarmado.

Afastado deles, havia outro grupo, principalmente de negros, mas com alguns brancos. Por seus rostos magros e suas roupas esfarrapadas, Ella deduziu que eram da favela. Reconheceu o viúvo recente com os três filhos, com quem o sr.-Rainwater fizera amizade. Em pé e mais alto do que os outros, estava o irmão Calvin, parecendo desgostoso, mas calmo.

O sr. Rainwater aconselhara Ella a ficar no carro, quando na verdade ela não tinha nenhuma intenção de sair. A única outra mulher à vista era a sra. Hatcher, em pé em uma área estéril do quintal da frente da casa, segurando o braço do marido como que tentando impedi-lo de fazer algo imprudente.

A chuva havia durado pouco, mas a cobertura de nuvens era espessa e opressiva. O ar parecia denso demais para ser inalado, e respirar ainda era mais difícil devido ao forte cheiro de esterco do caminhão de gado que passava pelo portão do pasto e descia a estrada de terra na direção da rodovia principal.

Uma cova grande e funda, ainda maior do que a da fazenda dos Thompson, fora cavada no pasto. Possivelmente, cem cabeças de gado Angus mugindo estavam reunidas nela.

Ao redor, homens com chapéus abaixados e rifles apontados esperavam o sinal do líder para começar a atirar.

Quando atiraram, Ella se sobressaltou.

Embora estivesse preparada para o tiroteio, o barulho foi ensurdecador, ferindo mais do que os ouvidos. Ella cobriu os seus com as mãos, mas isso só

abafou o som, não o eliminou. Sentiu o abalo de cada tiro em seu peito e nas pálpebras, quando fechou os olhos.

Os primeiros tiros alarmaram o gado. Os mugidos de descontentamento se tornaram gritos de terror, ouvidos acima da cacofonia dos tiros, que pareceram continuar eternamente. Então restaram apenas alguns mugidos fortuitos vindo do fundo da cova. Cada um deles foi silenciado com um estampido que ecoou nas nuvens baixas. O silêncio que se seguiu foi tão denso quanto a fumaça suspensa no ar sobre a carnificina.

Ella esperou por vários segundos. Depois abriu os olhos e tirou as mãos dos ouvidos. Nervosa, suas palmas estavam úmidas de suor. Ela as enxugou na saia. Mas nenhum dos homens, nem do grupo do sr. Rainwater nem do grupo do irmão Calvin, havia movido um músculo.

Os atiradores abaixaram seus rifles e começaram a andar lentamente na direção da fila de carros pretos estacionados um atrás do outro ao longo da estrada. Alguns acenderam cigarros. Outros murmuraram conversas entre si. Todos evitaram contato visual com os espectadores silenciosos.

O líder parou para dizer algo ao sr. Hatcher. O homem do governo fez uma pausa, como se esperasse que o sr. Hatcher respondesse ao que ele havia dito ou demonstrasse de algum outro modo que o ouvira. Mas o sr. Hatcher só fez um movimento brusco com a mão. O homem seguiu em frente e se juntou aos outros, que estavam entrando nos carros do governo.

Ninguém se mexeu enquanto eles se afastavam.

O comboio havia percorrido várias centenas de metros, mas ainda era visível quando o sr. Hatcher gritou:

— Sirvam-se, se quiserem!

Ainda assim, ninguém se mexeu. O sr. Pritchett perguntou:

— O que ele disse para você, Alton?

— Disse que o gado seria enterrado em alguma hora hoje, antes do escurecer. Mas para não deixar ninguém retalhar aquelas carcaças, ou haveria encrenca e ele não faria nada para impedir isso.

Então o sr. Hatcher se virou, atravessou o quintal e foi até o tronco usado para cortar lenha. Segurou o cabo de um machado e arrancou a lâmina de dentro da madeira. Pôs o machado no ombro e caminhou na direção da cova.

— Ele que vá para o inferno. Eu é que não vou negar a pessoas famintas alguns pedaços de carne fibrosa.

Ouviram-se gritos de alegria. O irmão Calvin fez um sinal que pareceu pôr em ação os homens que o acompanhavam. Eles passaram por cima e por baixo da cerca e correram desabaladamente na direção da cova portando facas,

machadinhas e recipientes para a carne que conseguissem tirar das carcaças magras. Sem um momento de hesitação, desceram para a grande cova. Então Ella se deu conta do grande motivador que era a fome.

Somente quando eles começaram a retalhar o gado morto é que o ronco de motores foi notado. Ella achou que talvez o sr. Rainwater tivesse sido o primeiro a ouvir o som acima dos gritos de alegria dos homens da favela que exerciam amadoristicamente a função de açougueiros. Ele foi o primeiro a se virar na direção do som, e sua expressão registrou alarme imediatamente.

Ella virou a cabeça.

Do outro lado da estrada, saindo da cobertura do bosque denso, havia várias picapes e carros repletos de homens gritando como demônios. Eles deviam estar escondidos no bosque, esperando por aquele momento com os motores dos carros em ponto morto.

Seus veículos sacolejaram no terreno acidentado, mas não desaceleraram. Chegaram à estrada em alta velocidade, a atravessaram e frearam bruscamente na beira da vala. Homens saltaram e se aglomeraram ao redor do carro do sr.-Rainwater.

Ella viu o sr. Hatcher sair com dificuldade da cova, suas botas procurando apoio no solo úmido. Ele correu para sua esposa, que parecia paralisada de medo. Mandou-a entrar em casa e se certificou de que a porta estava trancada. Depois correu de volta para a beira da cova, o machado ensanguentado ainda na mão.

O irmão Calvin disse para os homens que o acompanhavam ficarem calmos e não fazerem nenhuma besteira. Os homens da cidade se posicionaram ao longo da cerca de arame farpado, formando uma barreira humana contra o ataque dos recém-chegados.

Mas Ella viu tudo isso pelo canto dos olhos, porque observava Conrad, que permaneceu atrás de sua vanguarda até eles alcançarem os homens da cidade. Então dois homens do grupo de Conrad se moveram para o lado e o deixaram passar pelo meio. Ele foi direto até o sr. Rainwater.

Sem pensar, Ella abriu a porta do carro e saiu.

Conrad olhou o sr. Rainwater de alto a baixo. Depois virou apenas a cabeça e emitiu um som escarnecedor. Seus amigos riram. Olhando novamente para o sr.-Rainwater, disse:

— É o líder deles?

— Não.

— Bem, seja quem for o líder, é melhor dizer àqueles negros e vagabundos para saírem da cova, ou serão enterrados junto com aquelas vacas mortas.

- Atiraria em homens desarmados?
- Eles estão armados com facas.
- Ninguém com uma faca ameaçou alguém.
- Eles estão infringindo a lei.

O sr. Rainwater olhou ostensivamente ao redor.

- Não há nenhum representante da lei aqui para prendê-los.
- O governo me encarregou de garantir que o gado não seria retalhado.
- O senhor tem documentação para isso?

Conrad hesitou, mordendo a bochecha enquanto pensava.

- Não preciso de documentação. Estou no comando.
- Conforme disse — observou o sr. Rainwater ironicamente.
- Vai mandar aqueles homens saírem de lá ou não?

— sr. Ellis, se o governo fosse totalmente contra eles obterem um pouco de carne de graça, a propriedade do sr. Hatcher já estaria cheia de agentes usando distintivos, com o único objetivo de impedir que o gado fosse retalhado.

— Gado. — Conrad cuspiu na terra. — Aquilo é só pele e osso. Impróprio para o consumo humano.

— Algumas pessoas subnutridas da favela não compartilhariam dessa opinião.

— Você realmente usa muitas palavras bonitas.

— Então tentarei dizer isso de um modo mais simples. Por que o senhor desejaria fazer algo tão desagradável, que até mesmo as agências de aplicação da lei evitam? Isso não tem nada a ver com o senhor, então por que simplesmente não faz vista grossa? Por que o senhor e seus amigos não deixam que esses homens peguem a carne que puderem e a levem para suas famílias famintas?

Conrad posicionou o rosto a um centímetro do rosto do sr. Rainwater.

— Por que não vai ver se eu estou na esquina? — Isso produziu mais risadas de seus amigos, mas até mesmo eles pararam quando Conrad dirigiu seu punho para o rosto do sr. Rainwater.

O sr. Rainwater o havia visto vindo e se esquivara, mas não o suficiente, ou rápido o suficiente. Os nós dos dedos de Conrad roçaram na maçã do seu rosto, rasgando-lhe a pele e fazendo-a sangrar. O sr. Rainwater cambaleou para trás, mas foi salvo de cair sobre o arame farpado pela reação rápida de Tad Wallace, o dono do ferro-velho, que estendeu o braço para ampará-lo.

Assim que recolocou o sr. Rainwater em pé, o sr. Wallace partiu para cima de Conrad. Mas o sr. Rainwater agarrou a manga da camisa dele e o puxou para trás.

— É exatamente isso que ele quer. Uma desculpa para atacar.

Outros murmuraram concordando. O sr. Wallace recuou.

Com as costas da mão, o sr. Rainwater limpou o sangue que escorria pelo seu rosto.

— O senhor fez o que veio aqui para fazer: bater em mim. Conseguiu. Todos viram isso. Falarão sobre isso durante semanas. O senhor bateu em mim e agora pode se gabar disso. Então vá embora e deixe essas pessoas em paz.

Parecendo divertido, Conrad olhou de relance por cima do ombro para seus colegas, e todos eles riram.

— Não, ainda não estamos prontos para ir embora. E não pense que você e esses outros selvagens podem nos assustar com alguns tiros e facas enferrujadas.

— E quanto à promessa de danação? Isso os assustaria?

Ninguém notara que o irmão Calvin havia saído da cova, andado ao redor dela e agora estava do lado de fora da cerca, atrás de alguns homens da gangue de Conrad. Sua voz retumbante os surpreendeu. Quando o irmão Calvin caminhou para frente, eles se afastaram. Alguns fizeram isso de má vontade, mas ninguém o impediu até ele chegar a apenas 30 centímetros de Conrad. Até mesmo Conrad foi diminuído pela altura imponente e largura dos ombros do irmão Calvin.

Mas Conrad não se intimidou com o homem maior. Olhou-o com desprezo.

— Você não é o pregador negro que está mantendo os outros agitados?

— Sabe quem eu sou. Quebrou uma janela da minha igreja, o que não me ofendeu tanto quanto ofendeu a Deus. Sei que é um fanático e isso não faz nenhuma diferença para mim. Terá de responder ao Todo-Poderoso por seu ódio e seus preconceitos. O que importa para mim é que as pessoas estão com fome e, devido à generosidade e bondade do sr. Hatcher, têm uma chance de conseguir um pouco de carne de graça.

“Não só negros. Os brancos também. Lembra-se de Lansy Roeder?” Ele apontou na direção da cova, onde Ella viu o homem magro de macacão segurando uma faca de açougueiro em uma das mãos e uma bacia na outra. Tinha as mãos, os antebraços e as roupas sujos de sangue. Lansy não perdera tempo e estava tentando conseguir um pouco de carne antes que estragasse.

— Lancy disse que vocês frequentaram a mesma escola — disse o irmão Calvin para Conrad. — O banco tomou a casa dele três meses atrás. Lancy e sua família foram despejados e não tinham para onde ir, por isso estão acampados na favela. Ele está colhendo algodão, mas não ganha quase nada. Seus filhos estão passando fome.

Conrad continuou impassível.

— Não tenho culpa se ele não consegue alimentar seus filhos. Se não conseguia alimentá-los, por que continuou a tê-los? — Ele riu com escárnio. — É claro que a mulher dele realmente tem um belo corpo. — Ele olhou por cima do ombro para seus colegas. — Talvez ele devesse colocá-la para trabalhar, não é, rapazes? Sei que se daria bem no meu negócio.

Seus amigos explodiram em uma gargalhada obscena. Vários assobiaram. Lansy deixou cair sua bacia e se precipitou para frente. Sabendo que ele não teria nenhuma chance com Conrad, dois homens o derrubaram no chão e o contiveram enquanto ele gritava impropérios. Essa indignidade fez o grupo de Conrad rir ainda mais.

Mas quando Conrad se virou para o irmão Calvin, ele não estava rindo, ou mesmo sorrindo.

— Eu lhe dou um minuto para sair daqui, ou começaremos a atirar. E não estou de brincadeira, pastor.

O sr. Rainwater deu um passo para frente.

— Terá de atirar em nós primeiro.

Conrad estendeu o braço para trás e um de seus amigos pôs uma pistola em sua mão. Ele a apontou para o meio do corpo do sr. Rainwater.

— Por mim, tudo bem. Começarei pelo sr. Palavras Bonitas.

O sangue de Ella gelou nas veias. Houve uma movimentação nervosa entre os aliados do sr. Rainwater. Eles haviam deixado seus almoços de lado, fechado suas lojas, saído apressadamente de suas casas e corrido para ajudar seus vizinhos. Agora estavam sendo ameaçados de se tornar vítimas da violência que esperavam evitar. A realidade de um confronto com homens armados era muito mais assustadora do que havia parecido durante suas reuniões secretas.

Ao contrário deles, o sr. Rainwater parecia imperturbável.

— Não pensei que o senhor fosse tão estúpido, sr. Ellis.

Conrad aproximou mais sua pistola dele.

O sr. Rainwater não se acovardou.

— Não pensei que fosse estúpido o suficiente para atirar em homens a sangue-frio diante de tantas testemunhas.

— Vou correr esse risco.

— Sim, estou certo de que correria, já que se escora no xerife Anderson. — O sr. Rainwater virou a cabeça para o lado. — Quem o senhor conhece no FBI?

Conrad pestanejou.

— No FBI?

— O Federal Bureau of...

— Sei o que é o FBI. Isso não é da conta deles.

— Será. O senhor disse que os homens do governo o puseram no comando, o que eu duvido. Mas se for verdade, e um monte de pessoas acabarem mortas ou gravemente feridas, quem acha que será responsabilizado por isso? Os atiradores, que só estavam fazendo seu trabalho? O pessoal do Serviço de Alívio da Seca? Os burocratas? — Ele fungou e balançou a cabeça. — Se isso se transformar em um banho de sangue, todos, do presidente Roosevelt às pessoas abaixo dele, culparão o senhor por manchar a imagem de um programa do governo que visa ajudar as pessoas. Mas acho que o senhor quer tanto uma briga que não se importa com nada disso.

Um dos colegas de Conrad veio por trás dele e sussurrou algo em seu ouvido. Ella não conseguiu ouvir o que ele disse, mas não foi bem recebido.

— Cale a boca — vociferou Conrad e, como se espantasse uma mosca, fez um sinal para que o homem fosse para trás. Para o sr. Rainwater, disse:

— Acha que é esperto, não é?

— Acho que o senhor é, sr. Ellis. Acho que é esperto demais para prosseguir com isso.

— Vamos, Conrad — pediu um dos seus amigos.

— Sim, vamos sair daqui. Quem se importa?

— Vamos nos embriagar.

Murmurando entre si, eles abaixaram suas armas e começaram a se afastar, voltando lentamente para suas picapes e seus carros.

Finalmente só restou Conrad de frente para a fileira de cidadãos resolutos.

Ele deu alguns passos para trás e depois apontou sua pistola para todos os homens, brandindo-a como se fosse um dedo trêmulo.

— Todos vocês me conhecem e sabem que eu faço o que digo. Isto não terminou. Longe disso. — Então ele disparou a arma para o ar até esvaziar as seis câmaras. Só então se virou e foi embora.

Ella ainda estava na beira da porta aberta do carro. Os olhos de Conrad chispavam de raiva quando passou por ela, rosnando:

— Você escolheu errado de novo, Ella.

— O sr. Rainwater não se juntará a nós esta noite? — perguntou a srta. Violet enquanto Ella servia salada às irmãs.

— Ele está com amigos.

— Ah. — A srta. Pearl não conseguiu disfarçar seu desapontamento. Ela estava usando uma flor fresca nos cabelos.

A srta. Violet suspirou:

— E o sr. Hastings foi embora de novo, por isso somos apenas nós duas esta noite, minha irmã.

Tentando animá-las, Ella disse:

— Terão as duas salas só para vocês.

Nem mesmo essa promessa melhorou o humor das irmãs. Elas fizeram suas refeições tão mecanicamente quanto Ella as serviu. Sua mente estava em outro lugar, com o sr. Rainwater e as pessoas que tinham ficado para trás a fim de retalhar a carne que pudessem aproveitar do gado morto e distribuí-la entre os habitantes da favela e outras famílias da área em uma situação terrível.

— É um trabalho repugnante — dissera-lhe o sr. Rainwater após insistir em levá-la de carro para a cidade.

— Não tenho medo de carne crua. Eu poderia ajudar.

— A senhora tem outras responsabilidades.

Ele estava certo, é claro. Mas após vencer o confronto com Conrad, ela se sentia um pouco desapontada retomando o trabalho trivial de preparar e servir o jantar para suas hóspedes idosas.

— E eu não confio na rendição de Conrad — acrescentara o sr. Rainwater. — Ele pode voltar. Ainda pode haver encrenca.

Ella temia que o sr. Rainwater também estivesse certo sobre isso. Depois de ser humilhado publicamente, o Conrad que ela conhecia planejava uma dura represália.

Então o sr. Rainwater havia perguntado:

— O que ele lhe disse ao ir embora?

— Algo sobre eu estar do lado errado. — Ela se lembrava de cada palavra de Conrad, mas a paráfrase omitia a conotação pessoal, que preferia não revelar ao

sr. Rainwater.

Ele a havia deixado em casa e se desculpou por não acompanhá-la até a porta.

— Preciso voltar para a casa de Hatcher imediatamente. É provável que não volte à hora do jantar.

— Tome cuidado.

Ele tinha tocado a aba do chapéu e se afastado de carro, parecendo um homem que vencera sua primeira batalha e estava voltando ao front, animado com sua vitória e ansioso por saborear mais dela.

Por natureza, Ella não era uma combatente e, sempre que possível, evitava confrontos. Ainda assim, invejava a liberdade do sr. Rainwater — na verdade, de todos os homens — de voltar à luta e testar sua coragem.

Depois que as irmãs terminaram seu jantar e foram para a sala jogar cartas, Ella tentou fazer Solly comer. Margaret ficou olhando, elogiando cada mordida que ele dava. Nessa noite a empregada estava de bom humor, tendo ouvido de Ella o resultado do confronto. Ela elogiara a coragem do irmão Calvin, do sr.-Rainwater e dos outros homens ao enfrentar Conrad, dizendo que “estava na hora daquele fanfarrão ter o que merecia”.

Ella duvidava que fosse a última vez em que eles ouviriam falar em Conrad, mas guardou suas preocupações para si mesma.

Enquanto Margaret terminava de lavar a louça, Ella levou Solly para a cama e disse boa-noite para as gêmeas, que subiam a escada discutindo o resultado da partida de *gin rummy*.

Margaret pretendia parar na favela antes de ir para casa. Ella lhe entregou dois cestos de sobras e depois jantou sozinha à mesa da cozinha. Quando estava terminando, ouviu o barulho de um carro. Foi rapidamente para a porta da frente e tentou esconder seu desapontamento ao ver o dr. Kincaid subindo ofegantemente os degraus da varanda.

— Boa-noite, sra. Barron — disse ele ao vê-la através da porta de tela. Esperava encontrá-la ainda acordada.

Ella abriu o trinco da porta.

— Ainda não está na minha hora de dormir. Entre.

Assim que ele entrou, Ella lhe fez um gesto para que fosse para a sala de estar formal.

— Gostaria de um copo de chá?

— Não, obrigado. Acabei de jantar. David está aqui?

— Ele saiu esta noite.

— Humm. — O dr. Kincaid tirou o chapéu e se sentou. — Recebi isto hoje e queria lhe mostrar assim que possível.

Ele lhe entregou um grande envelope. Tinha sido aberto. Ella se sentou e tirou de dentro várias páginas datilografadas presas com um clipe. Leu o cabeçalho, examinou a primeira página e depois olhou para o médico esperançosamente.

— Ele é um especialista muito respeitado — explicou o dr. Kincaid. — Conduziu vários estudos. Eu disse à senhora que havia escrito para médicos ao redor do país pedindo informações sobre sábios idiotas. Um deles se lembrou do meu pedido e foi gentil o bastante para me enviar isto. O artigo foi publicado vários meses atrás em um jornal de medicina. Pensei que a senhora o acharia interessante e encorajador. Eu achei.

— Obrigada. — Ela folheou as páginas, lendo os títulos sublinhados.

— Algumas crianças com problemas de desenvolvimento parecidos com os de Solly foram ensinadas a falar e ler com compreensão, em alguns casos com ótimos resultados — disse o dr. Kincaid. — É claro que ninguém, nem mesmo esse especialista mundialmente famoso, pode garantir 100 por cento de sucesso, mas qualquer melhora é um passo enorme para frente, não acha?

Ella segurou as páginas contra o peito, cruzando as mãos sobre elas como se fossem um tesouro.

— Obrigada, dr. Kincaid. Não sabe como sou grata por seu interesse.

— Eu sei.

Ela lhe falou sobre o que Solly havia feito naquele dia.

— Ele só estava pondo peças de dominó em uma linha em ordem numérica, mas duvido que a maioria das crianças da sua idade teria a concentração ou atenção para ser tão... humm...

— Meticulosa?

— Sim.

— É o que diz o médico em seu ensaio — disse o dr. Kincaid, meneando a cabeça na direção das folhas que Ella ainda segurava. — Essa precisão é uma característica comum entre as crianças com os sintomas de Solly. Depois de ler sobre esse estudo, acho que eu estava errado ao insistir em que o medicasse. Ninguém sabe realmente qual é a capacidade mental dos sábios idiotas, e sem dúvida ela varia de paciente para paciente. Solly não pode revelar o nível de sua inteligência, por isso não temos como saber do que é capaz. Pode estar limitado a alinhar peças de dominó ou ter uma mente brilhante. Seja como for, a senhora deve a ele e a si mesma descobrir isso, se possível.

Ella contou ao dr. Kincaid que havia escrito para várias escolas.

— Ainda não recebi nenhuma resposta, por isso não sei o que descobrirei com minhas perguntas. Essas instituições particulares não têm nenhuma experiência com crianças como Solly. Se tiverem currículos adequados, o custo de matriculá-lo provavelmente será proibitivo. — Ela parou e depois acrescentou em voz baixa: — Além disso, não posso me imaginar mandando-o embora.

— Mesmo se for a melhor coisa que puder fazer para ele?

— Talvez Solly não corresponda às exigências, dr. Kincaid. A escolha pode não ser minha.

— Mas e se for...

Não se sentindo preparada para se comprometer, ela murmurou:

— Veremos.

Depois de um instante, o dr. Kincaid bateu com as mãos nas coxas e se levantou.

— Preciso ir. A sra. Kincaid não dorme enquanto não chego em casa.

Ella o levou até a porta e, mais uma vez, agradeceu-lhe muito por lhe trazer o ensaio de pesquisa.

— Mal posso esperar para ler tudo.

— Creio que a senhora o achará esclarecedor. Depois que tiver tido tempo para assimilar as informações, conversaremos de novo.

— É claro.

O dr. Kincaid olhou para o andar de cima e depois de novo para ela.

— Como ele está passando?

Ella sabia que o médico não estava mais falando de Solly.

— Ontem ele ficou aborrecido comigo. Havia me dito várias vezes que estava se sentindo bem, mas eu continuei a lhe perguntar. Ele finalmente perdeu a paciência. — Essa era basicamente a verdade. O médico não precisava saber os detalhes de por que sua insistência irritara o sr. Rainwater. — Normalmente ele é muito calmo.

— Também é cabeça-dura. Foi a criança mais teimosa que já conheci. Não travessa, mas persistente. Quando quer alguma coisa, não sossega enquanto não consegue. — O dr. Kincaid deu uma risadinha. — Também me lembro de uns ataques de raiva quando ele não conseguiu.

Ella não podia imaginar o sr. Rainwater tendo um ataque de raiva, mas podia imaginá-lo sendo teimoso. Por duas vezes, sua firme determinação forçara Conrad a ceder.

O dr. Kincaid franziu as sobrancelhas.

— A senhora disse que ele saiu.

Ella assentiu com a cabeça.

— Suponho que ele esteve no rancho de Alton Hatcher hoje. E na favela esta noite.

Ela assentiu novamente com a cabeça.

— Tentei desencorajar seu envolvimento nesse negócio. Ninguém desejaria ter Conrad Ellis e sua gangue como inimigos.

— Também tentei dizer isso a ele, dr. Kincaid. Não adiantou.

O médico suspirou:

— Não adiantaria.

— Ele sempre se envolveu com causas desse tipo?

— Quer dizer causas perdidas?

— Por que o senhor acha que essa é uma causa perdida?

— Porque ao longo de toda a história houve intimidadores, e não creio que isso tenda a mudar. Durante esta depressão econômica, haverá aqueles que sofrerão e abutres que tirarão proveito de seu sofrimento. Outros, com raiva da situação, a descarregarão em pessoas inocentes, cometendo roubo, agressões e até mesmo assassinato em números crescentes. Mas, só para eu não parecer um velho rabugento, um profeta do Apocalipse, deixe-me acrescentar que os tempos difíceis também trazem à tona o que há de melhor nas pessoas.

— Como o sr. Rainwater.

— A resposta para sua pergunta anterior é sim. É típico de David ficar do lado dos mais fracos. Acho que ele cresceu se sentindo culpado pelas vantagens com que nasceu.

Ela nunca teria perguntado quais eram essas vantagens, mas ficou feliz quando o dr. Kincaid as revelou:

— O pai de David herdou milhares de acres bons e era um hábil plantador de algodão. Ganhou muito dinheiro durante a Primeira Guerra Mundial. David aprendeu o negócio, literalmente da base até o topo, e aprendeu rápido. Quando era adolescente, sabia mais sobre o cultivo e a comercialização do algodão do que a maioria dos homens que estavam no negócio durante décadas.

“Zelosamente, David foi para a universidade e aprendeu ainda mais sobre o negócio. Depois de formado, se tornou um bem-sucedido corretor por seus próprios méritos. Conseguia o melhor preço para seu algodão e fazendeiros menores confiavam nele para conseguir o melhor preço possível para suas safras também. Ele se saiu bem e até hoje possui a terra que tornou seu pai rico. Agora o mercado está em baixa e ele só cultiva uma pequena parte dela, mas não expulsou nenhum morador. A produção e renda da terra é bem menor do que era

no passado, mas quando esta depressão terminar... bem, a terra não vai a lugar nenhum e sempre haverá mercado para o algodão.”

O que ele estava lhe dizendo indiretamente era que David Rainwater era muito rico.

— Ele poderia viver em qualquer lugar. Por que aqui? — perguntou ela.

— Em primeiro lugar, queria que eu tratasse dele. Não me pergunte por quê. Acho que quando ele recebeu o diagnóstico e lhe disseram que estava na fase terminal, quis ficar perto da família. A sra. Kincaid e eu somos sua única família.

— Ele nunca se casou?

— Não, mas não por falta de oportunidade — respondeu o médico, sorrindo. — Todas as mulheres solteiras do norte do Texas tentaram conquistá-lo. David é um homem atraente, mas imagino que houvesse interesseiras entre suas admiradoras. Uma vez lhe perguntei por que continuava solteiro quando mulheres lindas se atiravam para ele. David me disse que estava esperando por uma mulher que o quisesse por ele mesmo, não por seu dinheiro.

Pensativamente, o dr. Kincaid puxou o lóbulo da orelha.

— Uma esposa poderia ser um grande conforto para ele agora. Eu me pergunto se David se arrepende de sua decisão de permanecer solteiro. — Então ele balançou a cabeça. — Se bem o conheço, não. Ele não é do tipo que olha para trás com arrependimento.

Ella ainda estava curiosa em saber por que o sr. Rainwater, que aparentemente podia pagar por algo melhor, optou por morar em uma casa de pensão.

— Ele poderia ter sua própria casa — pensou em voz alta. — Uma maior do que a minha.

— Ele tinha. Deixou-a e veio para cá. Suponho que não quis passar por isto sozinho. Acho que prefere a atmosfera familiar à solidão. — O dr. Kincaid a olhou por um longo momento e depois pôs o chapéu. — Eu realmente preciso me despedir. Informe-me sobre o que achou da pesquisa. Não é preciso dizer para me telefonar se David piorar.

— É claro. Boa-noite. Mais uma vez, obrigada.

Após se despedir dele, Ella voltou para a sala de estar, se sentou perto da luminária mais clara e começou a ler o relatório médico. Estava lendo-o pela segunda vez quando o sr. Rainwater voltou.

Ela chegou à porta antes de ele alcançá-la. Quando o viu, seu coração foi parar na garganta e ela sufocou um grito.

— Está tudo bem — disse ele rapidamente. — O sangue não é meu.

— Deus do céu!

— Eu lhe disse que era um trabalho repugnante. Não posso entrar em sua casa assim. Importa-se se eu der a volta e usar a torneira da lavanderia para me lavar?

— Eu levarei um sabonete e uma toalha para a porta dos fundos.

— Também poderia me trazer algumas roupas limpas?

— Trarei imediatamente.

O sr. Rainwater desceu os degraus da frente e desapareceu ao redor da casa. Ella subiu as escadas correndo para o quarto dele. Encontrou camisas e calças penduradas ordenadamente no armário, e hesitou por apenas um segundo antes de abrir a gaveta da cômoda e pegar roupa de baixo e um par de meias.

Já havia tocado na roupa de baixo do sr. Rainwater, quando ela e Margaret lavavam roupa. Mas elas sempre deixavam as roupas de seus hóspedes dobradas sobre a cama. Era diferente e constrangedor tirar esses itens pessoais da cômoda dele.

Ela pegou no banheiro uma toalha de rosto, uma de banho e um sabonete. Depois desceu apressadamente as escadas, passou pela cozinha e chegou à porta dos fundos, onde o sr. Rainwater a esperava. Ella abriu a porta de tela e o sr.-Rainwater estendeu o braço para pegar os itens, mas ela o deteve:

— Se tocar nas roupas, ficarão sujas de sangue. Eu as levarei para o senhor.

— Obrigado.

Ella atravessou o quintal dos fundos até o galpão e pôs as roupas e os itens que trouxera do banheiro sobre a mesa de trabalho onde guardava o detergente e o alvejante.

— Não há luz aqui.

— Eu dou um jeito.

— Está com fome?

— Não de carne vermelha.

O senso de humor dele a fez sorrir.

— Preparei salada de frango para o almoço de amanhã.

— Já estou lhe dando trabalho.

— Farei um sanduíche. — Ela o deixou. Antes de entrar na casa, ouviu o rangido da torneira sendo aberta e o jato de água.

Ella fez o sanduíche e o pôs em um prato junto com tomates cortados e uma fatia de melão. Também cortou um pedaço de bolo inglês e o colocou em um prato separado. Sem saber o que o sr. Rainwater desejaria beber, pôs um copo vazio sobre a mesa posta e deixou um bule de café sobre o fogão, pronto para

esquentar se ele o pedisse.

Então se sentou de costas para a porta e esperou.

Quando o ouviu abrir a porta de tela, virou-se. Ele estava em pé sobre uma perna, puxando sua meia.

— Meus sapatos estão imundos. Terei de limpá-los pela manhã, quando enxergarei melhor. — Trocou a perna e puxou a outra meia. Depois entrou na cozinha.

Ele cheirava a sabonete. Seus cabelos estavam molhados, penteados com os dedos para trás do rosto.

— Deixei minhas roupas de molho na tina. Espero que não haja problema.

— Margaret cuidará delas de manhã.

— Não posso lhe pedir para fazer isso.

Ella apontou para a mesa, onde seu jantar o esperava.

— Ela o fará com prazer. Desde que soube que o senhor enfrentou Conrad, tornou-se seu herói.

O sr. Rainwater olhou para a comida.

— Não achei que estivesse com fome, mas isto parece ótimo. Obrigado.

— Posso pegar uma bandeja, se preferir comer em seu quarto.

— Aqui está bom. — Ele puxou a cadeira de debaixo da mesa e se sentou.

— O que gostaria de beber?

— Leite, por favor.

Ella encheu o copo ao lado do prato, mas, após pôr a garrafa de leite de volta na geladeira, ficou sem saber o que fazer: deixá-lo comer sozinho ou se sentar à mesa com ele?

O sr. Rainwater olhou para cima, com a boca cheia, e engoliu.

— Qual é o problema?

— Quer companhia?

Ele empurrou sua cadeira para trás e se levantou.

— Sra. Barron. — Apontou para a cadeira do outro lado da mesa. — Por favor.

Ella franziu as sobrancelhas diante daquela formalidade, mas se sentou.

— Achei que o senhor poderia estar cansado de falar sobre isso.

— Estou cansado, mas de um modo bom.

— Então correu tudo bem? Não houve mais nenhum problema?

— Não. Nenhum sinal de Conrad Ellis ou seu bando. Conseguimos retalhar vários animais antes de os tratores chegarem para enterrá-los. Passamos o resto

do tempo distribuindo a carne para poder ser cozinhada antes de estragar. Sabe o dono da fábrica de gelo?

— O sr. Miller.

— Ele foi generoso o bastante para doar vários blocos de gelo para conservar um pouco da carne até poder ser distribuída.

— O dr. Kincaid disse que esses momentos trazem à tona o que há de melhor nas pessoas.

— Quando o viu?

Ella lhe falou sobre a visita do médico e o artigo sobre o estudo que deixara com ela. Os olhos do sr. Rainwater brilharam de interesse.

— Quando terminar, eu gostaria de lê-lo, se me permitir.

— Eu gostaria da sua opinião.

O sr. Rainwater terminou sua refeição e se levantou.

— Voltarei logo.

Ele saiu da cozinha antes de ela poder perguntar aonde ia. Ella lavou os pratos e os virou sobre o balcão para secarem. Ia apagar as luzes quando ele reapareceu trazendo um livro.

Sorriu ao entregá-lo para ela.

— Parece que todos estão lhe trazendo material de leitura hoje.

Ella pegou o livro e leu o título. *Adeus às armas*.

— Terminou de lê-lo?

— Esta manhã. Foi por isso que não vim para o café. Não queria parar antes de terminar. Ia lhe dar imediatamente, mas o dia passou sem que eu tivesse uma chance disso.

Ela passou os dedos pelas letras em relevo.

— Eu o lerei o mais rápido que puder e lhe devolverei. Cuidarei muito bem dele.

— É um presente, Ella.

Ela ergueu rapidamente os olhos.

— Não posso aceitar.

— Por favor, aceite. Quero que fique com ele.

Ella sustentou o olhar dele o máximo que pôde suportar sua intensidade. Depois abaixou a cabeça e olhou para a capa do livro.

— O final é triste?

— Muito.

Ela sentiu o calor do olhar dele no alto da sua cabeça. Sentiu a pressão das

paredes que pareciam estar se fechando e o peso do ar contra sua pele onde estava exposta. Sua garganta se tornou dolorosamente apertada.

Em voz baixa, ele disse:

— Mesmo sabendo que o final era triste, eu não me privaria da beleza da história. E a senhora?

Ella ergueu os olhos, mas olhar no rosto dele fez seu coração se expandir, por isso voltou a olhar para o livro. Não conseguiu responder. Não *sabia* sua resposta. Procurou-a nas palavras na capa do livro, mas começaram a ficar turvas.

Ela as estava olhando através de lágrimas.

No dia seguinte, ela o evitou.

Ele desceu para o café da manhã e conversou alegremente com as irmãs Dunne, que o importunaram com perguntas sobre sua rara saída à noite. Queriam saber como e com quem ele a havia passado. Entrando e saindo da sala de jantar, Ella não conseguia ouvir suas respostas, mas ele mudou o tema da conversa para o programa de rádio favorito das irmãs.

A cada vez que ele tentava estabelecer contato visual com Ella, ela evitava olhá-lo. Por duas noites seguidas o sr. Rainwater havia sido a última pessoa para quem ela dissera boa-noite, e isso era perturbador. Embora suas conversas tivessem tocado em assuntos pessoais, nada de impróprio acontecera entre eles.

Mas Ella não seria honesta consigo mesma se não admitisse que o relacionamento deles se transformara em algo mais do que o de dona de casa de pensão e hóspede. Houvera um ar de intimidade naqueles momentos. Ela não teria ficado nem um pouco preocupada se tivesse tido uma conversa pessoal com o sr. Hastings. Na verdade, houvera vezes em que ele voltou de uma viagem tarde demais para jantar na sala, e por isso ela lhe servira uma sopa fria na cozinha. E não se sentira nem um pouco inibida na noite anterior, sentada sozinha com o dr. Kincaid na sala.

Mas ficar a sós com o sr. Rainwater era diferente.

Com o sr. Rainwater, sentia-se indecisa e perturbada. Ele nunca havia dito ou feito nada para ela se sentir assim. Nunca a tocara. Bem, só tocara na sua mão, e apenas uma vez. Não havia tons lascivos em sua conversa, nem mesmo em seu comentário sobre ela ser uma mulher bonita. Ella não tinha o que reclamar do comportamento daquele seu hóspede.

Era a mera presença dele que causava uma inexplicável tensão em seu peito. Na noite passada, estar perto o suficiente para sentir-lhe a respiração em seu rosto e ouvir a amarga tristeza na voz dele lhe provocara lágrimas. Quando escorreram para seu rosto, ela havia lhe dito boa-noite e fugido, como fizera na noite anterior. Ele vira suas lágrimas e talvez tivesse se perguntado o que as causara. *Ela* tinha.

Algo na insistência do sr. Rainwater em que aceitasse o romance sentimental como um presente causara um derramamento de emoções, quando normalmente

ela as continha firmemente. Anos de prática a tornaram capaz de manter sob controle medo, raiva, dor de cabeça e até mesmo alegria. Certamente era perita em conter lágrimas. Mas no silêncio da cozinha, interrompido apenas pelo tique-taque do relógio e as batidas de seu próprio coração, perdera seu rígido controle.

Essa falta de controle a assustava. Não queria sentir nenhuma emoção com tanta intensidade, acreditando que se deixasse que fosse aberta uma brecha no muro de proteção que construía ao redor do próprio coração não conseguiria evitar seu total colapso. E então em que situação ela ficaria?

Exatamente na que estava agora. Nada mudaria. Ainda viveria como uma viúva, sem o benefício desse status oficial. Seu filho ainda ficaria trancado em uma esfera em que ela não podia penetrar. Os dias se seguiriam exatamente iguais, com todas as suas tarefas intermináveis e ingratas, sem nenhum alívio, descanso ou ao menos um sentimento de realização após cumpri-las.

Mas se abrisse espaço para a autopiedade, seria diminuída e enfraquecida por ela, e ficaria ainda mais suscetível a desapontamento e desespero.

Era isso que tentara explicar ao sr. Rainwater quando o impediu de arrancar as ervas daninhas da horta. Mantinha sua vida em um equilíbrio cuidadoso, porém precário, e não podia deixar que nada nem ninguém o perturbasse.

Mas o que mais temia, e a fizera se revirar na cama sem dormir na noite passada, era que a balança já tivesse se inclinado e fosse tarde demais para equilibrá-la.

Hoje seu medo se manifestava em um humor atravessado sobre o qual Margaret comentou enquanto punha as vagens para cozinhar. Depois de Ella tê-la repreendido pela segunda vez por ter exagerado na gordura do bacon, ela murmurou:

— Alguém acordou de mau humor esta manhã.

Ignorando-a, Ella prosseguiu com suas tarefas rotineiras e até mesmo inventou outras, para evitar mais facilmente o sr. Rainwater. O que conseguiu até o final do jantar, quando ele saiu para a varanda, onde ela estava sentada em uma cadeira de balanço observando Solly alinhar as peças de dominó na balaustrada.

O sr. Rainwater deixou a porta de tela se fechar suavemente ao se juntar a eles.

— Ele está fazendo isso de novo?

— Por iniciativa própria. Eu trouxe o dominó. Ele pegou a caixa de mim e começou a trabalhar. — Nem mesmo sua determinação de manter distância do sr. Rainwater foi capaz de conter seu orgulho dessa pequena conquista ou seu otimismo em relação ao futuro de Solly.

— Obrigado por deixar o relatório médico no meu quarto. Eu o li esta tarde.

Entendo por que está tão animada com esse estudo.

— Gostaria que houvesse um modo de esse especialista ver Solly. É claro que não há, mas estou pensando em pedir ao dr. Kincaid para lhe escrever, descrevendo as características e o comportamento de Solly. Desde que seu ensaio foi publicado, tenho certeza de que ele tem ouvido muitas perguntas de pais tão desesperados quanto eu. Mas talvez esteja mais inclinado a responder a outro médico do que a uma mãe ansiosa.

— Estou certo de que Murdy faria isso pela senhora.

Eles observaram em silêncio Solly alinhar todas as peças de dominó. Então o sr. Rainwater disse:

— Bom trabalho, Solly.

Ella acrescentou:

— Sim, Solly. Bom trabalho.

— Nós não pudemos comemorar ontem. — O sr. Rainwater pegou seu relógio de bolso e viu a hora. — A drogaria fica aberta até as 21:30. Vamos à cidade tomar um sorvete de casquinha.

— Está muito tarde.

— É uma comemoração.

— Na última vez em que tentei dar um sorvete de casquinha a Solly, ele ficou perturbado quando começou a derreter em sua mão.

— Então tomará o dele em uma taça.

— Obrigada, sr. Rainwater, mas está na hora dele dormir.

— Srta. Ella?

— Estou aqui fora, Margaret.

Margaret veio para a varanda, usando seu chapéu e com sua bolsa pendurada no braço.

— Estou indo embora, a não ser que precise que eu faça mais alguma coisa.

— Não, obrigada. Eu a verei de manhã.

O sr. Rainwater disse:

— Estou tentando convencer a sra. Barron a me deixar levá-la com Solly à drogaria para tomarmos um sorvete. Talvez ela concorde se vier conosco. Eu a levarei em casa de carro depois.

— Não posso me sentar no balcão onde servem bebida gasosa, sr. Rainwater. Sabe disso.

— Não quero me sentar lá — disse ele. — Estava pensando em dar uma volta na praça enquanto tomava meu sorvete.

— Está muito tarde para ir ao centro da cidade — disse Ella, mas nenhum

deles lhe prestou atenção.

Margaret estava sorrindo para o sr. Rainwater.

— Meu favorito é o simples de baunilha.

— O meu é o de morango. E o seu, sra. Barron?

— Chocolate. Mas está muito tarde...

— Vamos, srta. Ella — insistiu Margaret. — Só escureceu há vinte minutos e está agradável lá fora. Como pode não deixar o sr. Rainwater comprar um sorvete para Solly?

Ele havia sido mais esperto do que ela. Não havia como recusar o convite sem negar um prazer a Margaret, porque ele não poderia ser visto andando na praça sozinho com uma negra sem atrair críticas tanto de brancos quanto de negros.

Vencida e, na verdade, não de todo infeliz com isso, Ella disse:

— Vou pegar meu chapéu.

Ella resolvera não voltar a ser vista no carro do sr. Rainwater. Se as pessoas os vissem juntos com frequência, começariam a falar. Mas nessa noite não havia muitas pessoas nas ruas da cidade. A praça estava deserta quando ele estacionou na frente da drogaria.

A única pessoa com quem ela precisava se preocupar era com a filha sem graça e solteira do sr. Gerald, que estava atendendo no balcão. Ela era terrivelmente dentuça e compensava isso com um humor azedo, sendo desagradável com as pessoas antes de elas terem a chance de ser desagradáveis com ela, supunha Ella.

Doralee os olhou curiosamente através da vitrine da loja quando eles saíram do carro do sr. Rainwater e se aproximaram da porta. Ella disse:

— Solly e eu esperamos aqui com Margaret.

— De que sabor Solly vai querer?

Lembrando-se dos gritos que ele dera quando o sorvete derretido pingara em suas mãos, ela respondeu:

— Baunilha. — Qualquer sujeira de baunilha seria mais fácil de limpar.

— Chocolate para a senhora?

— Por favor.

— Parece que o irmão Calvin está trabalhando até tarde — observou Margaret, sentada ao lado de Ella no banco do lado de fora da loja.

Ella seguiu seu olhar na direção da Igreja Episcopal Metodista Africana. A igreja ficava a dois quarteirões da praça da cidade, na rua Elm, a linha divisória

racial da cidade. Como as luzes estavam acesas lá dentro, a igreja era visível através das árvores até mesmo àquela distância.

— Acho que ele está consertando aquela janela quebrada — observou Margaret. — Nós recebemos uma doação para isso no domingo.

O sr. Rainwater parou a caminho da drogaria.

— Vá convidá-lo a se juntar a nós.

Margaret sorriu para ele.

— É muita gentileza da sua parte, sr. Rainwater.

Margaret saiu do banco e foi para a rua. Atravessou-a e seguiu pela calçada até a esquina, onde sumiu de vista.

Ella ouviu o sr. Rainwater pedindo seus sorvetes e acrescentando um para o pastor.

— E ponha um daqueles de baunilha em uma taça, por favor. Vamos dar uma volta ao redor da praça, mas prometo que devolverei sua taça.

— Confio no senhor, sr. Rainwater.

Distraidamente, Ella se perguntou como ele havia conseguido desarmar até mesmo a irritadiça Doralee Gerald, que dissera seu nome em um tom afetado parecido com o da srta. Pearl, a quem Ella pedira para trancar a porta de tela quando eles saíram de casa.

A srta. Pearl pareceu perturbada por estarem deixando-a sozinha com sua irmã em casa, e perguntara quanto tempo planejavam ficar fora. Ella lhe dissera que não muito, sentindo-se mal por ter de dar satisfações do seu tempo para alguém que lhe pagava aluguel.

Ao seu lado no banco, Solly olhava direto para frente, balançando e batendo as pontas de seus sapatos uma na outra, sem notar o mosquito que pousou em seu joelho. Ella o afastou. Solly continuou a balançar para frente e para trás.

Um cão magro e com aparência faminta trotou pelo centro da praça e Ella, sem reconhecê-lo, se retesou, mas o cão passou sem olhar para eles.

No quarteirão seguinte, ela notou uma luz saindo de um prédio de escritórios. Minutos depois, o único advogado da cidade e sua secretária saíram. Ele trancou a porta e os dois entraram em seu carro e se afastaram. Sua esposa era inválida havia dez anos. Corriam boatos sobre a natureza de seu relacionamento com a jovem e bela secretária.

— Aqui estamos. — O sr. Rainwater passou pela porta, carregando uma taça transparente de sorvete para Solly e um sorvete de casquinha sabor chocolate para ela. — A srta. Doralee está servindo...

Ele foi interrompido por um grito tão agudo que até mesmo Solly reagiu. Ele

parou de balançar e bater com as pontas de seus sapatos.

Ella se levantou de um pulo.

O sr. Rainwater abandonou a taça e o sorvete de casquinha na calçada e atravessou a rua correndo na direção da igreja, de onde o grito parecia ter vindo. Ele não foi para a esquina, mas se precipitou para o beco entre a mercearia e a agência de correio. Outro grito cortou o ar da noite.

Ella agarrou a mão de Solly e seguiu o sr. Rainwater. Quando eles chegaram ao outro lado da rua, ela praticamente arrastou seu filho enquanto corria para as sombras do beco em que o sr. Rainwater desaparecera. O beco dava para uma viela um pouco mais larga no quarteirão atrás dos prédios comerciais.

A viela estava cheia de valas profundas e detritos, uma atração para ratos, gatos e outros necrófagos noturnos. Dois homens corriam pelo seu meio, de costas para ela. Um deles bateu em uma lata de lixo, mas não parou.

Na cerca que margeava a viela, Ella notou que várias tábuas estavam faltando, criando uma abertura. Agarrando a mão de Solly, se espremeu por entre ela, desejando saber se o sr. Rainwater criara aquela abertura ao passar por ali, apenas alguns instantes antes.

Do outro lado da cerca estava o quintal dos fundos de uma casa abandonada que parecia ainda mais negligenciada na escuridão. Sem diminuir sua velocidade, Ella abriu caminho por entre as ervas daninhas e atravessou o chão irregular com o coração na garganta e os pulmões já ardendo com o esforço.

Um carro estava vindo pela rua Oak. Ella e Solly passaram pelos facho de luz de seus faróis quando a atravessaram. Ela ouviu o rangido dos freios, mas não parou para pedir desculpas ao motorista surpreso.

Estava mais perto do sr. Rainwater. Ele ainda corria, mas parecia sentir uma dor do lado, onde pôs uma das mãos quando atravessou a rua Elm e entrou no pátio traseiro da igreja. Ella estava apenas alguns passos atrás quando ele subiu a escada para a porta. Lá dentro, os gritos tinham se reduzido a lamentos.

Antes de entrar, ele se virou para Ella.

— Não olhe.

Seu aviso chegou tarde demais. Pela porta aberta, ela viu o irmão Calvin pendurado pelo pescoço em uma viga do teto.

Margaret estava inconsolável.

O sr. Rainwater a ergueu de sua posição agachada e a guiou pela porta para a escada. Ella se sentou ao seu lado no degrau de cima e a abraçou, murmurando palavras de conforto que sabia que eram banais e inúteis.

Eles tinham sido os primeiros a chegar à igreja, mas outros, alertados pelos gritos de Margaret, convergiram para lá de todas as direções da comunidade negra. O sr. Rainwater fechara a porta da igreja, mas o corpo pendurado podia ser facilmente visto pelas janelas. Gritos de horror e indignação pontuavam o som confuso das vozes abafadas. Pessoas choravam. Crianças, que normalmente estariam correndo e caçando vaga-lumes, estavam com os olhos arregalados e quietas, olhando para a igreja iluminada. O cão que Ella havia visto mais cedo latia ferozmente.

Um carro parou na calçada e o advogado que ela vira saindo de seu escritório minutos antes saltou. Ele hesitou, obviamente preocupado, mas não a ponto de querer se envolver. Então viu Ella.

Relutantemente, abriu caminho através da multidão. Ao se aproximar da escada da igreja, tirou o chapéu.

— Sra. Barron? A srta. Lillian e eu ouvimos gritos. Quase atopelei a senhora e seu filho.

— O pastor foi linchado, sr. Whitehead.

— Oh. — Ele deixou a palavra escapar em um suspiro de profundo pesar e comiseração, fazendo Ella se arrepender de todas as vezes em que ao menos pensara nas fofocas sobre ele e sua secretária.

— Poderia avisar ao xerife, por favor? — pediu o sr. Rainwater.

O advogado olhou além de Ella para ele, e devia ter percebido sua característica de calmo comando.

— Imediatamente, senhor. — Ele recolocou o chapéu e correu para seu carro, onde sua secretária o esperava ansiosamente.

O sr. Rainwater se ajoelhou ao lado de Ella, o rosto molhado de suor e pálido. Ela se lembrou de ele pondo a mão no lado do corpo e correndo em um ritmo irregular.

— Está sentindo dor?

Ele balançou a cabeça.

— Só estou sem fôlego. Aqui está a chave do meu carro. — Ele abriu a mão de Ella e a pôs nela. — Esperarei pelo xerife. Leve Margaret em casa. Pode voltar aqui e me buscar.

— O xerife não precisará que ela lhe diga o que viu? Para sua investigação.

Os lábios dele formaram uma linha fina.

— Não haverá uma investigação.

Ella chegou à casa de Margaret e se surpreendeu ao encontrar um grupo de

amigos e parentes. Embora não devesse ter se surpreendido. A notícia de algo tão trágico se espalhava rapidamente.

Havia homens no quintal, fumando e conversando. Crianças pequenas demais para entender o que acontecera dormiam em colchões de palha espalhados na varanda. Uma mulher idosa com um cachimbo de milho no canto da boca desdentada abanava as crianças adormecidas com um jornal.

Outras mulheres esperavam a volta de Margaret dentro da casa. Ella deixou Solly no banco dianteiro do carro, onde ele pareceu contente, e ajudou Margaret a sair. Os homens tiraram seus chapéus e se afastaram respeitosamente para o lado enquanto Ella conduzia Margaret para a escada da varanda. O filho de Margaret, Jimmy, que era tudo na vida dela, a esperava do lado de dentro da porta. Assim que a deixaram passar, Margaret soltou um gemido de dor e desabou nos braços dele. Então eles foram cercados pelas mulheres que tinham vindo prestar ajuda e compartilhar sua tristeza.

Sabendo que cuidariam de Margaret, Ella se virou para ir embora. Ao sair para a varanda, Jimmy a seguiu.

— Obrigado, srta. Barron — disse ele.

— Isso foi terrível para ela, Jimmy. Margaret gostava muito do irmão Calvin. Todos nós gostávamos.

— Sim, senhora. — Ele olhou por um momento através do quintal e depois de novo para ela. — Todos nós sabemos quem fez isso.

O jovem pareceu mais zangado do que triste, e sua raiva fez Ella temer por ele. Olhou-o suplicantemente.

— Não arranje problemas para si mesmo, Jimmy. Sua mãe nunca se recuperaria se algo lhe acontecesse.

— Tomarei cuidado.

Isso não era exatamente uma promessa de não buscar vingança, mas ela sabia que não lhe cabia adverti-lo.

— Diga a Margaret para só voltar para o trabalho quando se sentir disposta.

— Eu direi.

— E me avise sobre quando será o funeral.

— Mais uma vez, obrigado por trazê-la para casa. — Então ele a olhou intrigado. — Como vocês vieram parar na cidade esta noite?

Ella lhe contou que o sr. Rainwater as havia levado para tomar sorvete e dissera a Margaret para ir convidar o irmão Calvin a se juntar a eles. Jimmy abaixou a cabeça por um instante e, quando a levantou, Ella viu lágrimas em seus olhos. Ele lhe agradeceu novamente. Depois se virou e voltou para dentro

da casa.

* * *

— Jimmy pareceu muito comovido com sua gentileza para com a mãe dele — disse Ella ao sr. Rainwater, concluindo seu relato do que acontecera quando levou Margaret para casa. — Fiquei surpresa ao ver quantas pessoas já sabiam do linchamento e tinham se reunido na casa dela.

Apenas umas poucas pessoas ainda estavam na igreja quando Ella voltou para buscá-lo. O carro do xerife estava estacionado na frente. Ele estava falando com o juiz de paz, que fora chamado para declarar a morte do irmão Calvin. Alguns curiosos permaneciam no local.

O sr. Rainwater estava afastado de todos, perto da rua. Entrou no carro assim que Ella o parou, deixando-a dirigir. Agora olhava para Solly, sentado docilmente entre eles.

— Ele parece estar quase dormindo.

— Ele correu comigo por todo o caminho da drogaria para a igreja. Durante esse tempo todo, foi um bom companheiro. Eu não poderia ter lhe pedido para se comportar melhor.

— Talvez tivesse sentido que precisava dele.

— Talvez.

Solly estava dormindo quando eles chegaram em casa. Ella apreciou a suave pressão da cabeça do filho em seu braço e quase detestou ter de sair.

— Eu o carregarei — disse o sr. Rainwater.

Ele pegou gentilmente Solly em seus braços, tomando cuidado para não acordá-lo.

As irmãs Dunne tinham ido apressadamente para a porta da frente a fim de recebê-los. Estavam de camisola e chinelos e com redes nos cabelos. Nervosas, falavam uma por cima da outra.

— Estávamos apavoradas! — exclamou a srta. Pearl.

— O que está acontecendo na cidade? Ouvimos sirenes.

— sr. Rainwater, o senhor parece indisposto.

Ella olhou para ele. Como a srta. Violet observara, realmente parecia indisposto.

— Qual é o problema com o garoto?

— Nenhum, srta. Pearl. Ele só está dormindo. E eu estou bem, só um pouco sem fôlego. — O sr. Rainwater passou por elas carregando Solly para o quarto

de Ella.

Ela o seguiu, dizendo por cima de seu ombro:

— Podem ir para a cama. Houve um... problema do outro lado da cidade esta noite. O xerife Anderson foi chamado. Tudo está bem agora. — Logo elas saberiam do linchamento e do envolvimento involuntário de Margaret, mas Ella não queria falar sobre isso essa noite. — Lamento terem ficado acordadas até mais tarde para abrir a porta para nós.

— De qualquer maneira, não poderíamos ter dormido com Deus sabe o que acontecendo na cidade dos negros.

Ella conteve uma resposta irritada. Elas eram velhas. Sua atitude era errada e ignorante, mas irremediavelmente arraigada.

— Boa-noite. Eu as verei no café da manhã. — Ela as deixou ao pé da escada e continuou na direção de seu quarto.

O sr. Rainwater estava em pé no centro dele, segurando Solly nos braços.

— Por aqui. — Ella apontou para o pequeno quarto em que Solly dormia. O sr. Rainwater passou pela porta estreita e pôs Solly cuidadosamente na cama. Ela tirou os sapatos do filho, mas decidiu dispensar o pijama nessa noite e deixá-lo dormir com suas roupas.

— Obrigada, sr. Rainwater.

— Pode se encontrar comigo na varanda?

— Acho que não. Está tarde.

— Por favor. Há algo que preciso lhe contar.

— Conrad Ellis foi nomeado assistente.

O sr. Rainwater disse isso no momento em que Ella se juntou a ele na varanda, antes mesmo de ela se sentar.

— *O quê?*

— A senhora me ouviu direito. O xerife o tornou seu assistente. Estou certo de que a pedido dele.

Chocada com a notícia, ela foi para a balaustrada onde as peças de dominó de Solly tinham sido deixadas em sua fileira precisa.

— Como sabe disso?

— Ele chegou com o xerife, usando um distintivo e portando uma arma. Fez questão de que eu o visse. Teve a honra de tirar o irmão Calvin de lá.

— Da viga em que o havia pendurado.

— É quase certo que sim.

Ela se virou e eles olharam um para o outro através da distância que os separava. Mas a enorme injustiça da situação havia deixado Ella sem fala. Aparentemente o sr. Rainwater também não tinha nada a dizer. Parecia desanimado e cansado. Seu rosto estava abatido. Ela notou que, ao se levantar, estava com a mão do lado do corpo. Ele caminhou até a porta de tela, abriu-a e olhou para ela.

— Não preciso lhe dizer o que isso significa.

— Conrad foi investido de autoridade para ser rude com quem quisesse escapar impune.

— A senhora deve tomar cuidado.

— E o senhor também.

O sr. Rainwater assentiu com a cabeça e depois entrou.

Ella tirou um a um os dominós da balaustrada e os arrumou na caixa. Solly apreciaria sua organização. Ela sorriu ao pensar nisso.

Mas, apesar de seu sorriso, deixou escapar um soluço inesperado. Ela tampou a caixa de dominó e a segurou junto ao peito como se fosse uma tábua de salvação em um mar de tristeza.

Lágrimas se formaram em seus olhos, depois escorreram. Ela cobriu a boca

com uma das mãos em uma inútil tentativa de reprimir os soluços. Chorou por Margaret, que tivera o azar de fazer aquela horrível descoberta. Chorou pelo irmão Calvin, que havia sido gentil, generoso, idealista e corajoso. Embora o admirasse por ter enfrentado Conrad e o avisado da danação, sabia que ele morreria devido à sua franqueza. E quanto à sua jovem esposa? Ela sabia que o preconceito a tornara viúva?

Chorou por Jimmy, que, devido a esse incidente, se tornaria amargo e cheio de ódio e sede de vingança. Por Ollie e Lola. Pelos Hatcher e pelos Pritchett. Por todos aqueles que tiveram de destruir seus rebanhos para manter as fazendas e os ranchos que eram sustentados por esses animais. Pela ironia cruel e bizarra de tudo isso.

Chorou pela pobre Doralee Gerald, que provavelmente envelheceria sem que sua situação infeliz mudasse e sempre seria objeto de pena ou chacota. Até mesmo derramou lágrimas compassivas pelo advogado, o sr. Whitehead, que mal conhecia, mas parecia ser um homem decente preso a um dilema moral e circunstâncias tristes e irremediáveis.

Finalmente ela parou de chorar e controlou os soluços. Naquela manhã, havia se orgulhado de ser capaz de conter suas lágrimas. Mas ultimamente estava perdendo essa capacidade. As crises de choro estavam se tornando mais frequentes e violentas. Ela havia chorado no quarto de Solly na noite em que seu ataque interrompera o jogo de xadrez dos homens. Também havia chorado na noite anterior quando o sr. Rainwater lhe deu o livro. O choro desta noite fora a explosão emocional mais forte até então. Precisava reverter essa tendência. A partir de agora.

Ella entrou e passou o trinco na porta de tela. Depois percorreu a casa verificando as outras portas e apagando as luzes. Em seu quarto, tirou as roupas e ficou só de combinação. Depois vestiu seu roupão de verão. Envergonhada dos olhos vermelhos e inchados, lavou-os com água fria até parecerem mais normais. Depois escovou os dentes e tirou os grampos dos cabelos, desfazendo o pesado coque.

Estava voltando para a cama quando ouviu a batida na porta, tão leve que a princípio pensou que a tivesse imaginado. Mas a batida se repetiu, igualmente leve, mas óbvia.

Certificando-se de que seu roupão estava bem amarrado, ela foi abrir a porta.

— sr. Rainwater. — Imediatamente preocupada, abriu mais a porta e o olhou de alto a baixo, perguntando-se se a dor em seu lado fora mais do que uma pontada e se ele estava apenas sem fôlego.

— Está se sentindo mal?

— Eu a ouvi chorando.

— Ah.

— Meu quarto é bem em cima da varanda.

— Ah. Sim.

— Minhas janelas estavam abertas.

— Não pensei nisso. Peço desculpas se o perturbei.

— Não perturbou. Não do modo que imagina. — Ele fez uma breve pausa e então lhe perguntou por que estava chorando.

— Por uma bobagem.

Ele não disse nada, só ficou em pé ali olhando para seu rosto, esperando pacientemente, ou teimosamente, que ela explicasse.

Ella fez um gesto de desamparo.

— Por vários motivos.

— Como o quê?

— É só que parece haver...

— O quê?

— Tanta crueldade, dor e sofrimento na vida. E eu estava me perguntando por que é assim. — É claro que a maior injustiça era a situação do sr. Rainwater. Lembrar-se disso fez seus olhos se encherem novamente de lágrimas, que enxugou impacientemente com as costas da mão. — Obrigada por sua preocupação, mas eu estou bem.

— Está mesmo?

Ella olhou nos olhos do sr. Rainwater, mas o sinal afirmativo que fez com a cabeça não devia ter sido convincente, porque ele não se mexeu. Nem ela. Continuaram a olhar um para o outro, até Ella começar a sentir o mesmo aperto no peito que havia sentido na noite anterior, quando segurara nas mãos o livro que ele lhe dera de presente. O sangue pulsava febrilmente em suas veias e seus olhos ardiam em lágrimas, e ela teve de morder o lábio inferior para impedir que tremesse.

O sr. Rainwater deu um passo para frente. Ela viu seu nome, *Ella*, se formar nos lábios dele, mas não conseguiu ouvi-lo com seu pulso batendo em seus ouvidos.

Lentamente, ele ergueu as mãos e as colocou uma de cada lado do seu rosto, curvando-as para se ajustarem às suas bochechas. Depois abaixou a cabeça. Sentindo a respiração quente no rosto, ela deu um fraco gemido. Com os lábios, ele tocou o canto da sua boca.

Ella prendeu a respiração.

Então ele beijou o outro canto da sua boca. Ela fechou os olhos, segurando as lágrimas que pareciam muito molhadas e quentes em seu rosto.

— Não chore — sussurrou o sr. Rainwater.

O roçar dos lábios dele nos dela despertou um desejo profundo que não se manifestou gradualmente ou despertou sonolentemente de seu longo sono. Explodiu. De tal forma que, quando ele beijou toda a sua boca, ela começou a produzir sons tão ávidos que ele a conduziu para dentro do quarto e fechou suavemente a porta com o pé.

Apoiado na porta, o sr. Rainwater a puxou para si e, pelo que pareceu uma eternidade, ficaram agarrados um ao outro. Ela se deliciou com o seu abraço e sua respiração ofegante em sua nuca, sentindo-lhe os ossos duros e a solidez do corpo em excitante contraste com a suavidade do seu.

Ella pôs o rosto no V do colarinho aberto e tocou com os lábios a garganta dele. A pele era quente. Inalou profundamente o cheiro dele, tão familiar agora, mas tão proibido até esse momento, quando não se negou a se entregar a ele, experimentá-lo, absorvê-lo e guardá-lo na memória para sempre.

O sr. Rainwater a afastou e passou as mãos pelos cabelos dela, vendo os fios indisciplinados celebrarem sua liberdade se enrolando nos dedos dele. Pareceu fascinado com a abundância, a textura e o comprimento de seus cabelos, e Ella teve a sensação de que ele poderia brincar com eles durante horas.

Então os olhos do sr. Rainwater se fixaram nos dela. Os seus surpreendentes olhos azuis. Azuis e puros, os olhos mais bonitos que ela já vira ou voltaria a ver em sua vida. Isso podia jurar.

— Eu te amo, Ella.

Ela fechou os olhos por alguns segundos e, quando os abriu, sussurrou tremulamente:

— Eu sei.

— Nunca faria nada que pudesse prejudicá-la.

— Não, não faria.

— Por isso, se quiser que eu vá embora, irei.

Ela encostou o rosto no peito dele.

— Se me deixasse agora, eu não sobreviveria ao meu arrependimento.

Ele sussurrou seu nome ao erguer-lhe o rosto e pousar os lábios nos dela.

Ella achou que poderia morrer de prazer. Mas então ele tirou as mãos do seu rosto e desamarrou a faixa do roupão. Quando as colocou dentro dele, em suas costelas, e ela sentiu a pressão de cada um daqueles dedos longos, percebeu que o beijo só era um prelúdio do prazer que ele lhe poderia dar. E quando ele moveu

as mãos para cima e para baixo sobre o tecido escorregadio da combinação, e as roçou no lado inferior de seus seios, teve certeza disso.

* * *

Ella não tinha um espelho, e de qualquer maneira o quarto estava escuro demais para poder ver seu reflexo, mas sabia que, ao olhar para o rosto dele, seus olhos deviam estar vidrados de espanto.

— Eu não tinha a menor ideia.

Ele examinou o rosto dela com igual atenção.

— De quê?

— De que eu poderia sentir, *qualquer pessoa* poderia sentir, algo tão extraordinário e sobreviver a isso. Como é possível?

— Esse foi um dos momentos mais perfeitos do Criador.

Ela sorriu, se aconchegou e pôs a cabeça no ombro dele.

— Nunca foi assim com meu marido. Era tão diferente que nem posso comparar as duas experiências. Eu não o amava. Talvez fosse por isso.

— Se não o amava, por que se casou com ele?

— Eu já havia rejeitado Conrad. Acho que tinha medo de que, se continuasse a rejeitar pretendentes, logo não teria nenhum. Não queria me tornar a mulher sozinha dona de uma casa de pensão. — Ela refletiu e acrescentou: — É claro que foi isso que aconteceu. Basicamente.

— Você tem Solly.

— Sim.

O sr. Rainwater passou uma mecha dos cabelos de Ella por entre os dedos dele.

— Seu marido também não devia amá-la, Ella. Se a amasse, não a teria deixado.

— Ele me amava, eu acho. À sua maneira. Do melhor modo que sabia amar. Mas simplesmente não foi capaz de lidar com o que estava acontecendo com Solly. Talvez se sentisse frustrado por não conseguir mudar isso. Talvez considerasse Solly um reflexo imperfeito dele. Ou olhasse para o futuro e visse o que ter um filho como Solly significaria em nossa vida, e simplesmente tivesse de fugir. Mas acho que nunca saberei ao certo o que o levou a partir.

— Você não sabe se ele está morto ou vivo?

Ela balançou a cabeça e a tirou do ombro dele. Olhou-o e sorriu languidamente.

— Parece que cometi adultério. Feliz e voluntariamente, cometi esse pecado esta noite. — Seus olhos começaram a se encher de lágrimas.

— Amar você é um castigo de Deus?

Ele tocou os lábios dela com as pontas dos dedos e depois a puxou para si, dizendo:

— Não, Ella, não. É uma bênção de Deus.

Inevitavelmente, a manhã chegou.

Quando o céu do leste começou a ficar cinzento, Ella acordou. Ficou deitada totalmente imóvel, apreciando o contato do corpo e o som suave da respiração dele e sabendo que, se vivesse até os cem anos, nunca se esqueceria da doçura dessa alvorada.

A contragosto, ela o acordou. Ele gemeu em protesto, mas sabia que tinha de sair do quarto antes de serem descobertos. Eles tiveram crises de riso quando ele procurou suas roupas no escuro, abotoou sua camisa errado e ela teve de desabotoá-la e abotoá-la para ele.

— Depressa — disse Ella, reprimindo o riso enquanto o empurrava para a porta e lhe entregava seus sapatos. — Você não vai querer que as irmãs Dunne o peguem saindo às escondidas do meu quarto.

— Como sabe que eu não saio às escondidas do quarto delas desde que me mudei para cá?

Isso a fez ter de cobrir a boca para conter suas risadas. Ele tirou a mão dela da boca e tentou beijá-la, mas ela se esquivou.

— Vá! Quero tomar um banho antes de começar o dia.

— Está se sentindo suja?

— Estou me sentindo dolorida. — Mesmo à luz pálida, Ella viu o sorriso dele. Dando um tapinha em seu braço, disse: — Não pareça tão satisfeito consigo mesmo. — Ele a beijou alegremente antes de ela poder protestar e, quando aquilo começou a evoluir para um tipo diferente de beijo, o afastou. — Se quiser biscoitos no café da manhã...

— Estou indo.

Ele foi o primeiro a descer a escada. Tinha se lavado, barbeado e trocado de roupa. Ela o devorou com os olhos e continuou a ansiar pela sua visão, detestando cada momento em que tinha de voltar para a cozinha enquanto servia o café da manhã.

Ella sentiu a falta da ajuda de Margaret, mas, apesar do motivo de sua

ausência, ficou feliz por a empregada não estar ali nessa manhã. Certamente Margaret perceberia a mudança nela, na casa e em tudo.

A atmosfera era agitada por correntes invisíveis sempre que ela e o sr. Rainwater faziam contato visual. Quando Ella estava perto dele, ansiava por tocá-lo, e era preciso muita força de vontade para não o fazer. Sabia que ele sentia o mesmo; olhava-a com visível desejo, seus olhos seguindo cada movimento seu.

As gêmeas não pareceram perceber as enormes diferenças entre ontem e hoje, o que Ella achou incrível. Parecia-lhe óbvio que nada tinha o mesmo cheiro, sabor, som ou aparência, ou *era* igual ao que fora apenas algumas horas atrás.

Ella podia jurar que sentia o sangue correndo nas veias, como se os diques que o haviam contido durante sua vida inteira tivessem sido abertos com o toque do sr. Rainwater. Todos os seus cinco sentidos estavam aguçados. Suas terminações nervosas estavam sensíveis. Seu corpo formigava e estava deliciosamente dolorido como nunca estivera antes.

Essas sensações físicas irresistíveis eram o que os pregadores chamavam de luxúria? Se fossem, agora Ella percebia por que as pessoas eram prevenidas contra elas em púlpitos de todo o mundo. Eram mais poderosas do que o melhor dos narcóticos, mais embriagadoras do que a bebida mais forte. Agora entendia como alguém podia fácil e alegremente perder o controle sobre elas até dominarem todo o seu ser.

Ella não sabia, ou sequer imaginava, que o que homens e mulheres faziam juntos podia ser tão incrivelmente doce e bom para a mente, o corpo e a alma.

Ela terminou suas tarefas o mais rápido que pôde para passar algum tempo com ele e Solly. Depois do almoço, o sr. Rainwater inventou que tinha algo para fazer e convidou Ella e Solly a acompanhá-lo. Foi o jeito que encontrou de os três saírem sozinhos, deixando as Dunne com uma explicação plausível para sua ausência.

Eles foram de carro para o campo e encontraram um lugar bonito e sombreado em um bosque de nogueiras-pecãs ao lado de um riacho. Ali, estenderam uma colcha no chão. Durante algum tempo, o sr. Rainwater entreteve Solly com jogos de cartas que inventou, e eles se maravilharam com o progresso que o garoto havia feito.

— Ele está entendendo conceitos, Ella — disse o sr. Rainwater animadamente quando Solly se saiu bem em um desafio. — Tenho certeza disso.

— Eu também.

Ela estava igualmente certa de que Solly nunca teria ido tão longe se não

fosse pelo sr. Rainwater, e isso a fez se sentir envergonhada de seu fracasso, e ao mesmo tempo grata pela interferência dele. Não sentia mais nenhum ciúme, apenas uma imensa gratidão.

Contudo, não conseguiram convencer Solly a entrar no riacho com eles. O garoto ficou visivelmente perturbado quando tentaram tirar-lhe os sapatos, por isso voltaram para a colcha e lhe deram um baralho. Ele ficou brincando com as cartas enquanto o sr. Rainwater deitava a cabeça no colo de Ella e lhe lia trechos do romance de Hemingway.

Então ele parou, jogou a cabeça para trás e, vendo as lágrimas nos olhos de Ella, disse:

— Essa nem é a parte triste.

— Não estou chorando devido à história, ou porque estou triste. — Ela olhou para Solly, que fitava os ramos da árvore, aparentemente concentrado nos padrões que as folhas formavam contra o céu. Aqueles mesmos padrões estavam refletidos nos olhos do sr. Rainwater quando Ella voltou a olhar para ele. — Não me lembro de nenhum momento em minha vida em que eu tivesse me sentido mais feliz. E devo isso a você.

Ele se aprumou e a abraçou. Eles se beijaram castamente. Mas durante o resto do tempo ficaram sentados abraçados, deleitando-se com o calor daquela tarde nublada e o amor que descobriram quando menos esperavam.

Ella teve de correr para pôr o jantar na mesa às seis e meia. Sentindo-se um pouco culpada, usou a ausência de Margaret como uma desculpa para a refeição ser sopa fria de presunto fatiado e várias saladas. As irmãs Dunne não pareceram se importar, provavelmente porque o sr. Rainwater lhes deu uma atenção extra e entabulou uma conversa com elas sobre as diferenças entre as crianças de hoje e as a quem tinham ensinado décadas antes. Havia realmente evidências da deterioração moral da juventude americana? A discussão que se seguiu as fez esquecer de que não estavam tendo uma refeição quente.

Quando Ella estava acabando de lavar a louça, Jimmy surgiu à porta dos fundos com um recado.

— O funeral do irmão Calvin será amanhã, às cinco horas.

— Por que tão tarde do dia?

— Para as pessoas poderem participar de uma refeição de confraternização depois.

Esse era um termo usado para piqueniques feitos após o serviço religioso de domingo, quando as pessoas visitavam as sepulturas de entes queridos no

cemitério adjacente. Elas levavam comida e a dividiam no pátio traseiro da igreja.

— O funeral será na igreja?

— Pareceu adequado.

Ella supôs que sim, embora não soubesse como alguém poderia entrar naquela igreja sem pensar no corpo do jovem pastor na viga. Talvez o funeral fosse uma tentativa de purificá-la, livrá-la daquele estigma.

— Como está sua mãe?

— Com o coração partido.

— Todos nós estamos.

— Sem querer ser desrespeitoso, srta. Ella. Nem todos estão.

Mais tarde, Ella contou aquela conversa para o sr. Rainwater.

— Estou preocupada com Jimmy e os outros homens jovens. Espero que não tentem se vingar.

— Também espero que não, porque isso só causaria mais problemas, provavelmente derramamento de sangue. Mas, como a justiça lhes tem sido negada, não se pode culpá-los por quererem vingança.

Mais tarde naquela noite, ficou provado que Ella tinha razão em se preocupar.

Ela e o sr. Rainwater estavam sentados longe um do outro na sala, esperando ansiosamente que as irmãs Dunne se recolhessem, quando ele largou a revista que estava lendo e foi para a janela da frente.

— Algo está queimando.

Ella pôs de lado sua costura e se juntou a ele na janela. As chamas podiam ser vistas no céu noturno.

— Perto da rodovia.

Naquele exato momento, o telefone tocou. Quando Ella se dirigiu à escada para atendê-lo, a srta. Pearl apareceu na abertura em arco da sala de estar informal.

— Sra. Barron, sentimos cheiro de fumaça.

— Algo na cidade está pegando fogo.

— Ai, meu Deus — choramingou a srta. Violet, que foi para perto da irmã segurando suas cartas nas mãos manchadas pela idade.

Ella atendeu o telefone. Era Ollie Thompson, e ela prendeu a respiração, temendo que ele pedisse ao sr. Rainwater para ir para a cena de outra crise. Mas ele só estava telefonando para passar a informação. Ela lhe agradeceu e desligou. Depois de pôr o telefone no lugar, virou-se e viu seus três hóspedes no corredor,

esperando para ouvir a notícia.

— Era Ollie. Ele sabia que provavelmente tínhamos sentido o cheiro de fumaça. Telefonou para dizer que o incêndio é na oficina de conserto de carros de Packy Simpson.

— Ah, que pena! — disse a srta. Pearl. — Ele é um negro muito simpático. Sempre nos cumprimenta com o chapéu, não é, minha irmã?

Ignorando-as, Ella olhou para o sr. Rainwater, que perguntou:

— Como o incêndio começou?

— O xerife o acusou de ter deixado um cigarro queimando no cinzeiro quando fechou a loja. O sr. Simpson cheira rapé. Não fuma. — Ela deixou isso ser assimilado e disse: — Ele teve perda total, mas está feliz pelo fogo não ter se espalhado para sua casa. Os dois prédios ficam a apenas 2 metros um do outro.

As irmãs voltaram para a sala de estar informal a fim de terminar sua partida de *gin rummy*. Ella fez um gesto para o sr. Rainwater ir para a sala da frente. Solly estava onde ela o havia deixado, sentado no tapete e empilhando carretéis.

— O sr. Simpson é um diácono da igreja do irmão Calvin — disse ela, em uma voz que as gêmeas não poderiam ouvir. — É um dos homens que carregarão o caixão amanhã.

O sr. Rainwater a olhou por vários instantes e depois perguntou:

— De onde Ollie estava telefonando?

— Da drogaria. As pessoas se reuniram lá para ver o incêndio. Ele sabia que íamos querer ser informados disso.

O sr. Rainwater se virou e foi na direção da porta da frente. Ella correu atrás dele.

— Vai para lá?

— Quero conversar com quem ainda estiver na drogaria, ver o que consigo descobrir. Não pode ter sido uma coincidência a loja de um negro pegar fogo na mesma noite em que outro foi linchado.

Ela concordava, é claro, mas seu coração se contraiu de ansiedade.

— Por favor, não vá.

— Não vou demorar. — Ele pôs seu chapéu.

— Você está protegendo seu lado.

— O quê?

— A tarde toda. Eu notei, mas não quis irritá-lo perguntando. Está doendo, não é?

— Eu estou bem.

— Deixe-me chamar o dr. Kincaid.

Ele sorriu à tentativa desesperada dela de mantê-lo ali.

— Não vou demorar.

Quando ele passou pela porta, ela agarrou seu braço.

— Prometa-me que tomará cuidado.

— Eu prometo. — Ele olhou de relance para trás dela para ver se a costa estava limpa e depois sussurrou:

— Eu a verei mais tarde.

Mais tarde — bem mais tarde —, Ella ouviu o carro dele. Àquela altura já tinha posto Solly na cama, terminado sua costura e seus preparativos para as refeições do dia seguinte e entrado em pânico, que se dissipou no instante em que abriu a porta de tela e ele entrou.

— Eu estou bem. Quando a drogaria fechou, alguns de nós permanecemos lá, tornando-nos visíveis na esperança de que não houvesse mais incidentes esta noite. Não houve.

— Graças a Deus.

— Sim, mas o consenso é o de que o incêndio foi provocado como um aviso para qualquer um da comunidade negra que pudesse estar planejando vingar a morte do irmão Calvin. Como se poderia imaginar, o sr. Simpson havia falado sem rodeios sobre o linchamento. Houve um serviço de oração hoje ao meio-dia. Ele rezou para que a ira de Deus se abatesse sobre os culpados pelo assassinato de seu pastor. Assassinato que, a propósito, o xerife Anderson registrou como suicídio.

— Isso é um absurdo.

— Todos sabem que é. É por esse motivo que a tensão é tão grande.

Ao mesmo tempo que Ella se preocupava com a situação explosiva, estava egoisticamente aliviada em ter o sr. Rainwater de volta são e salvo. Desejou abraçá-lo e lhe dizer isso, mas uma voz hesitante veio do alto da escada:

— Está tudo bem na cidade, sra. Barron?

Ela se virou e viu não uma, mas as duas Dunne, olhando para eles do corredor.

— Sim, está — respondeu ela, tentando não deixar sua voz revelar seu desapontamento. Esperara que o sr. Rainwater fosse diretamente para o quarto dela ao voltar. Agora, isso era impossível. Estavam lhe roubando seu tempo com ele, e teve vontade de gritar. Em vez disso, disse calmamente: — O sr. Rainwater acabou de voltar.

Ele se dirigiu à escada.

— Senhoras, fico feliz em lhes dizer que o incêndio foi apagado e só atingiu um prédio. Foi uma perda lamentável para o sr. Simpson, mas pelo menos não

houve vítimas.

As irmãs murmuraram sua concordância com ele.

O sr. Rainwater estava no meio da escada quando olhou para Ella.

— Peço-lhe desculpas por tê-la feito ficar acordada para abrir a porta para mim, sra. Barron.

— De qualquer modo, eu estaria acordada, sr. Rainwater. Boa-noite.

Aquela foi a hora mais longa da vida de Ella, porque cada minuto que passava era um em que não ficavam juntos. Temia que, quando ele chegasse ao seu próprio quarto, estivesse tão cansado que adormecesse. A ideia de perder uma noite ao seu lado quase a levou às lágrimas.

Ella não conhecia esse seu lado histérico. Vinte e quatro horas antes, era uma mulher circunspecta, consciente de cada cacho de cabelo que escapava de seu coque, preocupada com a impropriedade de aceitar um livro de presente dele, desconfortável quando ele a chamava por seu primeiro nome e temendo ser vista no carro dele. Agora temia que ele não dividisse a cama com ela de novo.

Quando o sr. Rainwater bateu na porta, ela praticamente voou através do quarto. Abriu a porta e ele deslizou para dentro.

— Elas o ouviram?

— Acho que não.

Ella foi tomada por uma súbita timidez, mal conseguindo respirar, tentando distinguir a forma dele na escuridão. Mas então ele a puxou para si. Quando os lábios deles se encontraram, sua timidez desapareceu.

O desejo que sentiam um pelo outro era tanto que nem mesmo se despiram, o que fez o ato sexual febril parecer ainda mais ilícito do que na noite anterior, quando eles haviam lenta e quase reverentemente ajudado um ao outro a tirar suas roupas antes de se deitarem juntos. De algum modo, despirem-se parecera mais decoroso do que agora, quando o agarramento e a apalpação sobre suas roupas produzia gemidos de prazer misturados com frustração.

Somente depois eles realmente se despiram. Mas sua nudez incitou novamente suas paixões, e suas mãos não conseguiam ficar paradas. Quando beijos os deixavam sem fôlego, a boca do sr. Rainwater se movia para os seios dela. Ela envolveu a cabeça dele em seus braços e o manteve junto a si, desejando que seus seios tivessem leite para poder nutri-lo, sustentá-lo e curá-lo.

A tristeza a dominou súbita e cruelmente. Ela começou a soluçar:

— Não me deixe.

Ele ergueu-lhe a cabeça e a tocou no rosto, sentindo as lágrimas.

As mãos dela o agarraram.

— Você não pode me deixar. Não pode.

— Ssh, Ella.

— Ah, meu bom Deus, por favor. — Ela o abraçou com força, desejando louca e desesperadamente mantê-lo consigo para sempre. — Não vou suportar se você me deixar. Diga que não vai fazer isso. Jure que não vai.

— Ssh. Ssh. — Ele a segurou junto a si, embalando-a nos braços como se fosse uma criança e roçando os lábios nos dela. — Não me peça a única coisa que não posso lhe dar, Ella. Se pudesse, eu daria. Mas a única coisa que não posso lhe dar é tempo.

Ele continuou a segurá-la até ela se aquietar. Quando finalmente a empurrou para trás para poder olhá-la, afastou fios de cabelo de seu rosto e passou os polegares por suas bochechas.

— Esta é a primeira e a última vez que amo. E isto é perfeito, Ella. Perfeito.

O coração de Ella estava apertado a ponto de estourar, tão apertado que ela não conseguia falar, mas ele entendeu seus sentimentos sem que ela tivesse de dizer uma só palavra.

Ele entendia tudo.

Na manhã seguinte, Ella sentiu vergonha daquela explosão emocional. Tinha lhe pedido o impossível e sabia que partia o coração dele, tanto quanto o dela, não poder satisfazer esse forte desejo. Mas concentrar-se em seu colapso nervoso e se punir por isso seria uma perda ainda maior de seu tempo juntos. Então ela tirou isso da mente e pensou no milagre de fazer amor com ele e para ele. Amá-lo era a melhor das dádivas.

Depois do café da manhã, ele se ofereceu para ajudá-la na limpeza, e ela aceitou. Não porque precisasse de ajuda na ausência de Margaret, mas para poderem partilhar o mesmo ambiente. Ele ficou de olho em Solly enquanto Ella cuidava da casa. Alguns dias antes, teria sido muito importante para ela que um tampo de mesa fosse impecavelmente polido ou cada canto fosse perfeitamente varrido.

Mas suas prioridades mudaram. Ela só fez o que era preciso para manter a casa arrumada e nada mais, sem querer passar seu tempo limpando-a quando, em vez disso, podia ficar olhando para o sr. Rainwater. Isso era realmente tudo que queria fazer: olhar para ele e registrar na memória seu sorriso, a mecha de cabelo rebelde, as várias inflexões de sua voz, cada cílio e até mesmo todas as linhas nas palmas de suas mãos.

Depois do almoço, Ella fritou dois frangos, fez salada de batata e assou um bolo para contribuir para a refeição após o funeral do irmão Calvin. O sr. Rainwater ficou na cozinha enquanto ela trabalhava, ajudando-a a cortar e fatiar. Solly brincava à mesa.

Ela fingia... Bem, fingia muitas coisas.

Quando a comida do piquenique ficou pronta, o sr. Rainwater foi para seu quarto trocar de roupa. Ella se vestiu e pôs em Solly sua melhor roupa de domingo.

— Você está muito bonito, Solly! — exclamou a srta. Pearl quando Ella entrou de mãos dadas com o filho na sala onde as irmãs ouviam um concerto no rádio.

Mais uma vez, Ella se surpreendeu por elas não terem notado nada fora do comum. Como isso era possível, quando tudo parecia tão diferente? As mudanças que amar o sr. Rainwater causaram eram tão vitais que não dava para acreditar que fossem imperceptíveis. Até mesmo quando estavam separados, Ella sentia o corpo dele contra o seu, como se tivesse deixado nele uma marca indelével. Perguntou-se como isso podia ser invisível.

— A mesa está posta e há uma travessa de frango frito na mesa da cozinha — disse ela às duas irmãs. — Tem salada de batata, salada de pepino e chá na geladeira. Se eu me esqueci de algo, por favor se sirvam. Lavarei seus pratos quando voltar.

— Ainda tenho dúvidas sobre se é... apropriado a senhora ir a esse funeral. — A expressão da srta. Violet era a de uma professora repreensiva. Seus lábios estavam tão franzidos que Ella se perguntou como ela conseguia falar.

— Minha irmã está certa, sra. Barron. Isso poderia não ser seguro — acrescentou a srta. Pearl, por algum motivo sussurrando.

— Será perfeitamente seguro.

A srta. Violet deu um longo suspiro.

— Bem, se está determinada a ir...

— Estou.

— Então fico feliz pelo sr. Rainwater acompanhá-la.

— Eu também — disse Ella.

Então o sr. Rainwater apareceu, carregando a cesta de piquenique e uma caixa de bolo. Ella pegou a caixa.

— Tenham uma boa noite — disse ele, tocando o chapéu. Então acompanhou Ella e Solly até a porta da frente e o seu carro.

Eles chegaram cedo, mas a igreja já estava cheia. Carros e carroças atreladas a mulas estavam ao longo da rua ocupando quarteirões nas duas direções. Todos os bancos da igreja tinham sido ocupados. A sala em que as pessoas ficavam em pé também se revelou inadequada, por isso havia uma multidão no pátio, olhando para dentro através das janelas.

Muitas das pessoas que Ella reconheceu da favela preferiram ficar do lado de fora. Alguns brancos também, aparentemente partilhando as mesmas reservas das irmãs Dunne em relação ao seu comparecimento. Estavam ali, mas em sua maioria agrupados e isolados. O coração de Ella se enterneceu ao ver Lola e Ollie Thompson e o sr. e a sra. Pritchett entre os que estavam dentro da igreja.

Devido às circunstâncias da morte do pregador, Ella tinha pensado que fosse haver autoridades policiais próximas para evitar que surgisse um confronto de qualquer um dos lados, mas não viu ninguém de uniforme.

O sr. Rainwater também estranhou a ausência de representantes da lei, e comentou a esse respeito:

— Como o xerife está cooperando com os criminosos, eu esperava que ele mantivesse distância. Mas estou surpreso por ter feito isso. Achava que ele e seus assistentes fossem estar por perto, nem que apenas para intimidar. Ou até mesmo se alegrar com a desgraça alheia.

Jimmy surgiu à porta aberta e fez um sinal para que eles fossem para onde Margaret lhes guardara lugares. Ella temeu que Solly entrasse em pânico quando foi espremido entre ela e o sr. Rainwater, mas, quando o menino começou a bater com as mãos nos ouvidos e a mostrar os primeiros sinais de um ataque, o sr.-Rainwater tirou várias moedas do bolso e as espalhou sobre a capa gasta de um livro de hinos. Solly imediatamente se concentrou em rearrumar as moedas a seu gosto.

Ella sorriu para o sr. Rainwater por sobre a cabeça do filho. Ele lhe sorriu de volta.

Ela comparecera à cerimônia do funeral do marido de Margaret, por isso não se surpreendeu com as manifestações vocais de dor. A jovem viúva do irmão Calvin estava inconsolável. O coro cantou alto durante um longo tempo. Parecia que todos que haviam conhecido o pregador foram chamados para fazer um discurso fúnebre, e depois que os oradores escolhidos tiveram seu tempo no púlpito, aqueles que desejavam falar foram convocados a fazer isso, e muitos fizeram. A homilia do pregador convidado se transformou em um longo sermão.

Milagrosamente, Solly permaneceu quieto e dócil, ocupado com as moedas durante toda a cerimônia. A roupa de baixo de Ella ficou molhada de suor. Ela usou o leque que recebera ao entrar, mas isso não foi suficiente. O calor dentro

da igreja aumentava à medida que a cerimônia avançava.

Porém, seu desconforto não era nada comparado com o do sr. Rainwater. Primeiro Ella o viu se remexendo. Depois notou que ele colocava frequentemente a mão dentro do paletó para esfregar o lado do corpo. Seu rosto se tornou pálido e banhado de suor, que ele enxugava com um lenço, às vezes pressionando-o com força contra os lábios.

Ele a pegou observando-o e sorriu tranquilizadamente.

— É só uma pontada — disse com os lábios.

Mas Ella sabia que era mais do que isso. Por mais que admirasse o irmão Calvin, desejava que a cerimônia terminasse logo para poder levar o sr. Rainwater para casa. Insistiria para que tomasse uma injeção para aliviar a dor evidente que sentia. Talvez eles parassem no consultório do dr. Kincaid antes de ir para casa.

Assim que o último amém foi dito, Ella conduziu Solly pela nave lateral, ignorando-lhe os protestos ao pegar suas moedas.

— Deixarei a comida que trouxemos — disse ela ao sr. Rainwater quando eles ficaram presos no congestionamento de enlutados.

— Por quê? Solly se sente claustrofóbico devido à multidão. Ele se acalmará quando chegarmos lá fora.

— Não é com Solly que estou preocupada. Sei que você está com dor.

— Eu estou bem. — Vendo a consternação de Ella, ele apertou-lhe disfarçadamente a mão. — Eu estou bem e iríamos ferir os sentimentos de Margaret se não ficássemos.

Então eles ficaram. Não houve nenhum serviço religioso no cemitério porque o caixão do irmão Calvin seria transportado para Houston, onde seria o sepultamento. As mesas estavam postas sob as árvores que sombreavam o pátio traseiro da igreja. Enquanto o sr. Rainwater ficava de olho em Solly, Ella acrescentava a comida deles à que os outros haviam trazido.

As pessoas da favela começaram a ir embora, mas o sr. Simpson, o decano cuja oficina fora destruída na noite anterior, ficou em pé sobre um pedaço de tronco e anunciou que todos estavam convidados a participar da refeição, mesmo se não tivessem contribuído para ela. As pessoas que tinham vindo de mãos vazias hesitaram em aceitar o caridoso convite, mas, no final das contas, a fome foi mais forte que seu constrangimento, e elas se aproximaram para entrar na fila.

— Não é tão bom quanto o seu — disse o sr. Rainwater ao morder uma coxa de frango frito. — Mas a notícia deve ter se espalhado. O prato que você trouxe estava vazio.

Eles tinham ficado na fila para pegar comida, e depois Ella estendera uma colcha em um local relvado na beira do pátio traseiro. O sr. Rainwater parecia se sentir um pouco melhor. Não suava tanto, mas ainda havia um brilho de transpiração em seu rosto. Estava com a pele pálida como cera e a borda dos lábios branca. Com a mesma aparência do dia em que ela o encontrara deitado na cama com uma dor lancinante.

— Não está com fome? — perguntou ele, apontando com a cabeça para o prato de Ella. Ela mal tocara na comida.

— É o calor, eu acho. — Mas não era a temperatura. Era ele. Estava terrivelmente preocupada com ele.

Ele percebeu a mentira.

— Não se preocupe comigo, Ella.

— Não posso evitar.

— Eu a amo por sua preocupação, mas não quero lhe causar nenhum momento de tristeza. Nunca.

Olhando no fundo dos olhos dele, Ella disse roucamente:

— Você causará.

Ele voltou à coxa de frango em seu prato. Olhando para o espaço próximo, disse:

— Então eu nunca deveria ter me aproximado de você.

Ela balançou furiosamente a cabeça.

— Não. Ah, não. Isso seria como não ler o livro devido ao seu final triste. Eu tive uma escolha. — Sem se importar em ser vista, estendeu o braço e acariciou-lhe o rosto até ele encará-la de novo. — Eu não perderia a chance de amá-lo. Por nada neste mundo.

Eles olharam nos olhos um do outro, comunicando-se sem palavras, desligados de seu ambiente e do que acontecia ao redor. O encanto foi quebrado quando, simultaneamente, perceberam o desassossego de Solly.

— Ele precisa ir ao banheiro. — Ella se levantou e pegou a mão do filho.

— Onde fica o mais próximo?

— Acho que em uma casinha atrás da igreja. Voltarei logo.

— Limparei isto aqui e a encontrarei no carro.

O sol havia se posto. As estrelas eram visíveis. A lua parecia um prato de porcelana acima dos telhados. A multidão diminuía consideravelmente. Até mesmo aqueles que haviam ficado para tirar as mesas, os pratos e o lixo tinham ido embora.

Margaret e Jimmy passaram no carro velho dele. Margaret acenou, gritando:

— Eu a verei amanhã o mais cedo possível!

Apressando Solly, Ella o levou pela mão para os fundos do prédio. As duas casinhas ficavam um pouco afastadas da igreja. Uma se destinava aos homens e outra, às mulheres. Ela sabia que ambas seriam igualmente horríveis, e temia levar Solly para qualquer uma delas.

Estava escuro atrás da igreja, onde a área era fechada por altos arbustos. Ella pensou em deixar Solly entrar nos arbustos, mas sabia que ele empacaria devido à sua meticulosidade inata. Além disso, não queria arriscar que fosse visto urinando ao ar livre. Se um garoto normal fizesse isso, as pessoas ririam e diriam que garotos são assim mesmo. Se Solly fosse apanhado fazendo isso, no entanto, não havia como saber quais seriam as repercussões. Poderiam dizer que, como ele não era certo da cabeça, era um depravado.

O mau cheiro a atingiu quando Ella abriu a porta frágil do banheiro feminino. Prendendo a respiração, guiou Solly para dentro. O cubículo estava escuro, o que provavelmente era uma bênção, mas tornava difícil desabotoar o short dele. Feito isso, ela o pôs na frente do buraco. Ele mal tinha altura suficiente para transpor o assento, mas fez o que tinha de fazer sem percalços.

Ella abotoou rapidamente o short do filho.

— Bom trabalho, Solly. Bom trabalho. — Tinha de se lembrar de lavar as mãos de ambos com sabonete e água quente assim que chegassem em casa. Se conseguisse convencer o sr. Rainwater a parar na casa do dr. Kincaid, poderiam lavá-las lá.

Determinada a persuadir o sr. Rainwater a ver o médico ainda naquela noite, saiu com Solly pela porta e a fechou rapidamente atrás deles.

— Olá, Ella.

Ela se virou, surpresa. Conrad Ellis estava ali, o ombro casualmente apoiado na parede externa do banheiro. Tinha o distintivo de assistente preso na camisa do uniforme e usava um coldre de couro com uma pistola. Sua marca de nascença parecia escura como tinta à luz tênue. Um cigarro pendia de seus lábios, que formavam um sorriso insolente.

Conrad inclinou a cabeça na direção do pequeno banheiro.

— Os negros sabem como fazer um lugar feder, não é?

— O que está fazendo aqui?

— Meu dever oficial — respondeu ele, batendo com o dedo indicador no cabo da pistola como um pistoleiro prestes a sacá-la. — Impedindo que os negros se tornem violentos.

O coração de Ella estava batendo forte e rápido, mas ela percebeu que a pior coisa que poderia fazer era demonstrar seu medo. Pegou Solly firmemente pela

mão e começou a se afastar rapidamente.

Mas Conrad não estava disposto a aceitar isso. Deu um passo para a frente dela, bloqueando seu caminho.

— O que está acontecendo com você ultimamente? Está pensando que seu cocô *não* fede? É boa demais para cumprimentar gentilmente um velho amigo?

— Se eu cumprimentá-lo gentilmente, sairá do meu caminho?

Ele tirou o cigarro da boca e o atirou na relva, amassando-o com a ponta do sapato enquanto dava um passo na direção dela.

— Isso depende.

— Depende do quê?

Ele a olhou com malícia.

— Do quanto você estiver disposta a ser gentil.

Ella entendeu imediatamente a intenção dele. Abriu a boca para gritar, mas ele deu o bote e a arremessou contra a parede do banheiro, pondo uma das mãos sobre sua boca.

Algo caiu com força no chão ao seu lado, e ela percebeu que, em seu movimento para frente, Conrad derrubara Solly. O modo como Conrad a prendeu contra a parede tornou impossível para Ella mover os braços, mas ela estendeu os dedos o máximo que pôde, tentando desesperadamente tocar no filho enquanto lutava para livrar sua boca da mão de Conrad. Sobrepujá-lo seria impossível, mas, se conseguisse gritar, alguém a ouviria.

— Você deveria ser mais gentil comigo, Ella, realmente deveria. — Agora totalmente seguro de si, ele começou a arfar feito um animal. — Como é gentil com aquele seu hóspede. Como pode lhe dar o que nunca me deu? — O hálito molhado de Conrad cheirava a uísque, mas ela não conseguiu afastar seu rosto.

Um som de revolta surgiu da garganta de Ella quando ele apertou-lhe o seio com a mão livre, mas isso só o fez ser ainda mais rude:

— Como pode preferir aquele maricas a mim? Se você queria um homem, por que não me telefonou?

Conrad conseguiu pôr a mão entre os corpos deles e empurrá-la para entre as pernas dela. Ella tentou evitar as brutais investidas, mas não podia ir para trás e ele a apertava com tanta força que ela nem mesmo conseguia se mover de um lado para outro. A inexorável fivela do coldre de Conrad machucava sua barriga.

E Solly, estaria machucado? Quando foi atirado ao chão, desmaiara? Ella tentou vê-lo pelo canto dos olhos, mas todo o seu campo de visão estava preenchido pelo rosto de Conrad, congestionado de raiva, inchado de álcool, os olhos pequenos chispando de ressentimento e crueldade.

Ella ouviu, vindo de algum lugar não muito distante, o som de motores em movimento, um assobio agudo e alguém chamando o nome de Conrad. Ou ele não ouviu, ou o ignorou. Grunhindo com o esforço, afastou os pés de Ella com os dele, tornando impossível para ela fechar as pernas. Para seu horror, percebeu que ele estava tentando abrir o fecho das calças e murmurando palavrões quando não conseguia.

A mente de Ella gritava: *Isto não pode estar acontecendo comigo*. Mas estava, *aconteceria*, e não podia impedi-lo.

Subitamente, ela parou de lutar e seu corpo amoleceu. Confuso, Conrad cambaleou para trás. Foram apenas alguns centímetros e ele a soltou somente um pouco, e marginalmente, mas Ella usou essa fração de segundo de confusão de Conrad para bater com o joelho entre as pernas dele.

Conrad abriu a boca para gritar, mas só emitiu um gemido de dor. Segurou a virilha com as duas mãos e caiu sobre seus joelhos, e depois de cara no chão. Ella cobriu o rosto com as mãos, em parte para bloquear a visão dele se contorcendo de dor aos seus pés e em parte para retomar o fôlego, desacelerar seus batimentos cardíacos e se recuperar.

Ella ouviu o ronco de motores se aproximando, o ranger de freios, homens rindo e gritando bêbados. A turma de Conrad. Tinha de se mover, escapar antes de seus amigos chegarem. Mas ainda não conseguia se mexer. Precisava de mais alguns segundos para se recuperar.

— Ella?

O nome dela. Gritado pela voz do sr. Rainwater. Sua voz amada. Aquele foi um som abençoado que chegou até ela apesar dos gemidos sufocados de Conrad.

— Ella?

Os gemidos de Conrad se intensificaram.

E então houve outro som. Um som abrupto de quebra inexplicavelmente úmido, como o esguicho de um melão maduro sendo golpeado.

Os gemidos de Conrad cessaram imediatamente.

Ella cobriu o rosto com as mãos.

Conrad ainda estava no chão aos seus pés. Mas não se movia mais. A parte de trás de sua cabeça fora aberta bem no centro do crânio. Estava escuro demais para distinguir a cor, mas a matéria granulosa dentro da fenda brilhava, e o líquido que escorria dela e empoçava no chão parecia escuro como óleo de motor refletindo o luar.

Sobre ele estava Solly, com uma grande pedra suja de sangue nas mãos.

Ella levou a mão à boca, embora continuasse a fazer sons estranhos de

profundo terror. Caiu de joelhos, olhando alternadamente para o crânio aberto de Conrad e o rosto plácido e angelical de seu filho.

— Ella!

Ela viu os sapatos do sr. Rainwater parando ao lado da forma imóvel de Conrad. O ar saiu do corpo dele em um fluxo audível. O sr. Rainwater se ajoelhou ao lado de Solly, e Ella o observou tirando das mãos pequenas de seu filho a pedra com que esmagara o crânio de Conrad Ellis. Somente então ergueu os olhos para encontrar os do sr. Rainwater, e viu neles a mesma incredulidade e alarme que havia nos seus.

— Bom trabalho, Solly.

Eles se viraram ao mesmo tempo e olharam perplexos para o garoto, que dissera aquelas palavras. Solly estava olhando para baixo, para o dano que causara, sem ter nenhuma compreensão do que aquilo significava, exceto o fim do sofrimento, e dizendo as palavras de elogio que recentemente lhe tinham sido repetidas com tanta frequência. Elas haviam penetrado em sua mente, sido registradas, e agora ele as trazia à tona.

— Bom trabalho, Solly. Bom trabalho, Solly. Bom trabalho, Solly.

— Ah, *Deus!* — Ella se arrastou para Solly e o abraçou, apertando o rosto dele contra seus seios e abafando sua ladainha incriminatória. Tendo vivido para o dia em que o ouviria falar, agora queria calar sua doce voz, silenciar aquela cantilena que o condenaria.

— Ssh, Solly. Ssh. Não, querido, não.

Na rua na frente da igreja, eles ouviram gritos e risadas, portas de carros batendo, vidros quebrando, pessoas correndo. A luz de uma lanterna tremeluziu através das árvores.

Alguém gritou em uma voz cantada:

— Con-rad? Onde está você?

— Saia, saia de onde estiver.

— Vamos bater nos negros!

Agora Solly estava gritando e tentando escapar do abraço de Ella. Batia com as mãos nos ouvidos como se fossem as asas de um pássaro ferido. Por cima da cabeça do filho, Ella olhou desesperadamente para o sr. Rainwater. Eles se olharam fixamente por não mais do que alguns segundos.

E então o sr. Rainwater fez uma coisa muito estranha.

Ele mergulhou as mãos no sangue empoçado sob a cabeça de Conrad.

Ella o olhou boquiaberta enquanto ele se levantava devagar com a pedra nas mãos e se virava na direção do grupo de homens que agora dava a volta correndo

ao redor da igreja, liderado pelo próprio xerife.

Ainda a vários metros de distância, um dos homens parou subitamente.

— Que diabos? Conrad?

Um a um, os outros viram o que fizera seu amigo parar.

Eles olharam para Ella, Solly e o sr. Rainwater, tentando registrar o que suas mentes se recusavam a aceitar.

Então avançaram um a um, gritando e praguejando. Dois deles partiram para cima do sr. Rainwater, derrubando-o e esmurrando-o.

— Parem! Não! — gritou Ella. — Deixem-no em paz!

Mas ninguém a ouvia. Eles eram como cães raivosos, salivando, esperando sua vez para atacar o sr. Rainwater.

— Parem, parem! — O xerife Anderson abriu caminho às cotoveladas, afastando-os até tirar o último homem de cima do sr. Rainwater. Agarrando-o pelos braços, ele o colocou em pé. Mas o sr. Rainwater não conseguia ficar em pé sozinho, por isso dois dos homens o seguraram enquanto o xerife empurrava-lhe as mãos ensanguentadas para trás e o algemava. A cabeça do sr. Rainwater estava caída sobre o peito. Um filete de sangue escorria de seu lábio inferior. Ele cambaleava.

Ella, finalmente entendendo o que estava acontecendo, emitiu um som agudo e depois gemeu:

— Não.

O xerife se virou para ela.

— Um destes homens levará a senhora e seu filho para casa, sra. Barron. Ficarão com a senhora até eu prender este homem. Depois irei interrogá-la.

— Não! O sr. Rainwater não fez nada.

— Ella.

— Não foi...

— Ella.

Ella olhou desesperadamente para o homem que dizia seu nome como ninguém jamais dissera. Ele agora estava com a cabeça erguida. Olhava diretamente para ela. Calmamente, disse:

— Faça o que o xerife disse. É assim que tem de ser.

Em pé ali, ofegante e entre soluços secos, ela pouco a pouco compreendeu o que ele pretendia fazer, e balançou furiosamente a cabeça.

— Não!

Tanto quanto ela estava perturbada, ele estava tranquilo.

— Está tudo bem.

Ella baixou os olhos para Solly, que, desde que o havia soltado, se acalmara e não estava mais gritando, mas ainda batia com as mãos dos lados da cabeça e sussurrava:

— Bom trabalho, Solly.

Então ela olhou para o homem que a tocara.

A imagem dele começou a tremular enquanto seus olhos se enchiam de lágrimas. Ela balançou a cabeça de novo, dizendo debilmente:

— Não, não.

Os olhos dele nunca pareceram mais serenos. Certamente nunca mais amorosos. Ele balançou a cabeça devagar. Seus lábios se moveram e ela leu a palavra neles. *Sim*.

EPÍLOGO

— Ele morreu antes que pudessem executá-lo.

Durante a última hora, o casal não havia se movido. Estava escurecendo, mas a passagem do tempo não fora percebida. A mulher fungava. Seu marido lhe entregou um lenço. Ela lhe agradeceu e enxugou delicadamente o nariz.

— Esse relógio de bolso é dele? — perguntou ela. — Do sr. Rainwater.

O antiquário fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Ele pediu ao dr. Kincaid para gravar no relógio a data em que o havia levado à casa da minha mãe e os apresentado. — Ele passou os dedos nos caracteres gravados no ouro. — Depois que o xerife o levou naquela noite, eles nunca mais se viram.

— Ela deve ter ido ao julgamento dele — disse a mulher.

— Não houve um julgamento. Ele confessou. Recusou-se a vê-la na prisão. Não queria deixá-la com aquela lembrança dele. O dr. Kincaid levava e trazia as mensagens que trocavam.

— Por quanto tempo ele viveu? — perguntou o homem.

— Cinco semanas. Não teve de sofrer por um longo tempo.

A mulher pegou a mão do marido e a apertou com força.

— Provavelmente sua mãe sofreu mais do que ele.

— Ela queria desesperadamente vê-lo, mas mais tarde entendeu que, como sempre, ele sabia o que era melhor. Ela me disse que não achava que poderia ter sobrevivido à visão da morte dele.

— Como ela se recuperou?

— Depois que ele morreu, minha mãe ficou chocada ao saber que lhe deixara tudo que tinha. Nem todas aquelas tardes foram passadas com Ollie Thompson e o irmão Calvin. Algumas ele passara pondo seus assuntos em ordem. — O velho sorriu. — Minha mãe era uma mulher bem à frente do seu tempo e fez bom uso da herança. Assim que pôde, fechou a casa de pensão e se mudou para o norte do Texas, onde começou a replantar algodão na terra do sr. Rainwater. Ela o colhia, descaroçava e vendia. Também atuou como corretora para outros proprietários de terras, como ele havia feito.

“Alguns anos depois, usou os lucros para construir uma fábrica de produtos têxteis. Tornou-se muito rica e respeitada. Recebeu, ah, nem consigo me lembrar

de todas as condecorações e todos os prêmios. Empresária de destaque, cidadã do ano, honrarias desse tipo.”

— Notável — disse a mulher, com admiração.

— Ela era, realmente. — Mais uma vez, o velho tocou saudosamente em seu relógio. — Uma vez minha mãe me disse que foi preciso um homem moribundo para ensiná-la como viver. Antes do sr. Rainwater, resignara-se a ter uma vida de quase aprisionamento. Ele a libertou. De todos os modos.

— Ele era por si mesmo notável — observou o homem. — Morreu como um homem condenado quando era inocente. Sei que, de qualquer maneira, teria morrido logo. Ainda assim, fez um enorme sacrifício pelo senhor.

O velho dividiu um olhar intrigado entre eles, e depois percebeu por que estavam confusos.

— Ele fez o sacrifício por *Solly*.

— Mas o senhor não é...?

A mulher baixou os olhos para o cartão de visita que ele lhe dera.

— Presumi... pelo nome da loja...

— É em honra do meu irmão. Meu nome é David. David Rainwater Barron.

Eles o olharam espantados.

— O senhor é filho dele? — sussurrou a mulher.

— Sou.

Ela começou a chorar de novo, desta vez de alegria. O marido pôs o braço ao seu redor e perguntou:

— O que aconteceu com *Solly*?

— Depois de se mudar para o norte do Texas, minha mãe foi visitar uma escola em Dallas. Tinha uma ótima reputação e aceitou *Solly*. Partiu-lhe o coração deixá-lo ali, mas sabia que era o melhor para ele. A barreira da linguagem havia sido rompida na noite em que Conrad Ellis foi morto. Por fim, *Solly* acabou falando quase normalmente, embora de vez em quando ainda tropeçasse em palavras ou frases.

— Ele se lembrou ou algum dia soube...

— Do que fez? Não. Minha mãe nunca o oprimiu com essa verdade.

— Ele algum dia aprendeu a ler, como ela esperava que fizesse?

— Sim. Ele entendia conceitos matemáticos que confundiam a maioria das mentes, e foi capaz de construir modelos complicados de prédios e pontes, mas nunca conseguiu direcionar essas habilidades para nenhuma vocação. Talvez agora, com o conhecimento avançado e entendimento do autismo, pudesse ter conseguido. Mas o problema dele só recebeu um nome em meados da década de

1950.

“Quando ele estava velho demais para ficar na escola, minha mãe o trouxe para casa. Tinha uma auxiliar de enfermagem que cuidava dele enquanto ela trabalhava. Solly viveu feliz até o dia em que morreu, súbita e inesperadamente, com a idade de 32 anos, de uma anormalidade cardíaca que ninguém sabia que tinha.

“Naturalmente, nós sofremos. Mas quando eu ficava inconsolável, minha mãe me lembrava de que Solly teve uma vida muito melhor do que ela poderia ter sonhado que teria, e devia isso ao sr. Rainwater. Ele sabia o que teria acontecido com Solly se alguém suspeitasse de que matara Conrad Ellis. Solly teria sido arrastado e trancafiado em uma instituição para loucos criminosos e provavelmente sofreria abusos cruéis todos os dias enquanto vivesse. Naquele último momento partilhado, meu pai fez minha mãe perceber que o único modo de Solly poder ter uma vida era deixá-lo fazer o sacrifício.”

O casal ficou quieto por algum tempo e depois o homem olhou de relance para seu relógio.

— Temos de ir. — Ele estendeu a mão e o velho a apertou. — Foi uma tarde fascinante. Obtivemos muito mais do que esperávamos quando decidimos parar.

O antiquário contornou o balcão e os levou até a porta, onde a mulher o abraçou espontaneamente, o que o agradou muito.

— Adeus — disse ela. — Foi um prazer.

— Para mim também. Adeus.

Eles já estavam quase no carro quando ela se virou para trás.

— O sr. Rainwater ficou sabendo do senhor?

Ele sorriu.

— O dr. Kincaid só conseguiu lhe dizer horas antes de sua morte. Enfraquecido como estava, ele escreveu uma carta para minha mãe. Ela sempre a guardou junto ao corpo. Nunca ficou sem ela. Sem ele.

Lendo a pergunta nos olhos deles, o velho balançou a cabeça.

— Ela me contou tudo que eu lhes contei, mas nunca o conteúdo daquela carta. Estou certo de que a mensagem lhe era cara demais para ser partilhada. Minha mãe foi enterrada com a carta e o exemplar de *Adeus às armas* que ele lhe dera.

O velho olhou para o relógio na palma de sua mão e depois o apertou fortemente com os dedos.

— O relógio dele, ela me deu.

Título original
RAINWATER

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação da autora, foram usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com acontecimentos reais ou localidades ou pessoas, vivas ou não, é mera coincidência.

Copyright © 2009 by Sandra Brown Management Ltd.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida no todo ou em parte sob qualquer forma.

Primeira publicação nos EUA pela Simon & Schuster, Nova York.

Edição brasileira publicada mediante acordo com
Maria Carvainis Agency, Inc. e Agência Literária Riff Ltda.

Copyright da edição brasileira © 2012 by Editora Rocco Ltda.

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax:(21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

B897c Brown, Sandra, 1948 -

Como água de chuva [recurso eletrônico] / Sandra Brown ; tradução Maria Clara de Biase. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2013. recurso digital

Tradução de: Rainwater

Formato: ePub

Requisitos no sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8122-159-5 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. De Biase, Maria Clara. II. Título.
12-8365.

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Edição digital: novembro 2012

Arquivo ePub produzido pela **Simplíssimo Livros**

SANDRA BROWN é autora de diversos bestsellers de suspense, todos publicados pela Rocco. A autora vive com o marido em Arlington, Texas.

Visite seu website: www.sandrabrown.net



Estrada dos Livros

Me dê um livro, que eu lhe dou um sonho